



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro Biomédico
Instituto de Medicina Social

Gustavo Santa Roza Saggese

**Quando o armário é aberto: visibilidade
e estratégias de manipulação no *coming
out* de homens homossexuais**

**Rio de Janeiro
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Gustavo Santa Roza Saggese

Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no *coming out* de homens homossexuais

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luis Carrara

**Rio de Janeiro
2009**

C A T A L O G A Ç Ã O N A F O N T E
U E R J / R E D E S I R I U S / C B C

S129 Saggese, Gustavo Santa Roza.

Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais / Gustavo Santa Roza Saggese. – 2009.

102f.

Orientador: Sergio Luis Carrara.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Homossexualismo masculino – Teses. 2. Homossexuais masculinos – Atitudes – Teses. 3. Homossexualismo masculino – Aspectos sociais – Teses. 4. Homofobia – Teses. I. Carrara, Sergio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 613.885

Gustavo Santa Roza Saggese

Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no *coming out* de homens homossexuais

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde

Aprovado em 29 de abril de 2009.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Sérgio Luis Carrara (Orientador)
Instituto de Medicina Social da UERJ

Prof^a. Dr^a. Jane de Araújo Russo
Instituto de Medicina Social da UERJ

Prof. Dr. Peter Henry Fry
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ

Prof. Dr. Veriano Tertó Jr.
Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS

Rio de Janeiro
2009

Para Letícia, na esperança de que venha a crescer em um mundo mais tolerante.

AGRADECIMENTOS

A Sérgio, meu orientador, por toda a paciência, dedicação e confiança que depositou no meu trabalho.

À CAPES, pela bolsa de estudos.

Aos professores Jane Russo, Peter Fry e Veriano Terto Jr., por terem me acompanhado nesta trajetória e aceitado participar da banca de defesa.

Às professoras Fabíola Rohden e Márcia Arán, pelas substanciais contribuições na minha formação em Saúde Coletiva.

Aos meus informantes, que gentilmente concederam seu tempo e disponibilidade para a realização das entrevistas.

A Felipe, pelo companheirismo e paciência inestimáveis.

Aos colegas do IMS, e mais especialmente, Vanessa Leite, Bianca Alfano, Maria Mostafa, Ana Paula Melo, Marina Nucci, Daniela Murta, Livi Faro, Marcos Nascimento e Marcos Carvalho, pelas valiosas trocas acadêmicas e “viagens” dos mais variados tipos.

A Edson, meu pai, que nunca deixou de acreditar no meu potencial, e à minha mãe (*in memoriam*), pela mesma razão.

À minha madrinha, Neyza, pela colaboração na revisão e por todo o amor que sempre me dedicou.

A Aline, pelo carinho.

A Carmem e Iara, pela amizade fraternal.

A Sueli e Anna Elisa, pelo apoio imprescindível, especialmente nos momentos mais difíceis.

A Leandro, pelo incentivo.

A Sabrina, que de forma muito dedicada, me “socorreu” na reta final.

A Isabela, sempre presente e preocupada.

Aos meus tios, Alfredo e Cyrene, por todo o cuidado e amor.

A Mariana, que mesmo estando a um oceano de distância, continua no rol dos amigos mais queridos.

A Robert, que me ajudou a refletir sobre questões de suma importância.

A toda a equipe do CLAM, e mais especialmente, Jacqueline e Fábio, sempre gentis e prestativos.

Aos funcionários da secretaria do IMS que, sem exceção, vêm me ajudando nas muitas dúvidas e solicitações desde o início do mestrado.

E, finalmente, a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, colaboraram, talvez mesmo sem saber, para que a realização deste trabalho fosse possível.

We build too many walls and not enough bridges.

Isaac Newton

RESUMO

A partir de nove entrevistas semi-estruturadas, conduzidas entre os meses de abril e outubro de 2008 com homens homossexuais entre vinte e seis e quarenta e dois anos de idade, oriundos de camadas médias e médias baixas do Rio de Janeiro e adjacências, o presente trabalho tem por objetivo compreender as maneiras pelas quais estes indivíduos “se descobrem” atraídos por pessoas do mesmo sexo e buscam meios de lidar com esse desejo. Ao mesmo tempo, procura entender como essa “diferença” se desloca do plano subjetivo e “fala de si”, o que é conhecido como “sair do armário” ou fazer o *coming out*, processo que parece ocorrer de modo descontínuo e incompleto, na medida em que estratégias de manipulação e ocultamento da orientação sexual freqüentemente se mostram necessárias perante os diversos círculos de sociabilidade nos quais se transita regularmente, dentre os quais a família, o ambiente de trabalho e os amigos. A análise do discurso dos informantes, aliada a uma fundamentação teórica de cunho majoritariamente sócio-antropológico, permitiu depreender que há um anseio por reconhecimento, aceitação e respeito. Observou-se também a existência de certos “mapeamentos”, que abrangem preocupações com a aparência, controle de gestos e manifestações de afeto e a evitação de lugares tidos como hostis ou pouco tolerantes, visando a uma redução dos riscos de discriminação e violência.

Palavras-chave: homossexualidade masculina, *coming out*, manipulação, visibilidade, discriminação.

ABSTRACT

Based upon nine semi-structured interviews, conducted between the months of April and October of 2008 with homosexual men between twenty-six and forty-two years old, arising from middle and middle-low classes from Rio de Janeiro and surroundings, this work aims to understand the ways by which these individuals “find themselves” attracted to same-sex people and look for means to deal with this desire. At the same time, it tries to understand how this “difference” is dislocated from the subjective level and “speak up”, what is known as “to come out of the closet” or simply *coming out*, a process that seems to occur in a discontinued and incomplete way, since management and concealing strategies of sexual orientation are frequently required before the various sociability circles in which they move through on a regular basis, among which family, workplace and friends are included. The analysis of the informants’ discourse, combined with a mainly socio-anthropological theoretical foundation, led to conclude that there is a yearn for recognition, acceptance and respect. Certain “mappings”, which cover concerns with appearance, gesture and affection display controls and avoidance of places considered to be hostile or little tolerant, were also observed as a way of lowering discrimination and violence risks.

Keywords: male homosexuality, coming out, management, visibility, discrimination.

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO I – HOMOSSEXUALIDADE, HISTÓRIA E O <i>COMING OUT</i>: ALGUNS FATOS PONTUAIS | 23 |
| O estudo da homossexualidade nas Ciências Sociais | 23 |
| Do sodomita ao gay: homossexualidade e identidade | 24 |
| A construção do “armário e a importância do “assumir-se” | 30 |
| CAPÍTULO II – RECONHECENDO A DIFERENÇA E FALANDO DE SI | 33 |
| Considerações iniciais | 33 |
| “Auto-descoberta” e a família | 35 |
| Amigos, trabalho e espaços públicos | 53 |
| CAPÍTULO III – ARMÁRIOS E ARMADILHAS | 71 |
| Negociando limites | 71 |
| “Mapas de segurança” e percepções de risco | 78 |
| “Mapas corporais”: gênero, raça e a apresentação de si | 81 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 91 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 95 |
| APÊNDICE A – Perfil dos informantes | 101 |
| APÊNDICE B – Roteiro de entrevista | 102 |

Introdução

Um filme americano recente tem chamado a atenção do público e da crítica em vários países do mundo. *Milk – A Voz da Igualdade*, dirigido pelo cineasta Gus Van Sant e estrelado por Sean Penn (que ganhou o Oscar de 2009 na categoria de melhor ator), conta a trajetória política de Harvey Bernard Milk, primeiro gay assumido a ser eleito supervisor da Prefeitura de São Francisco, em 1977 – posição equivalente a de um vereador no Brasil. Assassinado apenas onze meses após assumir o cargo por Dan White, outro supervisor que havia acabado de renunciar, Milk entrou para a história da militância homossexual americana, tornando-se um mártir da luta contra a homofobia. Entre as realizações mais importantes de sua breve carreira política, destaca-se a não-aprovação da *Proposition 6*, elaborada pelo então legislador John Briggs. Inspirado por uma massiva campanha encabeçada pela cantora Anita Bryant, que conseguiu derrubar uma lei recém-criada no condado de Dade, sul da Flórida, proibindo a discriminação por orientação sexual, Briggs tinha por objetivo implantar na Califórnia uma lei exatamente oposta através de referendo popular: professores homossexuais estariam passíveis de serem demitidos sem que qualquer justificativa além de sua preferência por pessoas do mesmo sexo fosse necessária. Aqueles que manifestassem apoio aos colegas de profissão teriam o mesmo destino, ainda que fossem heterossexuais¹. Em novembro de 1978 – poucos dias antes da morte de Milk – a proposta de Briggs foi rejeitada por mais de um milhão de votos, resultado que surpreendeu positivamente a comunidade gay local, pois até então tudo indicava que a proposta seria aprovada.

Muito embora o filme só tenha início em 1970, quando Milk completa quarenta anos e conhece Scott Smith, que viria a se tornar seu companheiro de longa data e com quem se muda de Nova York para São Francisco cerca de dois anos depois, ao longo da narrativa algumas pistas sobre sua vida pré-política são fornecidas ao espectador. Previamente à mudança de cidade, tudo leva a crer que Milk era um homem comum. Empregado de uma companhia de seguros, não parecia ter qualquer interesse especial

¹ Em um ensaio sobre o “pânico moral” que assola os Estados Unidos desde o final do século XIX, Rubin (1993) sugere que “por mais de um século, nenhuma tática a fim de incitar a histeria erótica tem sido mais confiável do que o apelo para proteger as crianças” (“for over a century, no tactic for stirring up erotic hysteria has been as reliable as the appeal to protect children.”) (p. 6, tradução minha), destacando o período que vai da década de 1950 (quando o maccarthismo implantou uma verdadeira “caça às bruxas” contra o que considerava a “ameaça homossexual”) até o início dos anos 80. Durante essa época, incursões policiais em saunas, boates e locais de paquera visados pelos gays eram extremamente comuns em todo o país, incluindo São Francisco. Criou-se assim uma cultura de perseguição que abriu brechas para que a associação entre homossexualidade, depravação e pedofilia fosse amplamente divulgada. Não à toa, o mote da campanha de Anita Bryant em Dade era “Salvem nossas crianças” (“Save our children” no original).

na política ou na defesa dos direitos dos homossexuais. Apesar de presumidamente ter vivido de perto os motins de Stonewall, não há indícios de sua participação. Na realidade, o próprio personagem-título dá a entender sua preferência pela “discrição” antes de se tornar um ativista político nacionalmente reconhecido. Em uma das primeiras cenas do filme, logo após fazer amor com Scott, Harvey Milk o alerta sobre o perigo da polícia nova-iorquina, que estaria “por toda a parte”. Scott então o indaga: “Você tem medo da polícia?”, ao que Milk responde: “Sou apenas discreto. Conheço muitas pessoas; se elas me virem, posso perder meu emprego.”²

Entretanto, é na segunda metade do filme que Milk realmente se vê confrontado com seu passado. Já estamos em 1978 e o clima é tenso, pois a proposta de John Briggs havia acabado de ser anunciada, e Milk se reúne com seus assessores e voluntários para tentar elaborar uma estratégia eficaz a fim de recrutar o maior número de pessoas possível a votar contra a mesma. Tomado pelo calor do momento, Milk se aproxima da pequena multidão reunida em seu comitê e fala:

“Se vamos convencer os 90% a se importarem conosco, os 10%, temos de fazer com que eles saibam quem somos. Todos precisam sair do armário. Em todo o estado; não importa onde viverem. Se vamos derrotar a *Prop 6*, falemos a todos eles que saiam do armário; todo advogado, professor, médico ou apanhador de cachorro gay. Nós precisamos sair do gueto. Precisamos fazer com que todas aquelas pessoas lá fora saibam que conhecem um de nós. E se alguém não quiser sair do armário, nós abrimos a porta.”³ (tradução minha)

Enquanto Scott diz simplesmente: “O estado inteiro não é São Francisco, Harvey.”⁴, Jim Rivaldo, coordenador das duas primeiras campanhas de Milk, o alerta para o perigo da estratégia, pois o direito à privacidade da constituição americana poderia falar mais alto. Milk então rebate:

“Privacidade? Neste movimento, a esta hora – não estou dizendo isso como supervisor – a privacidade é o inimigo. E se vocês querem poder político de verdade, se é isso que vocês querem, tentem dizer a verdade para variar. Começando por aqui. Se há

² “Are you scared of the cops?” “I’m just discreet, I know a lot of people; if they see me, I can lose my job.”

³ “If we’re gonna convince the 90% to give a shit about us 10%, we have to let them know who we are. Everybody has to come out. Across the entire state; no matter where they live. If we’re gonna beat Prop 6 we tell all of them to come out; every gay lawyer, teacher, doctor, dog catcher. We have to leave the ghetto. We have to let all those people out there know that they know one of us. And if somebody doesn’t wanna step out of the closet, we open the door for him.”

⁴ “The whole state isn’t San Francisco, Harvey.”

alguém nesse aposento, agora, que não tenha contado para sua família, seus amigos, seus patrões, que o façam agora.”⁵ (tradução minha)

Um momento de silêncio é seguido pela confissão de um dos assessores que seu pai ainda não sabe sobre sua homossexualidade. Milk pega o telefone e o convence a ligar para ele naquele exato momento.

Algum tempo depois, na mesma noite, Scott se dirige a Milk e pergunta o motivo de toda aquela pressão. Milk afirma que o movimento necessita de pessoas que estejam dispostas a “dar a cara à tapa”, questionando o fato de Scott tê-lo confrontado:

“Por que você estava se opondo a mim ali?”

“São crianças. Você está pedindo a eles que percam suas famílias.”

“Se as suas famílias não os amarem pelo o que eles são, pelo o que realmente são, então eles devem perdê-las.”

“Isso é totalmente insano. Você era o maior caso de armário em Nova York. Você pedia a mim e a todos os seus namorados que ficássemos calados; você está sendo hipócrita.

“Meus pais estão mortos, meu irmão sabia, tenho certeza de que eles sabiam.”

“Quantas vezes eu tive que ouvir telefonemas para a sua mãe em que você negava a minha existência? E você queria ser normal como qualquer um. Mais do que qualquer um.”⁶ (tradução minha)

Não é meu papel julgar a atitude de Milk. Era uma época histórica – pela primeira vez, os homossexuais americanos se viam diante da possibilidade de vencer uma batalha importantíssima. Além disso, é preciso reconhecer que através de sua estratégia vista por alguns como extremista, Milk conseguiu atingir seu objetivo. Em discurso proferido momentos após o anúncio de que Briggs havia sido derrotado, ele afirma entusiasticamente: “Essa noite ficou evidente a todos que eles (os

⁵ “Privacy? In this movement, at this time – I’m not saying this as a supervisor – privacy is the enemy. And if you want real political power, if that’s what you want, try telling the truth for a change. Starting here. If there’s anyone in this room, right now, who hasn’t told their family, their friends, their employers, do it now.”

⁶ “Why were you fighting me in there?”

“Those are kids in there. You’re asking them to lose their families.”

“And if their families don’t love them for who they are, who they really are, then they should lose them.”

“That’s fucking insane. You used to be the biggest closet case in New York. You asked me and all your boyfriends to keep our traps shut; you’re being a hypocrite.”

“My parents are gone, my brother knew, I’m sure they knew.”

“How many times did I have to listen to calls to Mom, where you denied my existence? And you wanted to be normal like anybody. More than anybody.”

heterossexuais) de fato conhecem um de nós”⁷. Não obstante a conquista sem precedentes, é interessante que o filme tenha tido a preocupação em mostrar o “outro lado” da história, não só em relação à vida pré-política de Milk em Nova York, mas também no que tange à dificuldade do “assumir-se” entre alguns de seus colaboradores que, mesmo sendo ativistas do movimento homossexual, permaneciam no “armário” de alguma forma.

No contexto nacional, questões semelhantes se faziam presentes no mesmo período. Em meados da década de 1980, MacRae (1990) defendia sua tese de doutorado com base em um estudo de campo sobre o então incipiente movimento homossexual brasileiro. À época de sua pesquisa, o Brasil vivia uma grande mudança em seu panorama político: após quase duas décadas de um regime ditatorial, um processo de redemocratização começava a se delinear, de modo que vozes antes censuradas puderam finalmente ser ouvidas. Com a nova liberalização, organizações como o feminismo e o movimento negro ganharam maior visibilidade (MacRae, 1990). Aliado a isso, a contracultura norte-americana e européia, que já mostrava sua influência mesmo nos anos de maior repressão, alimentava um ideal de contestação e de valorização da marginalidade. Nesse ínterim, percebia-se uma sensível transformação no comportamento de homens e mulheres homossexuais, bem como no modo pelo qual a homossexualidade era vista pela sociedade. Grupos de militância constituídos por indivíduos que falavam abertamente de si começaram a ganhar força no cenário nacional, buscando novas formas de representação da homossexualidade e procurando difundir seus valores através da atuação política.

Ainda que o objetivo deste trabalho não seja examinar a história do movimento homossexual brasileiro (e muito menos as tendências internacionais que o impulsionaram), não poderia deixar de mencioná-lo em virtude da repercussão que ele teve sobre o grau de exposição dos homossexuais enquanto cidadãos dignos de reconhecimento público e político, o que sem dúvida alguma contribuiu para moldar as relações atuais entre esse grupo e o restante da sociedade, como também as maneiras pelas quais os homossexuais de hoje se percebem. Conforme aponta Parker (2002), os movimentos de luta por direitos exerceram um importante papel na modelagem dos contornos da vida gay urbana, abrindo um leque de possibilidades no sentido de

⁷ “Tonight it has become clear to everyone out there that they do know one of us.”

caracterizá-la não só como um tipo de comportamento sexual, mas também como uma forma de *expressão social*.

A própria idéia de “assumir-se” já era um problema discutido na época em que o *Somos* – primeiro grande grupo brasileiro engajado na militância homossexual – começou a se fortalecer. Em sua pesquisa, MacRae (1990) aponta para “os diferentes graus de exposição pública a que seus integrantes estavam dispostos a submeter sua homossexualidade” (p. 287). Mesmo em uma cidade como São Paulo, onde a possibilidade de adotar um “anonimato relativo” era muito maior e “só raramente se ouvia algum comentário zombeteiro e agressivo” (p. 137), havia um receio de que expor demasiadamente a orientação sexual pudesse acarretar conseqüências negativas, como a perda do emprego⁸. Ainda de acordo com o autor,

Embora o Somos nunca tenha explicitamente adotado uma política de “se assumir” a qualquer custo, na prática, ingressar no grupo implicava em deixar muito mais visível a identidade homossexual. A possibilidade de serem chamados a atuar publicamente, comparecendo a manifestações, carregando faixas ou dando entrevistas, intimidava muitos que preferiam ser “mais discretos” e portanto não entravam no grupo para não se exporem demais. (idem, p. 288)

Não por acaso, as divergências em relação ao “assumir-se” foram um dos fatores que colaboraram para o esfacelamento do grupo, que dois anos após sua fundação já se encontrava permeado por muitas clivagens (MacRae, 1990). Embora esse problema não tenha sido o único responsável pela sua desagregação, a ênfase constante na necessidade de se aliar o “privado” ao público tornou o *Somos* ainda mais vulnerável, pois:

[...] Muitas vezes a legitimidade, então estendida à mistura de debate político, no seu plano mais abstrato e generalizante, com as divergências e simpatias de cunho afetivo, servia para potencializar o poder desagregador dessas discordâncias e desentendimentos dentro dos grupos. Ocorria a tendência das divergências que surgissem nos dois níveis se alimentarem mutuamente, levando à situação de grande polarização de posicionamentos dentro do grupo. (idem, p. 288)

Dado o exposto, apresento algumas considerações relativas à minha inserção neste debate, colocando em questão os problemas mais pertinentes à temática que pretendo desenvolver. Afinal, quando pensamos em trabalhar com determinado objeto, especialmente no campo das Ciências Sociais, é natural que procuremos algo que nos

⁸ Na época, demitir alguém por ser homossexual era uma prática corrente. Apesar do problema continuar a ocorrer, hoje em dia existem leis estaduais que proíbem esse tipo de discriminação, como a Lei n. 10.948, elaborada pelo deputado Renato Simões (PT/SP) e aprovada em 05 de novembro de 2001. Dentre outras coisas, prevê multa de até 1000 UFESPs (ou R\$ 15.850,00) em caso de “praticar o empregador, ou seu preposto, atos de demissão direta ou indireta, em função da orientação sexual do empregado.” Fonte: www.al.sp.gov.br. Acesso em 04 de março de 2009.

toque e nos mobilize de alguma forma. Mesmo que a princípio este objeto possa parecer distante e estranho, certamente haverá um “quê” de pessoal na escolha, na medida em que dificilmente decidimos pesquisar alguma coisa que em nada nos interesse. O investimento de tempo, as noites mal-dormidas e toda a sorte de sacrifícios necessários ao bom andamento de uma investigação – seja ela uma monografia de graduação, uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado – terão sido em vão caso não tenhamos algum tipo de propósito intimamente ligado à escolha do que estamos pesquisando.

Começo por este breve prefácio por ter escolhido um tema de pesquisa muito caro a mim por diversos motivos. Primeiramente, no plano pessoal. Sendo eu mesmo um homossexual que já enfrentou preconceitos e que até hoje se vê muitas vezes pensando na “melhor maneira” de falar sobre si em certos círculos; sobre como se comportar em determinados ambientes e com determinadas pessoas; sobre como lidar com uma piadinha homofóbica vinda de alguém que talvez nem levante suspeitas acerca do meu “segredo” e que, portanto, não pense que eu possa me sentir incomodado ou ofendido, fico ao mesmo tempo feliz e receoso em estar trabalhando com algo que mexe diretamente com questões subjetivas de suma importância. Acrescido a isso, há minha preocupação social e política com as dificuldades enfrentadas por esta parcela da população, ainda que por vezes relute em assumir tal postura “militante” dentro do meio acadêmico.

Tendo em vista tais questões, decidir entrar num campo de pesquisa tão próximo à minha própria experiência de vida não foi tarefa simples. Ao longo desses dois anos de mestrado, dei muitas voltas e me questioneei se valeria à pena por à prova minha integridade psíquica (embora esta terminologia possa parecer ao leitor um tanto quanto exagerada) a fim de “desvelar” um universo aparentemente tão próximo e ao mesmo tempo tão complexo. Afinal, com que homossexuais⁹ eu deveria trabalhar? Pessoas jovens e ligadas de alguma forma ao meu círculo de amizades? Gerações mais velhas, que viveram o advento da AIDS nos anos 80 e que talvez tivessem muito a compartilhar por terem acompanhado transformações sociais importantes no que tange às conquistas de direitos e modificações na percepção social da homossexualidade? Militantes, presumidamente mais dispostos a falar? Deveria refletir sobre a experiência de “gays”

⁹ Utilizo os termos “gay” e “homossexual” de forma indiscriminada. Mais à frente, explorarei o problema da autodenominação em alguns casos.

da classe média ou incluiria também os que poderiam ser considerados como oriundos das classes populares? Incluiria travestis no estudo?

Todas essas indagações foram aflorando ao mesmo tempo em que tentava delimitar o imprescindível corte metodológico que teria de fazer. Certamente, também me ajudaram a refletir acerca de questões importantes para a construção do problema a que finalmente cheguei: *as maneiras pelas quais homens homossexuais “se descobrem”, “falam de si” e desenvolvem estratégias de manipulação, ocultamento ou revelação de sua orientação sexual perante os diversos círculos nos quais transitam regularmente, a exemplo da família, do trabalho, dos amigos e outras esferas sociais, procurando se fazer reconhecidos e respeitados, mas ao mesmo tempo minimizando os riscos de discriminação e violência, seja na forma de uma “simples” atitude preconceituosa ou, em casos extremos, de agressões físicas e verbais.* Como acabei optando por levar meu foco primordialmente a essas questões, algumas das variáveis observadas anteriormente tornaram-se menos importantes e decidi realizar entrevistas na medida em que as oportunidades foram aparecendo: a primeira, indicada pelo meu próprio orientador, seguidas de mais oito, indicadas por amigos e efetuadas entre os meses de abril e outubro de 2008.

Apesar de ter tido uma breve experiência como entrevistador durante a realização da minha monografia de graduação, senti que muitas ferramentas ainda me faltavam a fim de conduzir o processo de forma segura. Obviamente, seria impossível esperar que viesse a me tornar um pesquisador plenamente qualificado num espaço de tempo tão curto, mas procurei me esforçar para que as entrevistas fossem realizadas da melhor maneira possível. Para tal estabeleci alguns critérios básicos: primeiramente, que fossem todas executadas em lugar silencioso, de forma que ruídos externos não interferissem na compreensão posterior do que estava sendo gravado. Acrescido a isso, todos os entrevistados foram informados acerca do objetivo da pesquisa, e me coloquei à disposição para qualquer esclarecimento que porventura desejassem, oferecendo inclusive uma cópia da dissertação após o término da mesma e o convite para assistirem à defesa. A princípio não quis fazer uso de um termo de consentimento informado por acreditar que pudesse de algum modo intimidar as pessoas que tão gentilmente haviam concordado em falar. Em todos os casos, o primeiro contato foi feito por telefone ou e-mail. Somente um dos informantes em potencial não apareceu no local e horário

previamente acordados, dando como justificativa uma visita emergencial a um amigo que estava no hospital¹⁰.

Na maior parte das vezes, consegui que as entrevistas fossem realizadas da maneira que esperava: em ambientes tranqüilos e com pouca interferência de ruídos externos. A primeira ocorreu na própria universidade e foi de grande auxílio devido à solicitude do informante e ao fato de me fazer perceber que o roteiro estava adequado, ainda que necessitasse de ajustes. Além disso, conduzir a entrevista-piloto de forma bem-sucedida fez com que eu me sentisse mais seguro para dar prosseguimento às que viriam em seguida.

Minha segunda e terceira entrevistas foram realizadas na casa dos informantes, um casal que vivia junto há cerca de quatro anos. A idéia inicial era entrevistar unicamente um dos parceiros, amigo em comum de uma pessoa com quem tenho grande intimidade. Tudo transcorreu bem e acabei decidindo perguntar a seu companheiro se também gostaria de participar.

O quarto entrevistado veio até minha casa e em virtude disso fui tomado por um certo nervosismo. O que deveria oferecer quando ele chegasse? Meu companheiro, com quem vivo no mesmo apartamento, deveria ser “escondido”? E se algum objeto pessoal, como um porta-retrato ou determinado quadro despertasse sua atenção? Questões que hoje me parecem pouco significativas, na época foram objeto de grande preocupação. Na medida, entretanto, em que fui me aprofundando em meu universo de trabalho, adquiri maior segurança e maturidade como pesquisador, tornando-me capaz, nas palavras de May (2004), de “estabelecer um entendimento intersubjetivo” (p. 153) com meus entrevistados. Da mesma forma, creio ter tomado consciência de que

[...] entrevistas são contatos sociais e não simplesmente meios passivos de obter informação. Como todos os contatos sociais, elas são orientadas por regras e as partes trazem consigo expectativas quanto ao seu conteúdo e o papel que devem adotar [...] (May, 2004, p. 154).

Nas entrevistas que se seguiram, tal percepção me parece ter sido ainda mais fundamental, pois dois dos informantes estavam politicamente engajados em ONGs de defesa dos direitos da população LGBT e me colocaram questões de extrema pertinência quanto ao direcionamento da minha pesquisa, fazendo-me inclusive repensar determinadas idéias. O mesmo ocorreu com meus dois últimos entrevistados: o

¹⁰ Como consegui entrevistar outras pessoas logo após o ocorrido, não me preocupei em tentar agendar um novo encontro.

primeiro, por adotar uma posição ideológica firme e impositiva, e o segundo, por fazer parte de uma ONG voltada para a defesa de direitos humanos, ainda que não especificamente para a população LGBT.

Em termos de faixa etária, trabalhei com um grupo relativamente homogêneo. Embora o entrevistado mais novo tivesse vinte e seis anos e o mais velho, quarenta e dois, os outros oscilavam entre vinte e cinco e trinta e seis anos. Eram todos moradores do Grande Rio; oito da capital e um de Niterói, sendo três imigrantes de outras cidades (dois do interior fluminense e um de Minas Gerais). Sete deles tinham curso superior completo no momento da entrevista. Dos dois restantes, um ainda cursava faculdade e o outro tinha formação técnica.

Ainda que quase todos os entrevistados tenham sido criados em famílias com algum tipo de *background* religioso, apenas quatro declararam seguir atualmente algum culto religioso (e somente dois a religião de criação). Contudo, à exceção de um deles, todos disseram ter alguma fé ou simpatizar com preceitos do culto de origem ou de algum outro.

Em relação a outros aspectos das configurações familiares, o universo pesquisado se mostrou bastante diversificado. Enquanto cinco dos entrevistados foram criados por ambos os pais até pelo menos o final da adolescência, quatro cresceram em famílias monoparentais – três deles em virtude do falecimento do pai e outro, de uma separação precoce. À época da pesquisa, somente um dos entrevistados ainda morava com a família de origem, mas disse estar preparando-se para sair de casa em breve. Cinco viviam maritalmente e dois estavam namorando.

A origem ou classe social foi, de um modo geral, algo mais complicado no que concerne ao traçado de um perfil sociológico. A maior parte dos entrevistados disse pertencer à “classe média” ou à “classe média baixa”, embora colocações como “segurando aos trancos e barrancos” ou “classe para quem?” tenham aparecido com frequência. Creio, portanto, que uma caracterização sócio-econômica baseada puramente na “classe” não seja possível. Em lugar disso, prefiro dizer que entrevistei pessoas em ascensão social, com um nível considerável de engajamento político e parcial ou totalmente independentes em termos financeiros.

Finalmente, em relação à cor ou etnia, três entrevistados disseram-se “brancos” e três disseram-se negros. Entre os três restantes, um afirmou ser “mestiço”, o outro se disse “pele-vermelha” e o último, “pardo”. Como veremos, para aqueles que se

consideram “negros”, a cor parece exercer um papel importante nas experiências de discriminação.¹¹

Tendo em vista as considerações expostas aqui, acredito ser possível afirmar que minha experiência de campo superou minhas expectativas e me apresentou a um universo algo distinto daquele que esperava encontrar. Se por um lado me deparei com relatos próximos à minha própria experiência (que certamente tiveram sua importância em ajudar a humanizar meu objeto de pesquisa), por outro, pude vivenciar de fato uma “aventura antropológica”, uma vez que “estranhar o familiar” mostrou-se uma estratégia necessária e eficaz em muitas ocasiões. Como aponta Velho (2003), desnaturalizar noções, impressões, categorias e classificações que constituem nossa visão de mundo é algo essencial. No contexto de pesquisas urbanas, porém, tal tarefa pode ser muito difícil, por estarmos (ou acreditar que estejamos) mais familiarizados com o nosso objeto.

Uma vez que optei por realizar meu trabalho através de entrevistas semi-estruturadas, fez-se mister que eu estivesse consciente do fato de me encontrar em uma zona fronteira, isto é, calcado em um roteiro pré-estabelecido, mas aberto ao diálogo, que muitas das vezes se deu de maneira informal. Na verdade, mesmo que tivesse adotado uma postura mais formal e estruturada, esta possibilidade continuaria a existir, tendo em vista a necessidade imponderável de encarar o processo de entrevista como uma interação social altamente complexa, conforme observado anteriormente. Em vários momentos, me emocionei, ri e compartilhei experiências de vida com meus informantes, num esforço sincero de me apresentar como alguém solidário àquilo que me estava sendo dito. Não por acaso, acredito ter “saído do armário” em diversas ocasiões, mesmo quando minha orientação sexual não estava sendo posta em xeque explicitamente.

Outro ponto que não pude deixar de lado foi procurar saber exatamente em que direção estava indo ao solicitar relatos de “história de vida”, isto é, relatos orais de acontecimentos na vida dos informantes que pressuporiam certa coerência, idealmente apoiados em uma ordem cronológica. Felizmente, não foi preciso muito tempo para que eu compreendesse as limitações desse ideal. Neste sentido, as considerações de Bourdieu (1998) mostraram-se especialmente relevantes. De acordo com ele,

¹¹ As particularidades de cada entrevistado serão trabalhadas logo adiante. Para um melhor panorama das caracterizações mais gerais, ver apêndice A.

A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico; inicialmente, sem muito alarde, entre os etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos. Falar de história de vida é pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história, e que [...] é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. (p. 183)

Mais à frente, o autor justifica seu raciocínio:

A análise crítica dos processos sociais mal analisados e mal dominados que atuam, sem o conhecimento do pesquisador e com sua cumplicidade, na construção dessa espécie de artefato socialmente irrepreensível que é a “história de vida” e, em particular, no privilégio concedido à sucessão longitudinal dos acontecimentos constitutivos da vida considerada como história em relação ao espaço social no qual eles se realizam não é em si mesma um fim [...] **Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações e deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado.** (grifo meu) (pp. 189-190)

Percebe-se assim não só uma necessidade de contextualizar o processo de entrevista, mas também – e talvez ainda mais especialmente – de “historicizar” o entrevistado e colocar seu relato em perspectiva, tendo em vista o posicionamento que ele mesmo prefere adotar no que tange às suas experiências. Dito de outra forma: uma escuta que leve em consideração o modo pelo qual o sujeito decide – consciente ou inconscientemente – correlacionar fatos importantes de sua vida (bem como os outros agentes envolvidos nos mesmos) pode ser uma abordagem melhor, devido à descontinuidade daquilo que consideramos “real” (Bourdieu, 1998).

O resultado final desta minha pequena incursão foi extremamente recompensador: ao longo dos seis meses de campo e quase cento e cinquenta páginas de transcrição, tive contato com experiências extremamente ricas e diversas. A despeito deste último ponto, tive a impressão de que os relatos que ouvi parecem contar uma história social comum, na qual determinadas performances e formas de auto-controle se fazem necessárias de modo quase constante, mesmo entre os entrevistados que se dizem “bem resolvidos” ou que não relataram experiências de discriminação explícita. Ao menos em parte, acredito que isto possa ser atribuído à forte intolerância homofóbica presente na sociedade brasileira. Ainda que seja possível relativizar o que chamamos de “homossexual” ou “homossexualidade”, seria ingênuo deixar de reconhecer a permanente negociação que pessoas com práticas ou desejos homoeróticos precisam

estabelecer no seu cotidiano a fim de lidar com esta violência estrutural¹², que se manifesta através de muitas variáveis e engloba fenômenos de diferentes naturezas: desde discriminações no âmbito familiar até crimes letais (Ramos & Carrara, 2006). Em relação à especificidade da violência contra gays e lésbicas, Bourdieu (2005) destaca a hierarquia sexual que permite ao poder heteronormativo subjugar a homossexualidade e incutir naquele que é sujeito do sentimento de vergonha:

[...] o dominado tende a assumir a respeito de si mesmo o ponto de vista dominante: através, principalmente, do *efeito de destino* que a categorização estigmatizante produz, e em particular do insulto, real ou potencial, ele pode ser assim levado a aplicar a si mesmo e [...] a viver envergonhadamente a experiência sexual que, do ponto de vista das categorias dominantes, o define, equilibrando-se entre o medo de ser visto, desmascarado, e o desejo de ser reconhecido pelos demais homossexuais. (p. 144)

A partir destas observações, dou início a esse trabalho, esperando que ele possa fornecer sua parcela de contribuição a um maior entendimento das questões que serão apresentadas nas páginas subseqüentes. Sendo assim, apresento abaixo um pequeno resumo de como esta dissertação está organizada.

No primeiro capítulo, procuro refazer a trajetória histórico-social do processo de construção da homossexualidade enquanto fenômeno social distinto, tendo como arcabouço alguns representantes da segunda geração da Escola de Chicago e seus decessores, a exemplo de Rubin (2002) e McIntosh (1968). Aliado a isso, me debruço sobre a constituição do personagem homossexual na esfera médico-psiquiátrica, utilizando-me do clássico trabalho de Foucault (2005a) e também de autores brasileiros, como Fry (1982). Ao final, procuro trazer meu foco a uma discussão introdutória do processo de “assumir-se”, mas ainda calcado na questão da identidade e apoiado no debate promovido por Weeks (1987).

No segundo capítulo, discorro sobre o processo de “falar para si”, isto é, a maneira pela qual os indivíduos – e mais especificamente meus informantes – “se descobrem” atraídos por pessoas do mesmo sexo e buscam meios de lidar com esse desejo, seja através da negação, muitas vezes se engajando em práticas heterossexuais, ou simplesmente reconhecendo-o como parte integrante de sua subjetividade. Para isso, utilizo primariamente os relatos dos próprios entrevistados, além de algumas reflexões teórico-conceituais acerca dos mecanismos que possibilitam uma existência

¹² No campo na Saúde Coletiva, é importante que estejamos atentos à abrangência do conceito, uma vez que ele exerce profunda influência nas práticas de socialização que geram sofrimento, podendo levar os indivíduos a aceitá-lo ou infligi-lo de maneira “naturalizada” (Boulding apud Minayo, 1994).

relativamente estável, a despeito de “estar à parte” ou “não ser como os outros” (Eribon, 2008, p. 121). Ao mesmo tempo, procuro entender como essa “diferença” sai do plano subjetivo e “fala de si”, o que é conhecido como o *coming out* propriamente dito. Nesse sentido, a revelação para a família, amigos, colegas de trabalho e, até certo ponto, pessoas desconhecidas, será o foco central de minhas observações.

No terceiro capítulo, tenho por objetivo compreender de que forma estratégias de manipulação e ocultamento de uma sexualidade “desviante” (Becker, 1977) são constituídas e adotadas a fim de minimizar os riscos de discriminação e perpassam o contexto das experiências com as quais tive contato. Para tal, os trabalhos de Goffman (1988), Mason (2002), Yoshino (2006) e também de pensadores da chamada Teoria queer, como Sedgwick (2007), Butler (2003; 2004) e Louro (2004) terão papel importante na construção de uma análise em consonância com esta proposta.

Capítulo I – Homossexualidade, História e o *coming out*: alguns fatos pontuais

1. O estudo da homossexualidade nas Ciências Sociais

Ao longo dos últimos anos, e especialmente na última década, a homossexualidade (e a sexualidade de um modo geral) tem sido objeto de muitos estudos acadêmicos na área das ciências humanas e sociais, com destaque para temáticas envolvendo homofobia¹³, homoparentalidade e AIDS. Alguns pesquisadores têm trabalhado também questões relacionadas à sociabilidade homossexual e aos processos de subjetivação da complexa realidade do que é “ser” homossexual na sociedade de hoje, levando em consideração as contingências históricas que moldaram a homossexualidade enquanto categoria identitária distinta.

Como Rubin (2002) aponta, a antropologia tem exercido papel proeminente no estudo de comunidades sexuais e populações eróticas, embora nem sempre de forma consistente.¹⁴ De acordo com ela, esse campo do conhecimento tem sido, acima de tudo, bastante atuante nas teorias contemporâneas sobre a sexualidade, particularmente no que concerne às críticas referentes à universalidade das convenções relativas ao gênero e à heterossexualidade. A autora acredita que, de modo geral, as ciências sociais – e mais especificamente, a sociologia, a antropologia e a história – tem se mostrado capazes de articular uma tendência intelectual no sentido de reconhecer a igualdade moral da diversidade social.

Dessa forma, a reformulação da compreensão da homossexualidade como um fenômeno social tornou-se possível através de duas transformações: sua definição como um *problema social* (fosse ele ligado à adaptação dos homossexuais na sociedade ou à eliminação do preconceito) e o reconhecimento público da existência de um “mundo homossexual” (Ecoffier apud Rubin, 2002). A Escola de Chicago, especialmente em sua segunda geração, contribuiu de maneira inestimável para os estudos ligados à chamada “sociologia do desvio”: John Gagnon, William Simon, Albert Reiss, William

¹³ A palavra “homofobia” foi cunhada no final da década de 1960 pelo psicólogo americano George Weinberg, que via uma natureza patológica no comportamento aversivo em relação a homossexuais. No entanto, o termo tem sido utilizado como modelo para nomear diversas atitudes negativas envolvendo gênero e sexualidade e, apesar de suas limitações, teve reconhecida importância na compreensão das experiências de rejeição, hostilidade e invisibilidade dos homossexuais, deslocando o “problema” da homossexualidade para os “normais” que não toleram gays e lésbicas (Herek, 2004).

¹⁴ A contribuição da antropologia brasileira nesta área também tem sido relevante, especialmente a partir da década de 1970. Para uma discussão mais aprofundada do assunto, ver Carrara & Simões (2007).

Westley, Howard Becker e Erving Goffman foram algumas das figuras mais representativas desse período. Não menos importante foi o clássico artigo de Mary McIntosh, publicado pela primeira vez no final da década de 1960. Através de uma análise que visava a desconstruir as tradicionais interpretações médico-psiquiátricas sobre a homossexualidade, a autora causou grande impacto ao propor a idéia de um “papel homossexual”, no lugar de uma “condição” naturalizada:

O modo pelo qual as pessoas se tornam rotuladas como homossexuais agora pode ser visto como um processo social importante conectado a mecanismos de controle social [...]. É proposto que o homossexual deva ser visto como desempenhando um papel social no lugar de ter uma condição. O papel de “homossexual”, entretanto, não descreve simplesmente um padrão de comportamento sexual. Se o fizesse, a idéia de um papel não teria mais utilidade do que a de uma condição. Pois o objetivo de introduzir o termo “papel” é permitir que lidemos com o fato de que o comportamento nesta esfera não se iguala às crenças populares: que os padrões de comportamento sexual não podem ser dicotomizados da maneira que os papéis sociais de homossexual e heterossexual podem.¹⁵ (McIntosh, 1968, pp. 184-185, tradução minha).

No entanto, até que uma crítica como essa fosse possível, um longo caminho teve de ser percorrido. Como veremos no tópico seguinte, durante muito tempo a homossexualidade permaneceu restrita à esfera da medicalização e enquadrada como uma patologia passível de cura.

2. Do sodomita ao gay: homossexualidade e identidade

De acordo com Fry (1982), a medicina começou a manifestar preocupação com a homossexualidade masculina ao mesmo tempo em que relações sexuais fora do casamento eram questionadas. Os “militantes da pureza” (*purity campaigners*) do final do século XIX igualavam homossexualidade e prostituição, tidos como produtos indiferenciados da libido masculina (Weeks apud Fry, 1982).

As preocupações que dominaram o meio acadêmico nos Estados Unidos e Europa no que tange à questão da homossexualidade repercutiram de modo significativo no Brasil. No início do século XX, já era possível encontrar publicações médicas que partiam do mesmo princípio que suas correspondentes estrangeiras: homossexualidade

¹⁵ “The way in which people become labeled as homosexual can now be seen as an important social process connected with mechanisms of social control [...] It is proposed that the homosexual should be seen as playing a social role rather than as having a condition. The role of “homosexual”, however, does not simply describe a sexual behavior pattern. If it did, the idea of a role would be no more useful than that of a condition. For the purpose of introducing the term “role” is to enable us to handle the fact that behavior in this sphere does not match popular beliefs: that sexual behavior patterns cannot be dichotomized in the way that the social roles of homosexual and heterosexual can.”

era sinônimo de decadência e doença, enquanto a heterossexualidade era apontada como modelo padrão, especialmente quando vinculada ao casamento.

O médico carioca Pires de Almeida foi um dos maiores representantes da medicalização da homossexualidade no Brasil, tendo escrito em 1906 um livro intitulado *Homossexualismo (A libertinagem no Rio de Janeiro)*, no qual argumentava que o homem, movido por suas paixões e instintos libidinosos, corrompia e arruinava a própria saúde: práticas homoeróticas seriam, portanto, catalisadoras de um verdadeiro processo de autodestruição (Fry, 1982). É interessante ressaltar o quanto a medicalização de uma prática sexual antes condenável na esfera religiosa e jurídica representa a inserção da medicina no campo da moral, de modo a transformar um comportamento em uma patologia; mais especificamente, uma *patologia social*, um problema de saúde pública a ser combatido pelo Estado.

Fry afirma que Pires de Almeida baseou-se nas teorias desenvolvidas por Ulrichs e Krafft-Ebing¹⁶ a fim de ratificar suas idéias, de forma a conferir à homossexualidade masculina uma taxonomia própria através de um modelo hierárquico: o *uranista* ou *invertido* seria o indivíduo com uma alma feminina presa em um corpo masculino, com comportamento exclusivamente passivo no ato sexual, enquanto o *pseudo-heterossexual* seria um homem de aparência masculina e viril, ativo no ato sexual, mas que mantinha relações com outros homens. O *pederasta*, por sua vez, constituiria uma categoria que englobaria todas as outras, criada para designar qualquer pessoa do sexo masculino que se engajasse em relações sexuais com indivíduos do mesmo sexo. Pires de Almeida, no livro citado, descreve com clareza sua teoria:

O indivíduo que se entrega à pederastia deve, em geral, ser considerado um degenerado; e digo – um degenerado – porque **o instinto sexual não o impele, como nos casos normais, para o sexo oposto, mas para o a que ele pertence [...]** (grifo meu). E isto, quer se trate de pederasta ativo quer de pederasta passivo. Há, porém, um modo de ser diverso, que distingue um do outro. Embora suas excitações sejam produzidas pelas mesmas cenas, contudo suas inclinações, suas aptidões sexuais são inteiramente diversas. No pederasta ativo, embora ele seja indiferente às exibições femininas, que por elas passam como os quadros mais insignificantes da natureza, o alvo é chegar a qualquer ato sexual por contato com outro homem. *Não perdeu, pois, as características do seu sexo [...]* No pederasta passivo, porém [...], *ele como que perdeu as qualidades do seu sexo: seus gestos, suas tendências, seus ademanos são todos os do sexo feminino.* (Pires de Almeida apud Fry, p. 97).

¹⁶ Karl-Heinrich Ulrichs nasceu na Alemanha e engajou-se na luta por uma reforma sexual com base em suas publicações, que teorizavam acerca das origens da homossexualidade. Krafft-Ebing por sua vez, foi um psiquiatra austro-germânico e ficou conhecido por seus estudos sobre o que ele considerava perversões sexuais, expostas em *Psychopathia Sexualis* (1886), sua mais famosa obra (Bullough, 1995).

Uma outra categoria, inventada por Afrânio Peixoto, professor de Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, foi denominada por ele de *missexual*, a partir da tese do cientista espanhol Gregório Marañón, que defendia a origem endocrinológica da homossexualidade e acreditava que os homossexuais possuíam características tanto masculinas quanto femininas em virtude de um desequilíbrio hormonal (Green & Polito, 2006). Peixoto parecia, à primeira vista, defender a orientação homossexual como uma simples variação da sexualidade humana; entretanto, acabou por cair no mesmo dualismo normal/anormal ao pregar que a prática da homossexualidade, por não ter fins reprodutivos, seria uma forma de “prazer egoísta”, devendo, portanto, ser diagnosticada e devidamente tratada (idem).

Leonídio Ribeiro, por sua vez, foi o médico brasileiro que mais desenvolveu pesquisas sobre a homossexualidade com base nas hipóteses de Marañón, tendo ganho inclusive o Prêmio Lombroso de 1933. Embora se utilizasse parcialmente de teorias psicanalíticas a fim de tentar explicar a gênese do comportamento homossexual, considerava as predisposições orgânicas o fator principal e propunha um tratamento específico:

Provado que o homossexualismo é, em grande número de casos, uma conseqüência de perturbações do funcionamento das glândulas de secreção interna, logo surgiu a possibilidade de seu tratamento. **Era mais um problema social a ser resolvido pela medicina** (grifo meu). Ao pesquisador vienense Steinach coube [...] o mérito de haver conseguido modificar os caracteres sexuais dos animais. A partir de 1910, depois de castrar cobaias machos e enxertar a glândula do sexo oposto, provocou neles o aparecimento de sinais físicos femininos. As mesmas experiências foram repetidas, em sentido inverso, com idênticos resultados [...] Verificando-se, assim, que é possível, no laboratório, não só masculinizar fêmeas e feminilizar machos, com transplantações ovarianas ou testiculares [...], estava indicado o verdadeiro caminho para o tratamento médico da inversão sexual [...] (Ribeiro apud Green & Polito, p. 90).

No livro *Homossexualismo e endocrinologia*, de 1938, Ribeiro apresenta um vasto estudo biotipológico realizado no Laboratório de Antropologia Criminal do Rio de Janeiro, no qual pretendia estabelecer uma relação entre características corporais próprias dos homossexuais, visando, principalmente, a um diálogo entre a medicina e a criminologia da época, embora práticas homossexuais propriamente ditas nunca tenham sido enquadradas como crime no Código Penal Brasileiro, ao contrário de muitos países da Europa e dos Estados Unidos (Fry, 1982).

A homossexualidade, bem como outros tipos de “sexualidades periféricas”, tornou-se alvo de um controle muito mais rígido por parte do Estado, que, segundo

Foucault (2005a), procurava monitorá-la através da psiquiatrização do prazer perverso.¹⁷ A preocupação excessiva com a questão acabou fazendo com que taxonomias próprias fossem criadas no intuito de definir e classificar homossexuais como *entes específicos* (Foucault, 2005a), reconhecidos não só através de um comportamento característico, marcado por práticas eróticas com pessoas do mesmo sexo, mas também por traços que envolviam fisionomia, peculiaridades hormonais e performances, conforme observado anteriormente. Nas palavras de Foucault:

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo, já que é um segredo que se trai sempre [...] A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. **O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie** (grifo meu) (Foucault, 2005a, pp. 43-44)

A adesão à idéia de uma subjetividade homossexual singular, embora não tenha sido imediata e nem universal, teve profundas implicações na maneira como a sociedade ocidental passou a enxergar o homoerotismo, pois a partir de então o *indivíduo* se destacava em detrimento da *prática*. Diversos fatos históricos parecem confirmar esta constatação, como a posterior disseminação gradativa do termo “gay”, antes restrito a determinados guetos dos Estados Unidos (Green, 2000) e hoje quase que unanimemente reconhecido por sua apropriação secundária, muito diferente do sentido original da palavra (algo como “alegre”, “espontâneo” ou “despreocupado”).¹⁸ Além disso, a crescente visibilidade adquirida pelos movimentos de defesa dos direitos dos homossexuais criou algo próximo do que muitos autores contemporâneos consideram uma espécie de “etnicidade” (Epstein, 1992; Rubin, 1993), assemelhando-se, por exemplo, ao movimento negro americano.

De acordo com Weeks (1987), porém, a própria idéia de uma identidade sexual é ambígua. No mundo moderno, é um conceito absolutamente fundamental, que oferece um senso de unidade pessoal, social e, algumas vezes, comprometimento político. Ao mesmo tempo, identidades sexuais seriam frutos de contingências históricas,

¹⁷ Outros três grandes conjuntos estratégicos visavam desenvolver dispositivos de controle da sexualidade: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança e a socialização das condutas de procriação (Foucault, 2005a).

¹⁸ No Brasil, entretanto, os termos “homossexual” e “entendido” sobressaíram até algumas décadas atrás e se manteve para alguns como uma tentativa de se destacar do movimento gay americano (Green, 2000; Guimarães, 2004).

construídas socialmente – e não algo inato, como uma perspectiva essencialista poderia encarar. No entanto, a medicina, ao se apropriar da sexualidade humana – conforme exposto anteriormente – procurou de todas as formas possíveis justificativas biológicas para explicar o desejo homoerótico e outras formas de “perversão”, apoiada em grande parte pelo social-darwinismo, através de uma proposta eugênica bastante difundida a partir de fins do século XIX (Miskolci, 2003). Mas por que insistir nesse ponto? Porque é nele que reside a chave para podermos discutir a importância que uma identidade homossexual veio a adquirir no mundo contemporâneo. Através do conflito entre ciência e historicidade, a identidade pode aparecer como “destino” ou “resistência”. Se, por um lado, a *scientia sexualis* que se disseminou entre o final do século XIX e o início do século XX visava a demarcar determinados comportamentos como provas cabais de uma identidade naturalizada – e, portanto, “imposta” – por outro, uma abordagem que leva em conta fatores históricos e sócio-culturais poderia mostrar que, embora práticas homoeróticas tenham existido desde os tempos mais remotos em todas as sociedades, somente em algumas podemos observar a existência de uma identidade homossexual distinta (Weeks, 1987).

Dessa forma, podemos perceber a complexidade da questão. Não que a sexologia oitocentista deva ser descartada por completo. Sua contribuição para a compreensão da sexualidade humana é reconhecidamente importante e os ecos de sua influência aparecem até hoje. Mas não podemos deixar de questionar alguns de seus pressupostos a fim de tentar estabelecer uma perspectiva mais abrangente da construção de uma identidade homossexual. Atento para o fato de que nem todos aqueles que mantêm práticas eróticas ou afetivas com pessoas do mesmo sexo se auto-identificam como “homossexuais”, “gays”, “lésbicas” ou outra terminologia semelhante e, mesmo que o façam, podem guardar essa auto-identificação para si, sem necessariamente utilizarem-se dela para fins políticos, embora Weeks acredite que “[...] em uma cultura onde desejos homossexuais, masculinos ou femininos, ainda são execrados e negados, a adoção de identidades gays ou lésbicas inevitavelmente constitui uma escolha política”¹⁹ (p. 47, tradução minha). Além disso, não há como negar a existência de uma grande dissonância entre *desejo* e *prática* – fato, aliás, para o qual Kinsey²⁰ já apontava.

¹⁹ “[...] in a culture where homosexual desires, female or male, are still execrated and denied, the adoption of lesbian or gay identities inevitably constitutes a *political* choice.”

²⁰ Alfred Kinsey, entomologista e zoólogo americano, é considerado por muitos o pai da sexologia contemporânea, após publicar dois livros que geraram enorme polêmica nos Estados Unidos: *Sexual Behavior in the Human Male* (1948) e *Sexual Behavior in the Human Female* (1953), ambos frutos de relatórios produzidos por ele e sua equipe a

Alguém que tenha atração por pessoas do mesmo sexo pode não pôr em prática esse desejo, e aqueles que o fazem podem alegar motivos que não um impulso libidinoso como justificativa. De todo modo, o que importa aqui é tentar compreender até que ponto desejos e práticas sexuais interferem na vida do indivíduo para que ele se auto-classifique (ou não) de um jeito ou de outro.

Fry (1982), por exemplo, mostra que na periferia de Belém da década de 1970 havia uma clara dicotomia entre *homens* (sujeitos com comportamento ativo no ato sexual) e *bichas* (sujeitos com comportamento passivo). No Rio de Janeiro atual, Nunan (2003) fala de uma subcultura homossexual marcada por uma enorme diversidade de identidades, que fogem aos modelos estereotipados e ao clássico binarismo de gênero, no qual o “homem” domina e a “bicha” fica submissa. No que concerne a essa transformação, Gontijo (2004) aponta para uma espécie de “evolução” histórica de um processo que teria criado as identidades homossexuais hoje reconhecidas. Segundo ele, entre as décadas de 1960 e 1970, havia no Brasil uma forte associação de homens que mantinham práticas homoeróticas com um comportamento feminilizado (ou seja, com o gênero feminino), de modo que uma “identidade homossexual” propriamente dita não era algo claro.

Alguns anos mais tarde, o desenvolvimento da classe média urbana e da “sociedade de consumo de massa” – reflexo da extensa urbanização que o país testemunhou – teria colaborado para um processo de modernização na vida sexual, tornando o discurso sobre o sexo algo muito mais público e “consumido” (Parker, 1991), o que, por sua vez, permitiu que os homossexuais ganhassem maior visibilidade e pudessem galgar os primeiros passos no sentido de construir uma identidade sexual ao mesmo tempo coletiva e positiva. Como veremos a seguir, o desenvolvimento de um ideal comum foi fundamental para que determinadas singularidades próprias ao movimento, como a questão do “assumir-se”, viessem a tomar a proporção que têm hoje.

partir de milhares de entrevistas, que buscavam explorar o comportamento sexual do povo americano. Os dois livros tornaram-se campeões de venda em pouco tempo, e se transformaram em uma presença consolidada e disseminada pelos meios de comunicação de massa. Temas como a sexualidade pré-conjugal, o sexo orogenital, a homossexualidade e orgasmo passaram a ser publicamente discutidos e, apesar de seu reducionismo essencialista, a obra teve marcada importância na transformação dos paradigmas de moralidade vigentes na época (Gagnon, 2006).

3. A construção do “armário” e a importância do “assumir-se”

Esforços para promover os direitos homossexuais remontam ao final do século XIX, na Europa, e à década de 1920, nos Estados Unidos, quando grupos de homossexuais organizaram-se a fim de posicionar-se contra uma rede de controles médicos, legais e culturais e fundaram o que na época chamavam de “organizações homófilas”. No entanto, somente no final dos anos 60, a normalidade heterossexual começou, de fato, a ser questionada. Se o movimento feminista pregava a aceitação de formas de experiência sexual cujo único propósito era o prazer, como opor-se a práticas homoeróticas consensuais? (Nunan, 2003). Desse modo, a legitimidade destas práticas foi ganhando uma conotação mais explicitamente política, e o episódio de Stonewall, em Nova York, seja talvez o exemplo historicamente registrado mais marcante deste processo. Ocorrido no final de junho de 1969 depois de inúmeras incursões policiais ao bar de mesmo nome (que era freqüentado majoritariamente por gays, lésbicas e travestis), os clientes decidiram reagir e confrontar a polícia ao longo de cinco dias, dando origem ao Dia Internacional do Orgulho Gay e ao Gay Liberation Front (GLF). Esta associação inspirou várias outras associações similares em diversos países do mundo nos anos subseqüentes (idem).

O advento de um movimento homossexual mais fortalecido, embalado pela onda do feminismo e da contracultura, – que rejeitava ideologias institucionalizadas ou procurava reverter seus ideais, como Altman (1981) assinala – embora questionasse pressupostos científicos que patologizavam a homossexualidade²¹, de certo modo partilhava a idéia de um “ser” homossexual, que ganhou uma importância não só subjetiva, mas também política. Construiu-se desse modo a noção de que práticas homossexuais deveriam ser reconhecidas como apenas um pequeno fragmento de um *ethos* extremamente complexo, mas diferenciado e diametralmente oposto ao do “universo” heterossexual dominante. Como ilustra Pollak (1987),

²¹ Em artigo escrito às vésperas da retirada da terminologia “homossexualismo” da lista de doenças da OMS, fato que ocorreu em 1986, Laurenti (1984) refaz o percurso de sua inclusão, que passou a existir na CID (Classificação Internacional de Doenças) a partir da 6ª Revisão, em 1948 (coincidentemente ou não, no ano em que Kinsey publicou o primeiro volume de sua obra). Na 8ª Revisão, em 1965, migrou da categoria “Personalidade Patológica” para a de “Desvio e Transtornos Sexuais”. A 9ª Revisão, elaborada em 1975, manteve o homossexualismo na mesma categoria. Porém, levando em consideração opiniões divergentes de escolas psiquiátricas (uma vez que a Associação Americana de Psiquiatria deixou de considerar desejos ou comportamentos homossexuais como transtornos mentais em 1973), colocou sob o código a seguinte orientação: “Codifique a homossexualidade aqui seja ou não a mesma considerada transtorno mental”.

[...] A literatura sobre a homossexualidade segue e ao mesmo tempo contribui para formular as definições sociais da identidade homossexual. No final do século XIX e no início do século XX, importava justificar ou combater cientificamente os estigmas destinados a um grupo social designado como “homossexual”, elaborando uma geografia sexual cujos territórios se definiam em função de sua realização com a natureza. Os trabalhos atuais se inscrevem nas tentativas de transformação do estigma em critério de filiação a um grupo social em vias de emancipação (p. 72).

Conforme visto, se no passado a homossexualidade era encarada muito mais como uma prática transitória, agora ela constituía parte integrante da personalidade dos sujeitos, de modo que um conflito entre as esferas pública e privada tornou-se mais evidente. A literatura política que sucedeu o episódio de Stonewall parecia apontar diretamente para o problema, sugerindo a existência de um “armário” onde muitos homossexuais ainda se escondiam a fim de evitar represálias da sociedade. Essa mesma literatura apontava para a necessidade de sair dele (o *coming out*) como a única forma de legitimar as demandas por direitos e reconhecimento público (Seidman et al., 1999). Ainda segundo Pollak,

Estimular o *coming out*, concebido como a aceitação individual da identidade homossexual, mas também da participação num movimento social que possibilita a um grande número fazer essa identificação de um modo positivo, contribui para fazer intervir o critério de identificação social na percepção e na definição de todo relacionamento social (p. 72).

De acordo com Plummer, haveria quatro “estágios característicos” pelos quais um homossexual necessariamente teria de passar até sua “aceitação total”: a “sensibilização”, quando o indivíduo identifica a possibilidade de ser diferente; a “significação”, quando ele atribui um sentido de desenvolvimento a essas diferenças; a “subculturalização”, estágio de reconhecimento subjetivo a partir do envolvimento com outras pessoas; e, finalmente, a “estabilização”²², estágio em que os próprios sentimentos e um modo de vida “alternativo” seriam plenamente reconhecidos (Plummer apud Weeks, 1987). No entanto, Weeks (1987) acredita que não há uma progressão automática entre esses estágios. Cada transição depende tanto da sorte como de uma decisão consciente. Além disso, uma “auto-aceitação” não seria necessariamente o “destino final”.

Como é possível perceber, reconhecer-se “diferente” e “sair do armário” pode estar permeado por inúmeras especificidades e implicações sociais. No período pré-Stonewall, por exemplo, a clandestinidade funcionava para muitos como um *locus*

²² “Sensitization”, “signification”, “subculturalization” e “stabilization”, no original.

privilegiado, pois numa época em que vivenciar a homossexualidade na esfera pública era impensável, os pequenos “guetos” que haviam nas cidades proporcionavam a seus freqüentadores um ambiente de resistência à opressão. Conforme assinala Eribon (2008),

[...] o armário foi com tanta freqüência denunciado pelos militantes homossexuais como o símbolo da ‘vergonha’ e da submissão à opressão que se acabou esquecendo ou negligenciando que ele também pode ser, e ao mesmo tempo, um espaço de liberdade e um meio – o único – de resistir e de não se submeter às injunções normativas [...] E é esse extraordinário sentimento de orgulho e de liberdade conquistada e mantida como um segredo partilhado com vários que os *gays* das gerações precedentes talvez não encontrem mais na liberdade e no orgulho ostentados à luz do dia e que lhes parecem fáceis demais, e, num certo sentido, um pouco insossos, uma vez que perderam o sabor do jogo com o interdito. (pp. 67-68)

Em relação aos dias atuais, acredito que o *coming out* pode ser compreendido como uma dinâmica que envolve uma série de negociações de ordem simbólica e prática, podendo ocorrer em diversas etapas, e talvez nunca completamente (Sedgwick, 2007). Mesmo após quatro décadas terem se passado desde os motins que mobilizaram Nova York e reverberaram mundo afora, inúmeras formas de negociação continuam se fazendo indispensáveis; talvez de uma maneira diferente do que eram no passado, mas certamente ainda muito presentes. Ainda que autores como Reynolds (1999) proponham uma visão “pós-moderna” do processo, caracterizada pelo colapso contemporâneo entre público e privado (tese que pode ser útil para explicar outros fenômenos e que particularmente considero válida), é preciso ter cuidado para não perdermos de vista o que o “armário” e o *coming out* retiveram de fundamental. Como Sedgwick (2007) sugere,

A epistemologia do armário não é um tema datado nem um regime superado de conhecimento. Embora os eventos de junho de 1969, e posteriores, tenham revigorado em muitas pessoas o sentimento de potência, magnetismo e promessa da auto-revelação gay, o reino do segredo revelado foi escassamente afetado por Stonewall. De certa maneira, deu-se exatamente o oposto. Para as antenas finas da atenção pública, o frescor de cada drama de revelação gay (especialmente involuntária) parece algo ainda mais acentuado em surpresa e prazer, ao invés de envelhecido, pela atmosfera cada vez mais intensa das articulações públicas do (e sobre o) amor que é famoso por não ousar dizer seu nome. Uma estrutura narrativa tão elástica e produtiva não afrouxará facilmente seu controle sobre importantes formas de significação social (p. 21).

Creio, portanto, ser imprescindível que permaneçamos atentos a estas ponderações para que possamos melhor compreender as matizes que têm regulado a “epistemologia do armário” do passado e de hoje. No capítulo a seguir (e também nos

que virão posteriormente), espero ser capaz de justificar tal proposta através do estudo de campo que realizei.

Capítulo II – Reconhecendo a diferença e falando de si

1. Considerações iniciais

Quando um gay ou uma lésbica se vê diante de uma situação em que existe a possibilidade de fazer seu *coming out*, não é incomum que seja tomado por um sentimento ambivalente em relação à “confissão”. Afinal, lidar com a diferença em um mundo onde aprendemos desde cedo a assimilar valores hegemônicos é uma tarefa que exige um esforço de “desaprendizagem”, ainda muito penoso para grande parte das pessoas. Por outro lado, “falar de si” sempre é, de um jeito ou de outro, uma demanda por reconhecimento, e em muitas das vezes, uma tentativa de maior aproximação daquele para quem se fala. Experiência central na vida dos homossexuais de hoje, o problema do “dizer” é permeado por uma série de questionamentos que põem em xeque uma gama de variáveis; dentre elas, o próprio ato de revelação: deve-se contar que se é homossexual? Quando e para quem fazê-lo? (Eribon, 2008).

Num plano ideal, poder-se-ia argumentar que as tensões mencionadas sequer deveriam existir. Como muitas pesquisas mostram (inclusive a que desenvolvo aqui), longe de ser vivida como uma escolha, a atração por pessoas do mesmo sexo geralmente é relatada como algo que remonta aos primeiros anos de infância ou, no máximo, ao início da adolescência (Nunan, 2003; Guimarães, 2004; Eribon, 2008). No entanto, adotar uma postura semelhante à da música-tema de *Gabriela*²³ nem sempre é suficiente para convencer certos interlocutores de que a homossexualidade pode ser simplesmente uma variação normal da sexualidade humana e que, por isso mesmo, deve ser encarada com naturalidade. Mesmo em casos marcados por um nível razoável de tolerância ou compreensão, quando alguém se “assume homossexual, aqueles que se vêem como heterossexuais ou simplesmente como “normais” e que, até então, não tinham por que questionar sua própria identidade ou a ordem social pela qual esta se institui, se vêem frente à ameaça de perder certos privilégios que a posição que ocupam na hierarquia das sexualidades lhes proporciona. Podem então exigir do homossexual que volte a se recolher ao silêncio ou questionar o simples fato de ter desejado falar sobre

²³ Composta por Dorival Caymmi e utilizada na abertura da novela homônima (baseada, por sua vez, na obra literária de Jorge Amado), a canção diz: “Eu nasci assim, eu cresci assim, e sou mesmo assim”. Fonte: www.teledramaturgia.com.br/gabriela.htm. Acesso em 19 de março de 2009.

determinados aspectos de sua existência que poderiam nunca ter sido compartilhados (Sedgwick, 2007; Eribon, 2008).

Não é minha intenção condenar de antemão os que se identificam como heterossexuais. Conforme veremos nos próximos itens, embora muitas vezes as reações de familiares, amigos ou outras pessoas dos círculos de sociabilidade referidos pelos informantes tenham sido de medo, desaprovação ou rechaço, em outros contextos, é possível perceber atitudes bem mais receptivas; algumas de imediato e outras construídas com o decorrer do tempo. Ao apontar para as dificuldades do *coming out*, meu propósito primeiro é mostrar os jogos de poder simbólico dentro dos quais todos nós, independente de nossa orientação sexual, encontramos-nos inseridos.

2. “Auto-descoberta” e a família

Rodrigo²⁴, de vinte e sete anos, foi meu primeiro entrevistado. Formado em psicologia, trabalha atualmente em um núcleo de pesquisa de uma universidade voltado para a defesa de direitos sexuais. Por essa razão, não tive qualquer dificuldade em fazer com que compreendesse o objetivo de meu trabalho e se mostrou inteiramente disponível para a realização da entrevista.

Natural do Rio de Janeiro, vem de uma família recomposta: a mãe biológica faleceu quando tinha dois anos e o pai se casou novamente cerca de um ano depois, com uma mulher que já tinha duas filhas. Junto com sua irmã biológica, passaram a compartilhar a mesma casa.

Sua primeira experiência homossexual só foi ocorrer aos dezessete anos, mas antes disso relata ter tido algumas “pistas” de que seu desejo afetivo-sexual era primariamente direcionado aos homens, ainda que uma consciência mais bem definida do mesmo só viesse a surgir mais tarde. Embora meu foco primordial nas entrevistas não tenha sido compreender esse processo de “auto-descoberta”, é importante não perder de vista a interpretação que cada um dá a esse aspecto em sua história de vida, pois somente a partir de um registro subjetivo da própria diferença em relação à heteronormatividade vigente é que os demais processos ligados à percepção da discriminação, aceitação e “revelação” passam a existir. Rodrigo nos conta:

²⁴ Todos os nomes aqui utilizados são fictícios, de modo a preservar o anonimato dos informantes e de outras pessoas citadas por eles.

“[...] Tinha um amiguinho meu da escola, o Fernando, e [...] ninguém gostava dele. Eu fazia questão de acompanhar o Fernando em tudo, [...] tentava sempre limpar a barra do Fernando pro Fernando ficar com a gente. Na época, eu não tinha idéia do que que era isso. [...] Depois eu fui me ligar, ‘Gente, eu era a fim do Fernando. Eu era a fim dele, então era por isso’. [...] Eu não nomeava isso de jeito nenhum, não sei quando foi. [...] Eu sei que aos dezessete anos eu tinha clareza [...] que eu gostava de homem. Que eu até podia ficar com meninas e tal, que ficava, mas que eu gostava de homem. Eu gostava mais.”

Para Rodrigo, a percepção de que havia “algo diferente” em seu desejo não parece ter criado conflitos internos a ponto de limitar suas relações sociais, como foi o caso para alguns de meus outros entrevistados. Não obstante, considero necessário levar em conta alguns fatores que parecem ter contribuído para isso, como a suspeita prévia de que a madrasta e suas irmãs já sabiam (só confirmada após a revelação de sua preferência afetiva e sexual por homens, fato que parece ter sido encarado com naturalidade por elas) e uma rede de amizades favorável. Ao falar sobre a revelação para o pai, a primeira pessoa para quem contou, Rodrigo diz considerar seu *coming out* como um “divisor de águas”, e apresenta a família como peça fundamental de um processo de aceitação mais geral, vendo nela uma espécie de “porto seguro”:

“Ainda bem que eu falei, porque me deu o maior suporte [...] Se os meus pais [...] me deram o maior apoio, seguraram a maior onda, [...] se tiver amigo que quiser ir embora, parente que quiser ir embora, eu tenho pra onde correr, sabe? Tem meu pai e minha mãe, que é o núcleo mesmo, bem central na minha vida [...] Então essa coisa de ter falado primeiro pros meus pais, isso foi muito importante mesmo, me ajudou a me colocar mais no mundo.”

É interessante notar no seu caso o papel de “acolhimento” exercido pela família, já que muitas vezes esta é a primeira a rejeitar um membro homossexual²⁵. Ainda que seu pai tenha reagido com surpresa e tido alguma dificuldade em lidar com a “novidade”, Rodrigo conta que ao longo do tempo a relação dos dois melhorou de forma significativa por conta da revelação.

Igualmente interessante é o fato de Rodrigo ter conseguido “se colocar mais no mundo” após – e somente após – sua família tomar conhecimento acerca de sua

²⁵ Nas pesquisas realizadas pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) na Parada do Orgulho GLBT do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife nos anos de 2004, 2005 e 2006, respectivamente, um percentual não desprezível de homens homossexuais relata ter sofrido algum tipo de discriminação no ambiente familiar (27% no Rio, 25,2% em São Paulo e 31,3% em Recife). Ao se levar em conta todos os participantes não-heterossexuais (subdivididos em homens homossexuais, mulheres homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais), a casa aparece em segundo lugar como o local onde a agressão considerada mais marcante ocorreu: 15,1% no Rio, 17,2% em São Paulo e 20,2% em Recife.

homossexualidade, criando coragem para se abrir com outras pessoas e começar a vivenciar práticas homoeróticas.

Nesse sentido, o relato de Rafael, também com vinte e sete anos à época da entrevista, se aproxima em alguns pontos da história de Rodrigo. Bacharel em direito e trabalhando atualmente como papiloscopista, veio de uma cidade do norte-fluminense para o Rio de Janeiro aos vinte e três anos e diz ter percebido grande melhora no relacionamento com a família após seu *coming out*. No entanto, seu processo de “auto-descoberta” e posterior revelação parece ter sido bastante diferente, marcado por muitas dificuldades internas e grande dificuldade de aceitação familiar, fato que ele atribui principalmente ao peso que a religião tinha em sua vida:

“[...] É que eu tenho uma formação protestante, eu sou batista, minha família é batista tradicional, então eu tinha o desejo, eu tinha vontade, só que era visto por mim como algo errado, que era pecado, que não era certo... mas era muito forte [...] [O desejo] aparecia claramente. O problema era aceitar. Eu tinha fantasias, desejos, com homem mesmo, sabe? [Percebo isso] desde a infância [...] Perto da minha casa tinha um Corpo de Bombeiros. E eu era amiguinho do colégio [...] dos filhos dos caras que trabalhavam lá perto da minha casa e a gente ia pro Corpo de Bombeiros brincar, e quando a gente passava [...] dentro dos alojamentos, às vezes os pais deles, os caras, tavam saindo do banheiro sem roupa, eu olhava, e achava bonito, entendeu? Gostava de ver.”

Rafael veio a ter a primeira experiência com outro homem já no Rio, pouco tempo após sua chegada. A convite de um amigo que fez em uma academia de ginástica, foram juntos ao cinema e lá foi confrontado com perguntas em relação à sua sexualidade, por estar noivo de uma mulher em sua cidade natal e ao mesmo tempo ter aceitado sair com alguém que, segundo suas palavras, “já sacava qual era a dele”. Rafael acabou por contar que ainda estava “confuso” e perguntou ao amigo se este poderia levá-lo a um “lugar gay” a fim de que pudesse se colocar à prova:

“Quando eu fui a essa boate gay, eu [...] achei que aquilo ali era a minha, achei que era legal, achei que rolava, fiquei com um cara, só nos beijinhos lá, e eu falei assim: ‘É isso aí’”.

Pouco depois desse episódio, Rafael voltou à sua cidade e deu fim a uma relação heterossexual que lá mantinha, processo que ele descreve como doloroso, mas necessário:

“Eu falei que comecei a me interessar por pessoas, e ela falou assim: ‘Ah, mas quem são essas meninas?’ Eu falei: ‘Não são meninas. Fiquei com homens no Rio’. E eu falei com ela que tinha gostado, e ela falou: ‘Não, se você quiser, eu te perdô, a gente fica junto, a gente esquece disso’. E aí me perguntou se era pela história dela, por ela

não ser mais virgem²⁶ [...] Eu falei que não, [...] que eu tinha certeza do que eu queria, e uma coisa que eu não queria era casar com ela. Que eu ia fazer ela infeliz, esse papo. Aí ela entendeu, a gente meio que terminou amigo, mas a gente nunca mais se falou.”

A revelação para a família se deu cerca de um mês após o término do noivado. Rafael conta que sua mãe demonstrava preocupação com o fato e não conseguia compreender a razão daquilo ter acontecido. Acrescido a isso, Rafael havia se afastado da igreja, algo que abalou ainda mais a relação com seus familiares:

[...] Minha mãe ficou muito aflita, porque eu tava no Rio de Janeiro e o mundo tinha mudado da água pro vinho em um mês. Então ela ficou muito preocupada, e chorava, queria saber o que tava acontecendo na minha vida [...] Quando eu terminei o noivado, ela quis saber o que tinha acontecido, eu falei: ‘Você quer mesmo saber?’ Aí eu contei pra ela que eu era homossexual. E foi assim na lata, e ela não acreditou, chorava, dizia que não era minha vida, que isso era influência, que eu [...] deveria mudar de vida, me arrepender... aí foi um drama, ela chorou muito tempo...”

Com o pai, Rafael conta ter encontrado uma reação “bem mais fácil”, apesar da “surpresa”. Ao falar sobre ele, os irmãos também foram mencionados e a relação atual com a família entrou em questão:

“Meu pai foi mais seco. Ele perguntou porque tavam acontecendo algumas mudanças, perguntou se eu era amante de alguma mulher aqui no Rio, eu disse que não, perguntou se eu tava me drogando, eu disse que não, aí ele levantou [...] e foi pro banheiro, não me perguntou mais nada, mas aí quando ele voltou, eu falei: ‘Poxa, ele me pergunta, [...] agora eu quero falar, responder’. Aí eu falei: ‘Poxa, pai, o senhor parou de me perguntar por que? Aí ele falou: ‘Você não tá saindo com mulher casada, você não engravidou ninguém, só pode...’ Falei: ‘É, pai, eu sou gay’. Ele falou: ‘Que isso, rapaz?’ e tal, mas assim, me respeita, sabe? Me respeita, e eu acho que o meu relacionamento com a minha família melhorou muito depois [...] Pros meus irmãos, era uma surpresa, porque foi muito rápido, tudo, pra eles [...] assimilarem, digerirem tudo... mas com meu irmão, é bem mais tranquilo, eu já falei com ele, a gente, fala, conversa sobre sexo, eu acho que ficou [...] mais íntimo, sabe? A gente é mais amigo hoje. E com meu irmão, eu posso até dizer que eu acho que melhorou meu relacionamento com ele.”

Ainda que a história de Rafael esteja muito distante de Rodrigo em diversos pontos importantes, o papel da família como agente fundamental e, até certo ponto, constituinte do processo mais amplo de “saída do armário” aparece, a meu ver, de forma bastante evidente. Em ambos os casos, percebe-se a presença de um discurso que enfatiza uma maior “liberdade” de trânsito no ambiente familiar, bem como uma aproximação afetiva, que parecem contribuir para uma maior integração da homossexualidade na vida cotidiana e em espaços públicos mais formais.

²⁶ Quando reataram de uma separação anterior, ela confessou a Rafael não ser mais virgem, fato que gerou certo constrangimento, pois ambos eram batistas e prezavam pela virgindade antes do casamento.

Muito embora o escopo deste trabalho não permita afirmar se há algum tipo de peculiaridade na família (e de forma mais específica, na família brasileira) que a torne um lugar preferencial para a revelação da homossexualidade, um ponto a ser ressaltado é o que Nunan (2003), apoiada em Goffman, explora em seu trabalho. De acordo com a autora,

Não obstante uma possível reação negativa, do ponto de vista de quem recebe a notícia, o *coming out* pode ser visto como uma prova de confiança e de compromisso mútuo, inclusive fortalecendo relações preexistentes caso o familiar ou o amigo se mostre receptivo à nova identidade do sujeito. As possibilidades de isto ocorrer são ainda maiores se a revelação for feita de forma sensível, gerando uma conversa franca sobre homossexualidade. (pp. 128-129)

Evidentemente, é necessário relativizar o que a autora chama de comportamento “receptivo à nova identidade do sujeito”. Vemos, por exemplo, que no caso de Rodrigo, tal “recepção” se deu de forma muito mais amena para a maior parte da família, enquanto Rafael ainda enfrenta dificuldades, mesmo com a significativa melhora no relacionamento com os pais e os irmãos, o que não me permite fazer grandes generalizações. Certamente, há outros fatores importantes para a construção de um sentimento de segurança subjetiva ou, ao contrário, da permanência de medos e barreiras que limitem as possibilidades de circulação ou estabeleçam fronteiras bem demarcadas no espaço de trânsito social de determinado indivíduo.

Companheiro de Rafael, Thiago adotou uma postura algo evasiva durante a entrevista, o que não considere exatamente uma estratégia de distanciamento, mas possivelmente uma tentativa de objetivar ao máximo a narrativa de sua história, por razões que não cabem aqui especular. É possível, neste caso, que minha inexperiência enquanto entrevistador tenha dificultado um maior aprofundamento de determinadas questões.

Mineiro de quarenta e dois anos, Thiago chegou ao Rio na segunda metade da década de 1980, por sugestão de um amigo que estava de mudança para cá. Aliado a isso, viu na cidade grande uma oportunidade de expandir seus horizontes e se afastar de um amor platônico que nutria por um rapaz de sua cidade natal. Trabalhou em diversos empregos até se tornar enfermeiro, profissão na qual trabalha atualmente. Embora não tenha discorrido acerca de sua “auto-descoberta”, colocou o problema como uma dificuldade geral, enfatizando a heteronormatividade como fator primordial para o conflito subjetivo enfrentado por muitos homossexuais:

“[...] As pessoas, elas crescem sabendo que o certo é ser hetero. Os meninos crescem tendo que brincar de carrinho, e as meninas, brincar de boneca. Né? As propagandas, as pessoas, os diálogos, as revistas, tudo diz que o certo é ser hetero. Quando você se enxerga gay, quando você se vê diferente disso, do que isso que a sociedade diz que é pra você ser, existem os conflitos internos, que eu acho que são os piores.”

Em relação à família, Thiago se restringiu a falar da mãe. Seu pai faleceu quando ele ainda era novo e não houve menção a qualquer irmão ou irmã. Segundo ele, “sempre foi tudo muito falado, muito exposto”, e nunca houve qualquer tipo de problema com a mãe decorrente de sua orientação sexual:

“[...] Nunca houve nenhum tipo de violência, discriminação acintosa, absolutamente nada. [Minha mãe] sempre foi muito liberal, sempre foi muito democrática, assim. Nunca houve nenhum tipo de enfrentamento. Não sei nem como começou, mas assim, principalmente a partir de quando eu vim morar no Rio de Janeiro, nunca houve nenhuma vontade de se esconder, muito pelo contrário.”

Vejamos agora o que nos conta Filipe, de vinte e seis anos, estudante de administração e funcionário de uma empresa de importação de aviões. Nascido e criado em um bairro de classe média baixa do Rio, diz sempre ter tido atração por outros homens, mas somente após várias experiências heterossexuais começou a se “libertar um pouco mais pra pensar [...] no assunto”. Apesar de nunca ter encarado esta atração como um problema, utiliza paradoxalmente os termos “confuso” e “perdido” para descrever como se sentiu durante muito tempo, até “permitir-se” vivenciar sua primeira experiência homossexual:

“[...] Eu mesmo repudiava, eu mesmo colocava limite. Não pensava muito no assunto não, era interessante, mas nunca me dei a liberdade de me aprofundar nisso. Mas depois começou, quer dizer, eu já tive... quando eu era mais novo, eu [...] tive aquelas brincadeiras com garotos, e garotas também. E parou aí, e depois... não sei, com uns dezessete, dezoito anos mais ou menos, eu tive uma relação com um primo meu, [...] aí começou, né? Com primo, com vizinho, daqui a pouco a gente descobre a internet... e [aí é] todo mundo”.

Sua história pode ser considerada peculiar, pois logo após essas primeiras experiências, começou a frequentar uma ONG de defesa dos direitos LGBT, e nela não só trabalhou em diversos projetos durante um longo período de tempo, como também obteve grande suporte psicológico que o ajudou a enfrentar a discriminação da família, especialmente a da mãe, que viria a ser reforçada justamente em virtude de sua atuação como ativista. No que concerne à reação da mãe ao descobrir sua preferência por outros homens, Filipe disse:

“[...] Quando ela descobriu, através de umas fotos²⁷ que ela mexeu lá e achou, rolou todo aquele show ‘Onde foi que eu errei?’, ‘O que eu fiz pra merecer isso?’, ‘Você vai usar saia daqui a um mês’, sabe? [...] E assim, eu comecei a fazer um trabalho em casa, com a minha mãe, muito legal [...] A gente teve uma conversa ótima, porque eu já tava preparado pra ter essa conversa, mas a questão não foi ela saber [...] Porque a partir do momento depois que ela soube, eu parei de... não me preocupar tanto em aparecer. E [...] aquele negócio, militante, jovem, coisa e tal, lutando por uma causa nobre, o povo adora, né? E aí acabei começando a aparecer muito mais.”

Como vemos, a reação inicial da mãe, apesar de bastante preocupada e preconceituosa, foi melhorando ao longo do tempo através do “trabalho” que Filipe conta ter feito em casa, “esclarecendo-a” acerca de aspectos relativos à sua homossexualidade e criando gradativamente uma percepção mais positiva da mesma. Apesar disso, tudo parece ter ido por terra na medida em que seu trabalho na ONG foi se intensificando e a exposição pública de sua imagem durante um ato de protesto contra a aprovação de um projeto de lei que visava utilizar dinheiro público para construir clínicas de “conversão” de homossexuais²⁸ no Rio de Janeiro passou a ser alvo de fofocas entre os vizinhos. Tal fato teve grande impacto sobre a dinâmica de sua relação com a mãe, interrompendo um processo de aceitação que ainda se encontrava em curso:

“Depois de um tempo [...] ela me viu no jornal. Na capa do jornal [...] E aí foi pior do que quando ela descobriu que eu era gay. [...] Me botou pra fora de casa, foi briga feia. Eu sei que depois que as coisas acalmassem, eu conversaria com ela de novo e essa coisa de me expulsar de casa ia desaparecer, mas eu meio que aproveitei a oportunidade [...] pra começar minha vida. Fui morar com uns amigos meus, e fiquei um tempo sem falar com a minha mãe; depois a gente voltou a se falar, nossa relação melhorou muito [...]”

Embora a revelação para os irmãos (seu pai já era falecido há muitos anos) não tenha sido objeto de discussão aprofundada, Filipe diz ter tido poucos problemas. O irmão, com quem tinha previamente uma relação “complicada”, era pouco interessado em sua vida e vice-versa. Uma das irmãs saiu de casa pouco tempo após seu grande conflito com a mãe e a irmã mais velha, que morava no exterior, “aceitou numa boa”, segundo suas palavras.

²⁷ As fotos a que Filipe se refere eram fotos pessoais, tiradas durante uma Parada em que ele aparece beijando outro garoto.

²⁸ O referido projeto (717/2003), de autoria do então deputado Édino Fonseca, tinha na ementa a seguinte proposição: “Cria no âmbito do Estado do Rio de Janeiro o programa de auxílio às pessoas que voluntariamente optarem pela mudança da homossexualidade ou de sua orientação sexual da homossexualidade para heterossexualidade e dá outras providências” (Fonte: www.alerj.rj.gov.br. Acesso em 28 de janeiro de 2009). Rejeitado em dezembro de 2004, foi muito debatido na época e suscitou diversas moções de repúdio e abaixo-assinados visando à sua não-aprovação.

Talvez o aspecto mais interessante desta parte da história de Filipe seja o intervalo entre a descoberta involuntária por parte da mãe – o que poderíamos chamar de *outing*, numa tentativa de diferenciação do *coming out*, quando o “segredo” é revelado de forma espontânea – e o início dos comentários maldosos entre os vizinhos, que deflagrou uma rejeição maternal muito forte – o que possivelmente não teria ocorrido caso a homossexualidade do filho tivesse ficado restrita ao âmbito familiar e privado. Além de constatarmos o peso que um juízo de valor vindo de vizinhos pode exercer, percebe-se igualmente como o processo de “saída do armário” se dá de maneira descontínua e que a manipulação do conhecimento sobre o estigma pode ocorrer em diferentes níveis.

Para Bruno, médico veterinário de trinta e dois anos, a família também foi uma das barreiras mais difíceis de ser enfrentada. No contexto de sua história, talvez ainda mais do que no caso de Filipe, pois os conflitos envolveram não só a mãe, mas também os irmãos.

Seu relato se assemelha em alguns pontos ao de Rafael. Igualmente nascido em uma cidade do norte-fluminense, chegou ao Rio com dezoito anos. A família, originalmente católica, se converteu a um movimento neo-pentecostal algum tempo após a mudança, e tal fato teve forte repercussão tanto no processo de “auto-aceitação” quanto na maneira pela qual seus familiares vieram a lidar com a questão. Ao entrar na questão da sexualidade, eis o que Bruno me contou:

“Até os dezoito anos, eu era muito confuso em relação à minha sexualidade, eu achava que o fato de olhar pra homens e gostar do corpo dos homens era porque eu queria ser igual a eles, ser igual aos meus irmãos [...] Eu sempre fugia da reafirmação de hetero, né, como homem, eu sempre fugia dessas práticas [...] e de todas essas formas, eu fui tentando me enquadrar [...] Então eu ficava sempre naquela dualidade, uma hora eu tava brigão, outra hora eu tava sensível, uma hora eu jogava bola, outra hora eu tava enclausurado dentro do quarto pra estudar [...]”

Ao que parece, “enclausurar-se no quarto para estudar” serviu durante muito tempo como um mecanismo de compensação para Bruno, que diz ter tentado de todas as formas “enquadrar-se” no que era socialmente esperado dele, chegando inclusive a namorar meninas, sem conseguir “sair de um beijo”. A grande “virada” veio a ocorrer somente após ter vindo morar no Rio, quando encontrou um primo mais velho, com quem passou a desfrutar de práticas eróticas e que lhe “apresentou” o universo homossexual, o que permitiu que aprendesse gírias e formas de sociabilidade do “mundo gay”. No mesmo período, começou a trabalhar e conheceu no emprego um

rapaz que o acolheu e o ajudou a “se encontrar”. Diferente do relacionamento que mantinha com o primo, estabeleceu com essa outra pessoa um laço afetivo que ia além de práticas sexuais, o que durou cerca de um ano:

“[...] Comecei a trabalhar com esse rapaz, comecei a [...] me sentir protegido por ele, entendeu, ele me dava as coisas, não por troca de sexo, mas por amor mesmo, carinho [...] Um dia nós fomos à praia, aí realmente eu me descobri, falei ‘Realmente, eu gosto de homem, eu sou homossexual’”.

Até então, tudo parecia transcorrer muito bem no que tangia à organização de uma identidade relativamente livre de conflitos e à vivência de práticas homoeróticas que o satisfaziam. No entanto, pouco tempo se passou entre o início desta “descoberta” e a conversão da família à igreja evangélica, o que, segundo suas palavras, “deu uma parada” em sua vida. Bruno diz que na verdade nunca havia aceitado plenamente seu desejo por outros homens, e viu na igreja uma oportunidade para mudar, tornando-se assíduo freqüentador e, posteriormente, pregador. Tal função o ajudou temporariamente a controlar seu desejo, mas “escapadas” eram freqüentes e vinham sempre seguidas de um forte sentimento de culpa:

“Era só deixar de estudar a bíblia, deixar de estar junto com as pessoas, que eu começava a voltar às minhas práticas, ir atrás dos homens [...] Eu ficava muito mal, meu rendimento na faculdade era péssimo, chegou um período que eu reprovei tudo [...]”

Foi durante este período que a família descobriu sua homossexualidade. Bruno namorava um rapaz que certa vez ligou para sua casa e “confessou” para a mãe que os dois mantinham um relacionamento secreto. Ao longo da entrevista não ficou claro como isso ocorreu, mas Bruno conta que já estava no final da faculdade e que teve sérios problemas no âmbito familiar. Embora sua mãe tenha aceitado até certo ponto em virtude do amor que tinha por ele, não gostava nem um pouco da idéia. O irmão, que havia se tornado pastor e sustentava em grande parte a casa, fez com que Bruno saísse dela durante uma semana, após um incidente similar ao ocorrido com Filipe²⁹. Indagado acerca da relação com o pai, Bruno afirmou nunca ter estabelecido laços fortes com ele. Apesar de algumas “indiretas”, nunca viu necessidade de compartilhar aspectos de sua

²⁹ Bruno teve sua foto publicada em um jornal, junto a uma entrevista em que revelava ser gay. O objetivo da entrevista ficou obscuro, mas de acordo com ele, a mesma ocorreu na rua e parece atribuir o fato de o terem escolhido à roupa que trajava (“Todo pintosa, todo com a roupa apertadinha, aquela coisa”). O burburinho gerado na vizinhança fez com que o irmão, que já tomara conhecimento sobre sua preferência por homens, o acusasse de estar “envergonhando a família”.

vida pessoal. À época da grande crise com a família, seus pais já estavam separados e Bruno mantinha pouco contato com ele.

Passemos agora a Paulo, de trinta anos. Técnico em edificações, trabalha atualmente em uma pesquisa ligada à área de saúde e milita na mesma ONG da qual Filipe fez parte. Nascido na baixada fluminense, perdeu o pai muito novo e foi criado pela mãe, com quem viveu – ao lado de um irmão e quatro irmãs – até sair recentemente de casa. Apesar de ter sido realizada em um lugar público, sua entrevista foi uma das mais longas. Bastante eloqüente, Paulo tentou resumir como pôde o modo pelo qual começou a perceber seu desejo por outros homens e deu início às primeiras práticas sexuais:

“[...] Sempre teve aquela coisa, namorada, né, a família empurrando você pra isso [...] No começo dos anos 90 é que eu fui ver essas coisas assim, de namoro, que eu já tava adolescente, quatorze, quinze anos, assim. Então eu achava que não, ‘Ah, será que eu tô pecando?’ [...] Hoje em dia não tanto, mas naquela época era muito, minha mãe, ela sempre foi assim, né? Evangélica, religiosa, e tal... ela sempre achava aquela coisa, ‘Ah, tá pecando’, aquela coisa... transava, assim, já com quinze, dezesseis anos... essa época assim. Eu transava, já com homem, né? [...] Desde que eu me entendo por gente, desde pequeno mesmo, eu sempre tive mais tesão por homens. E tinha os modelos, as manequins, eu sempre me interessava mais pelos homens, de sunga, e tal [...]”

Não obstante ter sido criado por uma mãe religiosa, Paulo afirma ter tido poucos conflitos internos por conta de suas práticas. Como suas experiências homossexuais se deram relativamente cedo, já na adolescência Paulo diz ter começado a percebê-las como uma “coisa natural”. Na “pegação”, acabou fazendo amigos e se identificou com experiências de discriminação, o que ajudou a “ir se aceitando”.

Segundo o que ele próprio relatou, sua mãe sempre teve conhecimento acerca de sua orientação sexual, porque, de acordo com sua visão, “mãe sempre sabe, né?” No entanto, foi após um incidente envolvendo a polícia que a suspeita parece ter sido confirmada. Paulo estava em um mirante das redondezas andando de bicicleta com amigos, quando alguém que os avistou desconfiou do movimento (por razões desconhecidas) e acionou uma patrulha. Ao chegar, um policial insinuou que ele “parecia meio gay” por estar “mais arrumadinho que os outros”, denunciando o fato à sua mãe, por telefone. Paulo conta:

“Quando eu cheguei em casa, minha mãe tava chorando, aquelas coisas, porque assim, você imagina, né, mãe religiosa [...] Mas eu falei o seguinte: ‘Mãe, você pode ter certeza que eu nunca vou fazer a senhora passar vergonha’, tipo assim, sair com vizinho, essas coisas, pra ficar falado...”

Mais uma vez, percebe-se a importância da vizinhança como agente potencializador da estigmatização no ambiente familiar. Para Paulo, o fato de ter tido sua homossexualidade exposta à mãe por outra pessoa que não ele parece ter tido maior relevância do que a simples confirmação da mesma. Ao assegurar que nunca iria fazê-la “passar vergonha”, estabelecia com a mãe uma espécie de pacto familiar que tornou-se ainda mais importante na medida em que foi intensificando seu trabalho como militante homossexual e fortalecendo amizades com outras pessoas desse grupo. Entretanto, a “vista grossa” por parte da mãe (e também dos irmãos) continuou se fazendo presente. Paulo acredita que hoje consegue “ter uma postura” e se fazer respeitar, mas ao mesmo tempo não descarta a possibilidade de que surjam comentários maldosos – ainda que nunca em sua presença.

Carlos, por sua vez, relata uma história singular. Aos trinta e seis anos, trabalha no mesmo projeto que Paulo e milita há alguns anos na mesma ONG, mas já ocupou diversas outras funções em diferentes áreas profissionais. Mantém um relacionamento heterossexual com uma atriz e “compartilha” com ela outro homem, além de viver experiências homossexuais isoladamente – bem como sua companheira que, segundo suas palavras, “não é lésbica, [...] mas é uma pessoa aberta para as várias possibilidades do mundo e da vida”. Em virtude de seu relacionamento pouco usual, logo de início pedi que me falasse sobre ele e perguntei como se definiria em termos de sua orientação sexual:

“Olha, [...] já houve vários questionamentos da minha parte em relação a essa questão de definição. Porque assim, pra mim, sempre houve uma questão de muito desconforto, sempre houve muito desconforto [...] porque o processo que eu enfrentei de preconceitos sempre foi muito... muito duro, né? [...] Nunca gostei muito dessas classificações, porque eu sempre me classificava como alguma coisa [...] E eu fui percebendo ao longo do tempo que [...] eu não gosto de me classificar, mas eu vejo que há uma necessidade dentro das questões políticas mesmo, enfim, da sociedade em que a gente vive, de ter essa questão de classificação. Mas eu vejo que eu sou uma pessoa que sou muito livre, sempre fui muito livre com essas questões de sexualidade [...] Então eu sempre me experimentei com as possibilidades que a vida sempre vem me demonstrando, né? E assim, eu já tive várias mulheres na minha vida, mas vários homens. [...] Meu desejo sempre foi muito mais forte para o lado homo, homossexual [...] Mas existe uma questão que se chama bissexualidade.”

Perguntei a ele o que chamava de “bissexualidade” e acabamos entrando em questões envolvendo o início de seu relacionamento com a presente companheira e o processo de “auto-descoberta”. Carlos me disse que apesar de ter percebido ao longo de sua adolescência uma preferência por homens, descobriu-se apaixonado por essa atriz, estabelecendo com ela “uma perfeita comunhão”. Entretanto, nunca escondeu seu

desejo homossexual e falou mais uma vez da dificuldade que tinha em se auto-classificar. Por já ter mantido muitos relacionamentos com mulheres e ao mesmo tempo gostar de outros homens, afirmou que talvez pudesse se considerar bissexual, mas pessoalmente prefere se colocar à margem de rótulos, ao menos quando se trata de sua relação com a companheira:

“[...] Nós temos uma relação... não sei se muito parecida com a relação das pessoas, mas a gente tem os nossos acordos, e isso é exposto ao público [...] É uma coisa que é de acordo, eu falar, ela falar, entendeu? Mas a gente tem uma parceria, a gente tem uma união, a gente convive, enfim... a gente tem um amor um pelo outro, mas só que assim, [...] em nenhum momento eu enganei ela do meu desejo homo, e [d]isso eu nunca vou abrir mão [...] Eu acho que com ela é a satisfação de ter o dia-a-dia, com uma pessoa bacana.”

O discurso de Carlos parece desconstruir o estereótipo do ativista que precisa necessariamente advogar e tomar para si uma identidade fixa e imutável, seja ele militante do movimento homossexual, negro, feminista ou qualquer outro. De todo modo, destaco o que ele próprio deixa subentendido quando afirma haver “uma necessidade dentro das questões políticas” de adotar algum tipo de classificação identitária.

No que tange à família, Carlos centrou sua fala basicamente na relação com a mãe. Os irmãos faleceram precocemente e os pais se separaram quando ele ainda era novo, fazendo com que a relação com o pai fosse sempre “muito superficial”, constituída unicamente por encontros esporádicos. Em decorrência disso, diz nunca ter havido qualquer oportunidade para conversar acerca de questões envolvendo sua sexualidade.

A mãe foi apresentada como tendo “um discurso muito libertário, mas um libertário só para os filhos dos outros”. É interessante a maneira como Carlos fala dela, pois apesar de haver admiração, em todo momento ele aponta para um comportamento paradoxal, que parece refletir uma ambigüidade social mais geral, presente nas camadas médias de hoje, que muitas vezes tentam aceitar a homossexualidade de um amigo ou familiar naturalmente, mas para isso precisam lidar com preconceitos internalizados extremamente fortes. Ao mesmo tempo, o problema do “discurso libertário só para os filhos dos outros” mostra um aspecto presente na revelação de qualquer característica estigmatizante: às vezes, é mais fácil contar para alguém que não tenha expectativas prévias, pois o impacto poderá ser menor (Goffman, 1988). Carlos conta que a mãe

“[...] sempre percebia, e assim, era complicado, porque a minha primeira revista gay que eu tive na minha vida foi minha mãe que me deu. Vai entender isso! Porque minha mãe sempre teve essa coisa muito libertária, muito sexual, essa coisa muito de todo mundo nu, ela veio da década de 60, 70, aquela coisa de geração *Flower Power* [...]”

E acrescenta:

“[...] Quando eu tinha 18 anos, cheguei pra ela, falei, ‘Olha, existe essa questão, eu sou isso mesmo’, e tal. E aí houve um choque com isso, acho que ela teve várias preocupações [...] Houve uma divisão, quando eu pensei que eu fosse encontrar uma aliada, e aí não foi. Entendeu?”

Atualmente, Carlos diz ainda sentir um desconforto por parte da mãe. Acredita, entretanto, que o fato de estar vivendo com uma mulher seja um fator que amenize tal desconforto.

Gabriel, de vinte e nove anos, foi o que me concedeu a entrevista mais longa. Morador de Niterói e formado em psicologia, apresentou um discurso extremamente elaborado em relação à sua “auto-descoberta” e o processo de aceitação por parte da família, marcado por muitas brigas. Apesar de não ser ativista, mostrou-se bastante empenhado na promoção dos direitos dos homossexuais, engajado em uma espécie de “militância pessoal”. Foi uma das entrevistas que mais me marcou, pois Gabriel se apresenta como um “tipo ideal”³⁰ de “homossexual consciente”, na medida em que reafirma a importância do “dizer” como imperativo moral. Seria difícil, portanto, não me sentir pessoalmente afetado pelas palavras de alguém que parece conseguir “se afirmar” com segurança diante de situações que poderiam fazer com que outras pessoas menos “confrontadoras”, entre as quais eu me situaria, permanecessem em silêncio.

Voltando desta breve digressão – que será objeto de análise nos próximos tópicos – entremos no que Gabriel conta acerca de suas primeiras descobertas:

“[...] Desde criança, eu sempre tive atração, atração física [...] por homens [...] À medida que eu fui crescendo, eu [...] identificava que eu tinha identificação atrativa com homem. Mas também por uma questão de exigência, acho que exigência da sociedade; é engraçado que a gente nem se dá conta, parece que a gente já é [...] carregado dessa maneira [...] Na verdade, é uma coisa engraçada, porque eu identificava que eu tinha atração, mas eu me pergunto por que que eu nunca compartilhava isso com ninguém, por que que eu nunca contei [...] É estranho, parece que a gente já nasce com a idéia de que isso é uma coisa que deve ser não-compartilhada, não-contada.”

³⁰ Ao falar em “tipo ideal”, não faço referência direta ao clássico conceito weberiano, ainda que seja possível traçar algum ponto de interseção com o mesmo.

Como é possível ver, a questão do “segredo” – aspecto fundamental deste trabalho – aparece de maneira explícita na fala de Gabriel. Até a metade de sua adolescência, período em que começou a fazer terapia, nunca havia falado a respeito de seus desejos com ninguém. Ainda que já tivesse práticas homoeróticas com o primo desde os dez anos, o que considerava “algo muito prazeroso”, não sentia necessidade de falar sobre elas e chegou a namorar meninas; segundo ele, para “ganhar espaço no grupo” entre os amigos de escola.

É interessante notar que neste ponto Gabriel fez uma ressalva às próprias lembranças, demonstrando talvez a dificuldade inerente à narrativa do que chamamos de “história de vida”. Ao mencionar a concomitância de um interesse sexual pelo sexo masculino e o prazer que tinha em se relacionar com meninas pelo “ganho social” – algo impossível de ser obtido na época com relacionamentos homossexuais – Gabriel diz que mesmo se masturbando com o primo, “se falava muito de mulher”, ao que acrescenta:

“Na verdade, tentar explicar essas lembranças é um pouco complicado. É mais fácil você narrá-las do que você explicar. Né?”

Perguntei a ele se havia algum momento em sua vida que ele considerasse um “ponto de corte”, isto é, se em algum momento o fato de namorar meninas tendo um desejo quase que exclusivo por homens estaria começando a criar algum tipo de conflito subjetivo, já que essa parece ser uma experiência muito comum não só entre os informantes a quem tive acesso, mas entre os homossexuais de uma maneira geral. Gabriel me contou:

“Eu realmente entrei em crise, eu comecei a sofrer, quando eu me apaixonei pelo meu melhor amigo [...] Ele era uma pessoa que saía comigo, era um colega de casa espírita, que eu sou espírita, e tinha um grupo de jovens, né, e ele é uma pessoa muito gente boa, doce, carinhosa. E a gente era muito amigo, a gente falava de meninas, víamos Playboy, [...] mas eu comecei a me dar conta que eu tava gostando dele. Mas isso foi uma coisa estranha, eu [...] não me imaginava me masturbando, fazendo sexo com ele, eu tinha vontade de fazer carinho nele, de abraçá-lo, de beijá-lo, coisa que eu nunca tive vontade de fazer com qualquer outra pessoa, principalmente com meu primo. Com meu primo era uma mera questão de masturbação, de sexo oral, orgasmo e acabou [...] Minha cabeça pirou. Eu comecei a sofrer muito [...] Eu procurei terapia, porque eu tava me sentindo mal.

Na época, Gabriel disse estar com quatorze ou quinze anos, e a terapia ofereceu a ele um espaço onde pôde pela primeira vez compartilhar abertamente a experiência de apaixonamento que o fez ter melhor ciência de sua orientação sexual e vivenciar mais

propriamente o que ele mesmo chamou de “vida gay”, construindo as primeiras amizades fora de seu círculo heterossexual. Ao mesmo tempo, continuava a namorar mulheres em virtude do prestígio que procurava conquistar entre aqueles que desconheciam suas práticas homossexuais. No entanto, aos poucos a manutenção de uma “vida dupla” começou a ficar mais difícil:

“Ao mesmo tempo em que eu namorava a Juliana, eu conheci um cara chamado Lucas. E vamos dizer assim, foi minha segunda paixão [...] Eu conheci ele no Bay Market³¹, ele era amigo do Marcelo e do Bernardo³², e a gente veio a paquerar, e assim, não tínhamos onde ficar, então eu me recordo que às vezes eu andava pela rua à noite, tentando encontrar um local escondido, um gueto, pra eu poder beijá-lo, acariciar, masturbá-lo, e aquilo tudo era muito excitante pra mim. E tinha a namorada [...] E eu comecei a me apaixonar pelo Lucas. E eu recordo uma vez que eu tava na casa da Juliana, e a gente começou a se beijar, deitado no sofá, e eu reparei que ela começou a ficar excitada. Foi engraçado, porque eu fiquei com medo nessa hora. Eu reparei que ela tava excitada, e eu não estava. E eu falei assim: ‘Cara, que merda, a gente vai transar, e eu não vou querer’. Eu acho que talvez os conflitos começaram a surgir daí.”

Quanto mais Gabriel se entrosava na “vida gay”, mais era complicado “manter as aparências” e ele acabou rompendo com a namorada sem, entretanto, contar a ela a verdadeira razão para tal. Até então, sua família também não tinha conhecimento de suas atividades. Porém, a situação começou a se tornar insustentável, pois passou a sair muito e precisava sempre inventar desculpas para que os pais não soubessem aonde ele estava indo de fato:

“[...] A minha mãe reparou que eu tava saindo muito, então ela começou a me questionar onde é que eu ia [...], então eu inventava que ia pra boate em Niterói, né, inventava mil lugares. Só que eu sempre chegava muito de madrugada, então comecei a entrar em conflito com os meus pais, principalmente com minha mãe, por isso.”

Segundo Gabriel, sua mãe já desconfiava de sua homossexualidade antes de ter decidido revelá-la de forma espontânea:

“Eu já tava brigando muito com ela, eu chegava tarde; minha mãe sempre foi muito preocupada com violência, coisa e tal, e eu brigava [...] Minha mãe várias vezes escrevia bilhetes pra mim, dizendo: ‘O que você está fazendo da sua vida?’, ‘Onde é que você tá?’, ‘Com que pessoas você tá freqüentando?’, e eu não podia falar pra ela o que eu tava fazendo, eu tinha medo. Mas eu comecei a entrar em conflito com isso. Eu comecei, justamente nessa época, a ver o que a sociedade pensava do fato de homem gostar de homem. Comecei a ver; aquilo começou a me fazer sofrer [...] Eu comecei a perder a paciência por ter que ficar mentindo, porque me fazia sofrer mentir. Né? Então eu comecei a achar que eu queria falar a verdade”.

³¹ Famoso shopping de Niterói, bastante freqüentado pelo público homossexual.

³² Amigos que Gabriel conheceu no Bay Market “puxando papo” e que vieram a se tornar grandes companheiros de saídas.

Embora tenha decidido finalmente contar aos pais o que estava acontecendo, a decisão veio acompanhada de uma profunda sensação de insegurança. De acordo com ele, além da reação imprevisível, o fato de ainda não se aceitar “plenamente” – o que atribuía principalmente à sua formação religiosa – criava uma barreira difícil de ser atravessada. Somente após ter se aberto com Juliana, sua ex-namorada, e a tia, que preparou sua mãe para a conversa que teriam sobre o assunto, ele se sentiu suficientemente fortalecido para concretizar seu *coming out*:

“[...] Eu comecei a falar [para a Juliana] que eu tava sofrendo, que minha mãe não sabia, que eu queria contar e que eu não agüentava mais mentir. E ela falou assim: ‘Gabriel, sabe quando você vai parar de sofrer? Quando você começar a se aceitar’ [...] Aí passou-se um tempo, na terapia eu comecei a melhorar [...] Resolvi contar pra minha mãe [...] Só que antes eu fui conversar com a minha tia [...], e ela me aceitou; primeiramente falou que me amava, não ia perder o respeito comigo [...] Ela falou para eu esperar no quarto dela, que ela ia lá conversar com a minha mãe, preparar ela, dizer que eu tinha alguma coisa pra contar. Minha mãe chegou, já com uma cara de que já sabia o que ia ouvir. E ela falou: ‘O que você quer falar comigo, Gabriel?’. Aí a questão: como contar? O que falar? Aí eu falei pra ela: ‘Eu quero contar pra você que eu sou bissexual’. Eu não conseguia falar a palavra ‘gay’. Eu nem sei se eu era, eu não sabia se era gay na verdade. Eu queria falar pra ela que eu gostava de homem, mas é muito forte falar isso pra minha mãe. Ela perguntou: ‘Você é bissexual ou você é gay?’ Aí eu disse: ‘Entenda como você quiser’. Ela começou a chorar discretamente.”

O choro da mãe foi o primeiro sinal de uma grande crise que estaria por vir. Diferente do pai, que ficou sabendo logo depois e que, apesar de ter deixado claro para Gabriel que não aceitava sua homossexualidade, manteve um nível razoável de respeito, a mãe ainda brigava constantemente com ele. Não obstante, Gabriel diz ter sentido um enorme alívio após a revelação:

“Olha, Gustavo, a melhor coisa é você deixar de mentir. Você não ter a preocupação de esconder. Cara, isso é um sofrimento terrível. Pelo menos pra mim foi. Eu falei: ‘Eu não vou mais ficar escondendo. Chega, não agüento mais.’”

Para os irmãos – uma irmã, mais velha, e dois irmãos, mais novos – o conhecimento acerca de sua orientação sexual se deu “por tabela”, isto é, provavelmente por intermédio dos pais. Embora Gabriel não se recorde de nenhuma conversa específica em que a revelação tenha ocorrido, nenhum deles reagiu de forma amigável frente à nova informação. Um dos irmãos, com quem Gabriel teve muitos conflitos, chegou inclusive a divulgar a “notícia” para os colegas do centro espírita que a família freqüentava. Apesar disso, Gabriel diz ter conseguido encontrar forças para lidar com tudo aquilo:

“[...] Não me incomodou, eu até fiquei agradecido, porque todo mundo sabia. E eu comecei a cagar e andar pro que os outros pensavam. Eu sempre fui muito crítico, eu brigava, fazia coisa errada, mas eu sempre botei minha cara a tapa, eu nunca permiti que ninguém me desrespeitasse. Por quê? Porque eu sofria muito. E eu não achava que eu merecia aquele sofrimento.”

A estratégia de enfrentamento adotada por Gabriel foi se tornando cada vez mais freqüente e desencadeou um processo de “aceitação forçada” dentro do âmbito familiar. Assim como vários outros “pontos altos” das entrevistas, essa estratégia será melhor analisada mais à frente.

João, meu último entrevistado, adotou por sua vez uma postura bastante diferente em relação à família. Carioca de trinta e cinco anos, é formado em Ciência Política e trabalha há sete anos como coordenador de pesquisa e avaliação de uma ONG voltada à igualdade de gênero e ao fim da violência interpessoal. Engajado ao seu modo na luta contra a homofobia, disse acreditar ser “gay desde sempre”, crença extensível a todos os homossexuais, de acordo com sua linha de pensamento:

“[...] As pessoas sabem que são gays desde criança, não é nenhuma opção, como eles falam: ‘Ah, eu decidi ser gay a partir de hoje’. Não, acho que você vem com aquilo, você é gay desde sempre. Agora, acho que você chega em algum momento de optar; se você vai realmente deixar que isso que vem de dentro aflorar, ou vai deixar que a sociedade mande na sua vida, e vai casar, ter filho, mas vai pegar o michê à noite, ou quando a mulher viajar com as crianças.”

Embora tenha mantido relacionamentos heterossexuais durante a adolescência, sua primeira experiência homossexual ocorreu ainda na infância e veio a se apaixonar por um homem no início da vida adulta, o que deflagrou, em suas palavras, sua “redescoberta”. A partir desse momento, nunca mais namorou mulheres e passou a ter dificuldades com a família. Ainda que nada fosse dito explicitamente e o primeiro namorado fosse bem tratado em sua casa, os irmãos faziam insinuações acerca de sua sexualidade:

“[...] Eu morava com meus pais na época, em Brasília. Ele [o namorado] freqüentava a casa dos meus pais os quatro anos, não deixou um dia sem ir na casa dos meus pais [...] Teve uma vez que minha irmã queria ver algum canal na TV, que a gente só tinha uma TV a cabo, na sala, então ela foi lá e falou: ‘Eu quero ver o canal tal’. Eu falei: ‘Não tá vendo que a gente tá vendo outra coisa?’. ‘Se vocês não deixarem, vou falar pro meu pai e pra minha mãe o que andam falando de vocês aí’. Mas ela falou assim, brincando, rindo, e saiu.”

Em outro momento, a insinuação partiu de um irmão, mas foi imediatamente rechaçada pelo pai:

“Teve um dia que as duas [a mãe e a irmã] saíram; ficaram só os homens em casa. E aí meu irmão mais novo fez um comentário: ‘Pô, você não traz nenhuma mulher em casa, né?’ Aí meu pai na mesma hora falou assim: ‘O seu irmão não quer se envolver com namorada por enquanto, ele só quer saber de estudar’. E eu só respondi pra ele assim: ‘Você não tem nada com isso’.”

A história de João parece ilustrar um “pacto silencioso” bem-sucedido. Nas poucas vezes em que tentou se abrir de alguma forma com os pais, sua iniciativa foi reprimida, de modo que um possível diálogo aberto acerca de sua orientação sexual teria que partir deles, o que João considera improvável. Ele fala, por exemplo, de uma situação em que tentou buscar suporte emocional da mãe após o fim do primeiro relacionamento:

“[...] Eu fui tentar conversar com a minha mãe, fui falar: ‘Mãe, eu queria falar uma coisa contigo’. Ela olhou pra mim e falou assim: ‘Eu não quero saber de nada, só vou te falar uma coisa: se uma pessoa não gosta de você, você vai encontrar outras que vão gostar’. Ponto. Aí ela saiu, me deixou lá sozinho, não falou absolutamente mais nada [...] Na verdade, eu acho, tenho certeza que eles sabem, mas é aquela coisa, eles não querem tocar no assunto [...]”

A fronteira entre o “dito” e o “não-dito” parece refletir uma diferença fundamental na manutenção de determinados “segredos” estigmatizantes, que é a diferença entre a *suspeita* e a *certeza* ou, se quisermos utilizar a terminologia proposta por Goffman (1988), entre o *desacreditável* e o *desacreditado*. Enquanto o *desacreditável* pode manipular seu estigma de modo a se preservar de determinadas recriminações, o *desacreditado* não conta com essa possibilidade, pois seu estigma não é passível de ocultamento. Mesmo que João afirme ter certeza de que os pais sabem de sua homossexualidade, ele é mantido e se mantém em uma posição fronteira, já que seus pais se recusam a tocar no assunto e, apesar de continuarem a tratar bem seus namorados, questionam certos comportamentos do filho, como viver com seu parceiro atual – fato a respeito do qual somente a irmã tem pleno conhecimento. Entretanto, João afirma “não ter nada a esconder”:

“[...] O problema não é meu. Pra mim, o que eu penso é o seguinte: o problema tá com eles, o problema não tá comigo. Se eu não sou o filho que eles queriam que eu fosse, fosse heterossexual, desse netos pra eles, aí é um problema deles, não é um problema meu. Isso foi o que eles quiseram pra mim, não foi o que eu escolhi, o que eu quis pra minha vida. Entendeu? [...] Se um dia eles estiverem dispostos a sentar comigo, conversar comigo, ok, vamos sentar, vamos conversar e vamos falar abertamente. Não vou mentir, até porque não tenho porque mentir.”

Como há de se notar, a esfera familiar é um dos mais importantes nichos onde a gestão da homossexualidade aparece como problema central, ajudando muitas vezes a moldar a percepção que se tem de si mesmo. Dessa forma, decidi dar início à minha análise de campo trabalhando questões referentes a esse espaço. A esta discussão, aliei o problema da “auto-descoberta” em virtude de ela ter se dado – ao menos para a maior parte de meus entrevistados – dentro do âmbito da família, sendo esse geralmente o primeiro lugar em que a necessidade de ocultar desejos e práticas homossexuais se faz presente. Não menos importante é a questão da categoria “aceitação” que, comparativamente a outros espaços de sociabilidade, aparece aqui consideravelmente mais valorizada. Conforme veremos no próximo tópico, “aceitação” e “respeito” aparecem muitas vezes como categorias dissociadas e vinculadas a contextos sociais distintos.

3. Amigos, trabalho e espaços públicos

Assim como a família, a relação com os amigos e a vida estudantil e profissional foram objeto de preocupação na montagem do roteiro de entrevista e, por vezes, apareceram espontaneamente no discurso dos informantes. Pretendo, assim, retomar as entrevistas a fim de melhor compreender como a questão do “assumir-se” é problematizada em outros contextos.

Rodrigo, meu primeiro entrevistado, conta que apesar de só ter vindo a identificar sua atração por outros homens no final da adolescência, aos quinze anos já experimentava dificuldades na escola por conta de uma possível “suspeita” por parte dos colegas em relação à sua sexualidade. Como estudou até a oitava série em um colégio pequeno, onde tinha fortes laços de amizade que até hoje se mantêm, a transição para um lugar novo, com muitas turmas e pessoas desconhecidas, foi permeada por uma marginalização no ambiente escolar, onde havia uma espécie de “cultura hegemônica”, em que a regra era, dentre outras coisas, ser “loiro, estar na academia e ir pra micareta”. Desse modo, Rodrigo só conseguiu construir laços com outros *outsiders*:

“[...] Eu fiquei com os marginais, né? As putas, os drogados, os viados, os roqueiros... era minha galera [...]”

Quando perguntei sobre o tipo de discriminação sofrida, Rodrigo não entrou em detalhes, mas disse ter sido explícita e caracterizada primordialmente por piadas:

“[...] Não vou lembrar de uma situação específica, mas tinha piadas, tinha uma coisa mais mesmo... explícita, não só pra mim, eu e esse grupo, né? Esse grupo marginal, que tinha outros gays também nesse grupo... engraçado que ninguém falava, ninguém se definia como gay, assim... a gente não se falava; engraçado isso, né? [...]”

De fato, o silêncio em relação à sexualidade dentro do próprio grupo marginalizado dá lugar a diversas especulações, algo que Rodrigo não se arriscou a fazer. Muito embora eu também não possua as ferramentas necessárias para tal, acredito em duas possibilidades, que talvez se sobreponham: primeiramente, o momento em que Rodrigo se encontrava – mais de uma década atrás, quando a visibilidade homossexual era muito menor do que hoje – e, em segundo lugar, a pouca idade das pessoas envolvidas. Ainda que atualmente muitos adolescentes já se afirmem como “gays” ou “lésbicas”, a primeira juventude é geralmente um período marcado por grande instabilidade, e assumir uma identidade “fluida” pode ser preferível. Como Pais (2006) ilustra,

Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém [...] (p. 8)

A escola foi mencionada como palco de discriminação apenas por Rodrigo e Carlos, que via nela “um ambiente muito perverso”. Vale ressaltar, entretanto, que pesquisas recentes têm apontado o âmbito escolar como um dos locais onde a homofobia mais se faz presente fora do círculo familiar, como a já citada sondagem realizada pelo CLAM que, na Parada do Orgulho GLBT do Rio de Janeiro de 2004, constatou que “a discriminação na escola [...] assume dimensões de uma epidemia grave quando as vítimas são muito jovens. Nada menos que **40.4% dos adolescentes entre 15 e 18 anos** foram vítimas dessa experiência.” (grifo dos autores) (p. 81).³³

Voltando à história de Rodrigo, percebe-se em sua fala que os amigos mais próximos – e principalmente as amigas mulheres, as primeiras pessoas para quem revelou sua homossexualidade depois dos pais e da terapeuta – foram e ainda são importantes para a manutenção de certa estabilidade emocional. Porém, conforme observado logo no início deste capítulo, para ele, a família nuclear sobressai como sustentáculo maior.

³³ Ver também os artigos compilados por Sears (2005), que exploram o problema do *bullying* homofóbico em escolas de diversos países.

Em relação à vida profissional, Rodrigo se considera uma pessoa com “a maior sorte”, por estar no momento em um lugar “totalmente ‘pró’” e não ter tido problemas ao longo da faculdade, por exemplo. A escolha de estudar psicologia aparece como um facilitador de seu trânsito enquanto homossexual, e trabalhar com questões ligadas à sexualidade, como uma conquista pessoal. Mesmo em ambientes onde desenvolve outros tipos de pesquisa, esconder a preferência por homens não é uma preocupação rotineira, ainda que o primeiro episódio em que sua orientação veio à tona pareça estar vívido em sua memória:

“[...] É muito tranqüilo, nunca escondi [...] Qual foi a primeira vez que isso apareceu? Eu não sei, acho que foi alguma coisa assim, de eu ir contar alguma coisa que na história tinha o meu namorado, e eu não hesitei em falar ‘meu namorado’; não falei ‘meu amigo’, ‘meu sei-lá-o-quê’, ‘uma pessoa’. Eu falei ‘meu namorado’. E aí, enfim, foi muito tranqüilo também. Assim, alguma garota fez uma cara de choque, mas também sem o menor problema [...]”

Para Thiago, que chegou ao Rio muito jovem, a amizade prévia com o amigo que o convidou a se mudar do interior de Minas Gerais teve papel fundamental no estabelecimento de uma rede de sociabilidade mais ampla, que parece ter dado a ele um sentimento de segurança subjetiva importante para a manutenção do projeto de viver na cidade grande. Inicialmente constituída por outros homossexuais, essa rede foi aos poucos se expandindo na medida em que começou a trabalhar e estabilizar-se profissionalmente.

Conforme já exposto, seu discurso foi muito pontual e poucas vezes entrou em detalhes minuciosos acerca de suas relações. Quando indaguei sobre suas amizades atuais, afirmou ter “um círculo de amizades grande”, constituído por “heteros, gays, homens e mulheres”. Embora não tenhamos falado sobre a maneira como os amigos heterossexuais vieram a saber de sua homossexualidade, Thiago foi enfático ao dizer que nunca teve problemas em relação a isso:

“[...] Eu devo ter [...] menos amigos heteros. Mas todos eles não têm o menor sinal de preconceito, [...] mesmo porque eu não vejo porque teria[m]. Se eu achasse que deveria ter, se eu achasse algum sinal de diferença, ia ser muito estranho, muito complicado isso.”

Na vida profissional, Thiago disse adotar uma posição em que “não se expõe, mas também não se esconde”, falando abertamente apenas para algumas pessoas, com quem tem maior intimidade. Por considerar a sexualidade uma questão cara somente ao âmbito privado, afirmou que ela “tem que ficar onde ela tem que ficar”:

“[...] Não tem que ficar expondo a sexualidade. Se você não quiser esconder, não esconde, mas não precisa ser exposta. Não precisa ser escondida, não é isso. Eu só vejo que a sexualidade não pode ter um tom político. Sexo não é política.”

Questionei seu pensamento perguntando se ele não achava que a sexualidade estaria, sim, ligada à política, ao que me rebateu diferenciando “sexo” de “comportamento afetivo” – este último sendo em sua visão o principal mote das lutas pelos direitos dos homossexuais. Insisti na provocação e indaguei se sexualidade e afetividade não estariam ligadas. Thiago me disse:

“Sim, mas é só uma ligação. Ela [a sexualidade] não pode ser o mote. Porque sexo, você faz... eu faço sexo com mulheres; já fiz, hoje em dia eu não faço mais [...] Quando eu me apresentar pras pessoas, vou dizer: ‘Olha, eu sou homossexual, mas transo com mulheres’? Então, essa coisa do sexo, eu acho que ela tem que ficar um pouco separada disso.”

Rafael, por sua vez, foi bastante eloquente ao falar da vida profissional. Quando começou a trabalhar em seu emprego atual, já vivia um relacionamento com Thiago e começava a demonstrar preocupação em ser aceito e respeitado independentemente de sua sexualidade:

“[...] Eu nunca falei sobre homossexualidade lá, mas tinha um chefe de gabinete, que [...] gostava de brincar, de implicar, e ele começou brincando comigo, falando assim: ‘Vai ter Parada lá não sei onde, você vai?’ ‘Pô, nessa eu não fui’; ele perguntava se eu tinha ido, eu falei assim: ‘Não, não fui’, mas aí depois eu comecei a conversar sobre isso, sabe, a minha colega de plantão, que tinha uma outra pessoa que trabalhava comigo, sabia, depois o diretor [...], e eu era secretário dele dentro do gabinete. Depois [...] esse chefe de gabinete continuou brincando comigo, eu continuei brincando com ele, mas quando eu me assumi, eu sempre assumi uma posição [...] acho que legal quanto a isso, porque eu nunca fiz nada que tirasse meu crédito como profissional, sempre fui um bom funcionário, então eles me respeitavam por isso [...]”

Apesar do fato de ser um “bom funcionário” parecer ter colaborado para que a possibilidade de sofrer algum tipo de rechaço fosse minimizada, a adoção de uma política pessoal caracterizada pela firmeza e abertura em lidar com situações que dessem margem a especulações sobre sua sexualidade foi o que mais ajudou Rafael a lidar com o medo da exposição:

“[...] Eu não sou de levantar bandeira, não sento na mesa e ponho uma bandeira do Arco-Íris do lado, sabe? Mas eu nunca omiti. Assim, quando eu atendo o telefone e é meu namorado que liga, eu atendo como meu namorado; quando a gente tá conversando sobre alguma coisa [...], eu falo sobre ele [...] Então é uma coisa natural, hoje eu acho assim, que a gente vai se aprimorando nisso também. E todo mundo sabe [...] O lado profissional pra mim é muito tranquilo.”

Não obstante, Rafael contou já ter tido que enfrentar situações no campo profissional em que preferiu não revelar sua orientação sexual, mas ainda assim saindo na defesa dos homossexuais:

“[...] Uma vez eu fui almoçar com três policiais, nesse mesmo trabalho, que eram técnicos. E aí [...] eles falaram assim: ‘Ah, porque [no nosso trabalho] tem muito viado’. Aí começaram a rir. E eu tava sentado com eles, eu era amigo mais próximo a um desses, aí eu virei pra eles, falei assim: ‘Olha só, [lá] tem mais viado do que vocês imaginam’. Só falei isso. Todo mundo ficou constrangido, baixou a cabeça e começou a comer. Porque se eu ficasse quieto, era motivo pra eles continuarem sacaneando, e eu achei que não foi preciso falar: ‘Porque eu sou gay, tô ofendido’. Porque eu não tava ofendido, eu só não gostei e achei inconveniente.”

Em relação aos amigos, Rafael disse fazer parte de um círculo muito “misturado”, algo do qual se orgulhava por reunir pessoas de diversos lugares e orientações sexuais – muito diferente de seu lugar de origem, onde os amigos que tinha eram oriundos da igreja freqüentada por ele e se mostraram extremamente intolerantes quando sua homossexualidade veio a público. Aproveitando a “deixa”, perguntei a ele se havia, de acordo com sua visão, alguma diferença perceptível de tratamento com relação à homossexualidade em geral se comparássemos o Rio com sua cidade natal. Sua resposta foi incisiva:

“Total, total [...] Aqui no Rio eu acho que você tem tanto a oportunidade de viver uma mediocridade como enfiar o pé na jaca, ou viver uma coisa bacana sendo gay, sabe? [...] Lá é uma coisa determinante o fato de ser gay [...] Ou você não vai assumir isso e vai ter uma vida profissional, mas vai ser anulado numa vida social, ou vai ter uma vida social, mas não vai poder ser gay [...] Você fica condenado [...] a ser medíocre, eu acho [...] É muito triste, eu fico triste quando eu vou lá [...] No interior, ninguém tá preparado. E se você for um gay que não é como os gays que eles conhecem, então você não é gay, você tá confuso, você tá sendo influenciado, tem alguma coisa acontecendo.”

Assim como na história de Thiago, um círculo de amizades constituído majoritariamente por homossexuais foi um ponto de apoio de grande importância para Filipe ao sair da casa da mãe. Obviamente, é necessário diferenciar o contexto de cada um dos casos: enquanto Thiago passou por uma grande mudança ao sair do interior de Minas Gerais para viver no Rio, Filipe continuou na mesma cidade, mas temporariamente afastado da mãe, numa situação inicialmente precária em termos financeiros. Além disso, já tinha um círculo de amizades relativamente estruturado antes do episódio que deflagrou sua expulsão de casa e sabia que poderia contar com ele para ajudá-lo a “refazer” sua vida.

Quanto às amizades heterossexuais, Filipe estimou seu número em cerca de 30% do total de amigos, e garantiu nunca ter tido problemas de relacionamento neste círculo. Apesar de afirmar ser preciso separá-lo eventualmente do círculo de amizades homossexuais em virtude dos diferentes ambientes geralmente freqüentados pelos dois grupos, volta e meia tenta fazer experiências de “mesclagem”:

“[...] Tenho amigas e amigos heteros, falo com eles direto, falo todo dia, converso diversos assuntos [...] Já levei um [...] conhecido meu de [...] Porto Alegre que tava aqui no Rio, ele é hetero, né, ele é modelo, enorme, fortão, lindo de morrer [...] E ele querendo sair, querendo sair, e eu: ‘Olha, cara, só conheço lugar gay, vou te levar prum lugar gay’. Aí ele: ‘Ah, vamos embora’. Aí foi engraçado, porque ele ficou totalmente assim, tipo, ele pegou todas as mulheres que tinham, até as lésbicas resolveram, de tão lindo que ele era, ele é o cara de parar uma boate. E aí ele ficou lá com as meninas, só que chega uma hora que você quer conversar sobre alguma coisa, entendeu, e ele assim, meio perdido, né, não tem muito assunto [...] Mas eu tenho também um círculo de amigos heteros bem forte. A maioria são mulheres, agora que eu tô percebendo isso, e [...] pruma conversa, pruma amizade, sabe, não tem muita diferença não, só em determinados eventos.”

No tocante à vida profissional, Filipe relatou experiências das mais variadas, por já ter trabalhado em muitos empregos. Na ONG em que ficou durante 4 anos, sua orientação sexual nunca foi um problema, já que o objetivo da mesma era fornecer apoio a homossexuais. Em outras ONGs das quais fez parte, também não enfrentou dificuldades – mesmo não estando especificamente voltadas a essa parcela da população, eram ambientes que favoreciam uma posição mais aberta em relação à homossexualidade. Além disso, os projetos que lá desenvolveu eram direcionados à promoção da qualidade de vida de homossexuais, ligados à prevenção de AIDS e outras DSTs. Dessa forma, seus primeiros trabalhos não só não criaram empecilhos à sua autoafirmação, como o ajudaram a pensar questões pertinentes ao seu próprio bem-estar enquanto alguém socialmente marginalizado.

Nos cargos que veio a exercer em empregos ditos mais “formais”, a facilidade de trânsito que encontrara anteriormente não se fazia mais presente. Entretanto, Filipe afirmou nunca ter “baixado a cabeça”, adotando um mecanismo semelhante ao de Rafael:

“Quando eu mudei de emprego, que é esse atual, [...] já deixei claro; não deixei claro tipo ‘Ah, sou gay’, mas deixei claro em conversas que não era qualquer um que tava ali também, a partir do momento em que eu abri espaço pra isso, eu também impus todo o respeito que eu queria, entendeu? Porque baixar a cabeça, sabe como é que é, né, o preconceito... principalmente na área que eu comecei a trabalhar; quando eu comecei a trabalhar nessa empresa, eu trabalhava numa área que tinha [...] praticamente só homem, aquela coisa mais rústica, digamos assim, pessoal mais mente fechada.”

Atualmente, muitos colegas do trabalho têm conhecimento acerca de sua homossexualidade, apesar de nunca ter feito seu *coming out* de maneira explícita. Em lugar de dizer “com todas as letras” que é homossexual, Filipe prefere aproveitar ocasiões em que a questão vem à tona para deixar implícita sua preferência por homens, como por exemplo uma situação envolvendo um comentário do chefe:

“[...] Eu lembro nos primeiros dias de trabalho lá, meu chefe chegou, eu tava assim com um tênis bem colorido, e aí meu chefe: ‘Pô, que tênis bonito, hein, onde você comprou não tinha pra homem, não?’ Aí eu falei assim: ‘Olha, até tinha, mas eu comprei esse de viado que combina mais comigo’. Ninguém falou nada. ‘Tá bom, né?’ E a partir daí ninguém nunca mais fez nenhuma piadinha, porque sabia que eu iria responder [...]”

A provocação rebatida com outra parece fazer parte de uma estratégia maior que tem permitido a Filipe se sentir confortável em um ambiente potencialmente constrangedor. Uma de suas falas ilustra bem esse comportamento:

“[...] O que eu acabei descobrindo nesse trabalho, que é um trabalho legal, é que as pessoas avançam até a hora [em] que você pára de recuar. Sabe? É aquela coisa, a partir do momento em que você esconde, baixa a cabeça, neguinho cai em cima de você; a partir do momento em que você fala: ‘É mesmo, e daí?’, sabe, as pessoas não tem mais... a heterossexualidade não se preparou para um segundo passo [...]”

Um último ponto que merece destaque em relação à vida profissional de Filipe é uma situação em que a decisão por não ocultar sua homossexualidade (ou, pelo menos, sua intensa conexão com atividades pró-homossexuais) foi decisiva para ser selecionado em uma promoção:

“[...] No meu currículo vinha toda a história da ONG, sabe, minha relação com os projetos sociais, que era a única coisa que eu fazia além disso. E aí eu lembro de um amigo meu: ‘Você tá maluco, tá dizendo que é homossexual’ [...] Foi uma seleção super rigorosa até, fomos uma menina e eu pra final, e aí eu falei... na hora, lá na entrevista com o gerente geral, sabe... ‘Pô, olha, é isso, trabalhei com isso, trabalhei com prevenção, diversidade sexual...’ [...] E saí assim, meio que assustado comigo mesmo, falei: ‘Cara, nunca me abri tanto pra alguém que eu não sei se podia’ [...] Fiquei meio com um pé atrás em relação a isso; ‘Eles não vão contratar um gay’, ‘Se eu tivesse escondido, eles iam fingir que não perceberam, mas agora eu disse’. E aí foi justamente o contrário, sabe, ganhei a promoção, e depois eles falaram: ‘Pô cara, quando o gerente viu a sua honestidade de chegar e falar ‘É aquilo mesmo’, ele falou: ‘É esse garoto’.”

Vê-se que aqui a “honestidade” de Filipe acabou por delinear uma espécie de “preconceito positivo”. Por ter falado a “verdade”, conquistou a simpatia do gerente responsável pela contratação, e o medo que sentiu após a entrevista deu lugar a um

sentimento de orgulho³⁴. Se pensarmos em termos de *carreira moral*, como Goffman (1988) propõe, o processo do *coming out* nesta situação poderia representar o período que o autor chama de “desaprendizagem”, no qual o indivíduo estigmatizado decide não mais encobrir seu segredo após um longo aprendizado de ocultamento. Para Goffman, esta seria a fase final da *carreira moral*, na qual o indivíduo, agora maduro e bem-ajustado, muitas vezes declara ter atingido um “estado de graça”.

Além disso, Filipe me contou acerca de duas experiências em que o “dizer” aparece associado a um maior “amadurecimento” a fim de enfrentar situações ainda difíceis para muitos homossexuais. Na primeira delas, havia acabado de entrar em um quarto de motel com outro rapaz quando se deparou com uma visão inusitada: no lugar de uma cama de casal, havia duas camas de solteiro. Ao se dirigir a um atendente do estabelecimento, o mesmo o informou que, por se tratarem de dois homens, seria necessário cobrar pelas duas. Apesar de ter optado por não prolongar a discussão e acabar indo para outro lugar, Filipe rebateu o argumento em altos brados, procurando inverter a situação, de modo que o constrangimento a que tinha sido submetido se voltasse contra o atendente:

“Eu falei assim: ‘Não, então vai me dar dois quartos. Que aí eu vou bagunçar os dois, [...] vou gozar nos dois!’”

A outra experiência ocorreu quando Filipe foi a uma loja comprar uma cueca de presente para o namorado, que vestia um tamanho maior do que o dele. Entendendo que a cueca era para uso próprio, o vendedor sugeriu que ele levasse uma menor, até Filipe esclarecer que a compra não era para ele:

“[...] Ele não tava entendendo porque que eu queria levar uma cueca maior que o meu tamanho. E aí eu falei: ‘Não, é que essa aqui é pro meu namorado [...]’”

Nesse caso, não houve qualquer tipo de reação negativa, embora o vendedor tenha ficado “super sem graça”, segundo suas palavras. Filipe conseguiu efetuar a compra e mesmo após ter revelado manter um relacionamento homossexual, continuou

³⁴ Em sua pesquisa de campo realizada com homossexuais masculinos, Nunan (2003) incluiu a pergunta “Você já se sentiu beneficiado alguma vez por ser gay?” e obteve algumas respostas interessantes. Enquanto alguns dos informantes relataram ter vivido situações de “preconceito positivo” em virtude de uma visão estereotipada de que o homossexual é “moderno”, “sofisticado” ou “sensível”, um deles mencionou a sinceridade – como no caso de Filipe – como um fator determinante na simpatia e aceitação por parte dos outros.

a ser bem atendido, o que considera uma “pequena conquista” dentro de uma estratégia maior de “cutucar” os heterossexuais:

“[...] Eu gosto de [...] deixar um pouco as pessoas pensativas [...] De vez em quando, eu gosto de cutucar esse pessoal.”

Em relação ao convívio com colegas de faculdade, Filipe disse manter um distanciamento – não por medo de que venham a saber, mas por não estar procurando novos amigos. Sendo assim, nesse ambiente nada nunca foi dito ou perguntado.

Para Bruno, o ambiente profissional foi sempre marcado por uma certa “formalidade”, isto é, uma preocupação em manter uma aparência mais “séria” e afastada de sua vida pessoal. Muito embora um de seus empregos no momento esteja ligado a um projeto de prevenção do HIV – no qual tem contato com michês, travestis e outros homossexuais – acredita que sua formação como veterinário exija dele cuidados com sua apresentação pessoal:

“[...] Eu tirei brinco, eu não pinto mais o meu cabelo, entendeu? [...] Porque eu acho que é conveniente pra mim, minha profissão... porque tem muito preconceito, entendeu? [...] Você vê meus trajes, que eu prefiro me vestir o mais social possível, o mais correto possível, porque eu sou médico veterinário; isso pesa, né?”³⁵

É possível, de fato, que atuar em um campo de trabalho como a medicina veterinária torne o profissional mais suscetível à discriminação homofóbica. Embora não possua dados específicos para corroborar esta hipótese, há que se levar em conta que alguns ambientes profissionais tendem a ser menos tolerantes do que outros. De acordo com as pesquisas realizadas pelo CLAM, números não desprezíveis apontam para a discriminação no ambiente profissional: na Parada do Rio de 2004, 11,7% de todos os entrevistados (incluindo homens e mulheres homossexuais, bissexuais e travestis ou transexuais) relataram terem sido preteridos ou demitidos do emprego em virtude da sexualidade. Em São Paulo, esse número sobe para 16% em 2005 (14,7% entre homens homossexuais) e em Recife, 14,2% na distribuição geral e 16,6% entre homossexuais masculinos (dados de 2006).

Já durante a faculdade, Bruno relata uma experiência desagradável que teve quando era monitor de uma disciplina de anatomia. Um dos alunos, em tom provocativo, fez comentários sobre a genitália de um cavalo, sugerindo que ele pudesse

³⁵ Esse tipo de cuidado com a aparência merece destaque e será trabalhado no tópico seguinte.

estar sexualmente interessado. Ainda que o motivo da insinuação não tenha ficado claro (o aluno já suspeitava da homossexualidade de Bruno? Se sim, por quê?), a resposta dada foi incisiva:

“[...] Eu falei: ‘Olha só, eu não te dou essa confiança pra isso não, não te conheço. Que moral é essa, que brincadeira é essa? [...] Foi a primeira vez que eu me impus [...]’”

Como o tempo que tínhamos disponível para a entrevista era curto, não pudemos conversar a respeito de seu *coming out* propriamente dito entre os colegas de trabalho e nem entre os amigos. Entretanto, quando perguntei acerca de suas relações nesses círculos, Bruno disse ter um convívio harmonioso na maior parte das vezes, embora a decisão por se abrir espontaneamente seja contexto-dependente:

“[...] Com os amigos foi tudo gradativo, né? Aqueles que já sabiam e desconfiavam se tornaram mais amigos meus, porque a gente começou a falar a mesma língua [...] Tem situações [em] que eu deixo transparecer que eu sou homossexual, tem situações [em] que eu não deixo.”

Paulo, por sua vez, mencionou amigos de escola com quem não chegou a estabelecer laços muito estreitos e que, portanto, não fizeram parte da rede de sociabilidade que começou a formar na adolescência. Suas amizades mais fortes foram construídas a partir dos ambientes de “pegação” que freqüentava – geralmente, outros homens com que mantivera relações sexuais e que depois acabaram se tornando unicamente amigos. Ao longo do processo de “auto-aceitação”, essas pessoas tiveram grande importância em sua vida, pois pela primeira vez pôde compartilhar as dificuldades que vivia por ser homossexual:

“[...] Vi que os problemas deles eram os mesmos que os meus [...], aí um foi um ombro pro outro [...] Eu vi que várias pessoas passavam o mesmo que eu passei, entendeu?”

Além dos amigos mais íntimos (todos homossexuais), Paulo mencionou conhecidos de sua antiga vizinhança (onde atualmente a mãe mora), com quem mantém um bom convívio. Devido ao seu trabalho na militância e ao fato de nunca ter se preocupado demasiadamente em esconder sua homossexualidade, uma “apresentação de si” enquanto homossexual nunca foi necessária. Em relação aos homens heterossexuais, ele diz:

“[...] Apesar de ser gay, eu transito normalmente [...] Os caras sempre falam comigo, assim, de uma forma respeitosa. Sabem do meu lance, mas eu não canto também [...] Acho que tem hora pra tudo, né?”

Em relação às mulheres, Paulo não se aprofundou, mas deixou subentendido que com elas a tendência é que o respeito seja mais fácil de ser conquistado. A despeito de ser bem-sucedido no contexto dessa antiga vizinhança, afirmou que homens heterossexuais são geralmente “ignorantes” e “grosseiros”.

No ambiente profissional fora da militância, Paulo parece adotar a mesma postura de outros informantes: não se esforça para ocultar sua homossexualidade, mas ao mesmo tempo não faz questão de expô-la, embora em alguns casos tenha se aberto mais por acreditar que seu trabalho como ativista já o expusesse previamente. Por tomar tal atitude, algumas vezes foi alvo de chacota, mas sempre soube se defender, como por exemplo numa situação em que uma colega insinuou que ele era “fresco”:

“[...] Primeiro, eu fui na conversa: ‘Olha, Fulana, antes de estar aqui, eu te respeito, mas eu quero ser respeitado’. Fui ríspido mesmo [...]: ‘A partir desse momento, eu não quero mais brincadeira contigo porque eu acho que você faltou com respeito comigo.’”

O “respeito” aparece em sua fala como algo estruturante, indispensável à harmonia na vida profissional. Mais do que “aceitar” as diferenças, “respeitá-las” no ambiente de trabalho é primordial. Nesse sentido, haveria para ele uma separação entre este último e o “lá fora”:

“[...] Eu acho que é assim, eu acho que em ambiente de trabalho, pra não ter violência, não ter constrangimento, eu acho que tem que agir dessa forma. ‘Tá todo mundo trabalhando aqui, gente, vamos respeitar; lá fora é lá fora, na hora do almoço vocês resolvem, mas enquanto tá trabalhando, todo mundo se respeita [...]’”

Para Carlos, as experiências no campo profissional foram bastante variadas ao longo de sua vida. Conforme dito anteriormente, contou-me já ter ocupado muitos cargos em diferentes áreas. Na época em que trabalhava como *chef* de cozinha, não via problemas em se expor, visto que muitas das pessoas daquele ambiente também eram homossexuais. Segundo ele, o mesmo acontecia quando trabalhava na área de turismo. No trabalho atual – a mesma pesquisa em que Bruno e Paulo se encontram inseridos – afirmou ter sido contratado justamente pelo fato de ser gay, pois como tem de lidar com outras pessoas marginalizadas em virtude de suas práticas sexuais, o diálogo fluiria melhor “entre iguais”.

Entretanto, no período em que trabalhou na área de engenharia civil – onde permaneceu durante seis anos – havia um receio de que sua homossexualidade pudesse comprometê-lo caso viesse à tona:

“[...] Era um processo mais complicado de se expor; um universo muito masculinizado, heterossexualizado, e a minha cabeça ainda não tinha essa estruturação [...]”

Neste caso, a decisão por não tratar dessa questão abertamente não advinha exclusivamente de uma possível reação preconceituosa, mas também de uma falta de clareza quanto à postura que deveria ou poderia adotar naquele ambiente. Acrescido a isso, por ser avesso a rótulos, Carlos acredita que uma maior abertura em relação à própria sexualidade deve ocorrer caso haja uma “necessidade para tal”, como ocorre no plano da militância:

“[...] Pra que falar? [...] Em primeiro caso, eu sou uma pessoa que [...] nunca sou assim ‘Eu sou gay’ [...] Agora eu fui num programa da TVE, e [...] era sobre a questão da sexualidade, e aí eu fui pra falar um pouco sobre a minha sexualidade, mas eu vi que houve uma necessidade de estar falando um pouquinho mais sobre isso para a juventude, aí eu fui, falei, mas eu sou uma pessoa que [...] não tem essa coisa assim ‘Sou gay, sou bissexual, sou heterossexual’. Acho que sexualidades são sexualidades, aí é uma coisa particular de cada um, né?”

Quanto às suas amizades, Carlos disse ter sido sempre “muito claro com as coisas”, evitando pessoas que pudessem ter dificuldade em lidar com suas diferenças, restringindo-se, portanto, às “amizades verdadeiras”, fossem elas com hetero ou homossexuais. Desse modo, fazer um *coming out* para os amigos não parece ter sido uma preocupação relevante em sua trajetória.

Já para Gabriel, as amizades eram bem segmentadas quando começou a experimentar a “vida gay”. Marcelo e Bernardo, os amigos que conhecera no shopping, faziam parte de um círculo totalmente distinto daquele que mantinha na escola, lugar onde suas práticas homoeróticas eram totalmente desconhecidas.

Entre os amigos gays, havia uma solidariedade mútua de extrema importância que, de modo muito semelhante à história de Paulo, ajudou Gabriel a construir uma rede de segurança, bem como um espaço de compartilhamento:

“[...] Era legal saber que tinham pessoas iguais a mim [...] Eu falei: ‘Cara, que maneiro, eu posso falar disso com alguém’. Era muito legal, era uma sensação que me deixava excitado, que eu digo, em êxtase, em poder dividir, falar: ‘Pô, aquele cara é muito bonito’, coisa e tal, ‘Pô, tua mãe sabe, teu pai sabe? Como é que é isso?’ [...]”

De acordo com Pollak (1987), a solidariedade entre grupos de amigos homossexuais é fundamental para a construção de um sentimento de menor hostilidade em relação à opressão do ambiente externo, promovendo uma integração necessária à manutenção de uma identidade de grupo. Mesmo considerando que o autor escrevia numa época bem menos tolerante, creio que suas colocações ainda tenham grande validade nos tempos atuais. Segundo ele,

Em período de repressão anti-homossexual aberta e na ausência de uma possibilidade de conceber a elaboração de uma visão homossexual da homossexualidade, a minoria parece ser um dos únicos meios adequados para se manter uma identidade de grupo. Mas, nesta identidade de grupo, que antes de mais nada reflete a humilhação, formou-se a solidariedade como condição da emancipação futura. (p. 68)

De todo modo, Gabriel começou gradativamente a se sentir incomodado em não se abrir com pessoas que não fossem os amigos homossexuais ou sua terapeuta, até finalmente decidir revelar para os pais que gostava de outros homens. Entretanto, as amigas mulheres foram as primeiras escolhidas³⁶, e apesar de não terem reagido mal diante da revelação, ficaram “surpreendidas”.

Entre os homens heterossexuais, o primeiro a saber foi seu melhor amigo, por quem havia se apaixonado:

“[...] Eu não contei pra ele que me apaixonei por ele; isso ele nunca soube. Mas eu contei pra ele que eu gostava de homem. Ele foi respeitoso, falou que gostava de mim [...] Ele também não me aceitava, mas também nunca me destratou. Achava que eu tava confuso, coisa e tal, mas eu falei: ‘Não, Gilberto, não tô confuso, realmente eu gosto de homem, eu quero contar pra você porque você é meu melhor amigo, cara’.”

Depois dele, Gabriel contou para outro amigo, que também reagiu de modo compreensivo. É interessante notar que sua preocupação maior em relação a Gilberto – um possível afastamento em decorrência de sua homossexualidade – não se concretizou, o que fortaleceu o sentimento de que poderia se abrir com mais pessoas. Apenas dois colegas não muito próximos vieram a se distanciar, fato que não parece ter sido de grande importância para ele.

Quando começamos a conversar acerca de sua vida profissional, Gabriel mencionou primeiramente o tempo de faculdade, em que se encontrava, de acordo com

³⁶ Segundo Gabriel, “era mais fácil contar para as mulheres”, fala que parece refletir um maior grau de tolerância do sexo feminino em relação à homossexualidade. Embora não pretenda me aprofundar especificamente em seu caso, considero este um aspecto importante do *coming out* entre homens homossexuais, pois outros informantes também relataram terem se assumido primeiramente para mulheres (sejam amigas ou familiares).

as próprias palavras, “no auge do conflito”. Porém, foi durante a faculdade que começou a querer se abrir com os amigos. Assim como no caso de Rodrigo, o fato de estudar psicologia contribuiu para que se sentisse em um ambiente favorável e o ajudou a diminuir significativamente o medo da exposição, inclusive no ambiente de trabalho:

“[...] Era muito difícil contar, porque eu tinha medo da reação. Mas me ajudou [...] Se eu tô num papo com as pessoas, ‘Ah, porque eu tava como a minha namorada’, eu [digo]: ‘Pô, eu tava com meu namorado outro dia’, coisa e tal. E se as pessoas tomam susto ou não, eu saio falando. Simplesmente não omito [...] Todo mundo no meu trabalho sabe de mim [...] A faculdade me ajudou muito por questões de estudo, né, eu conversava, compartilhava coisas sobre sexo com as mulheres, com as amigas...”

Gabriel afirmou ter um excelente relacionamento com seu chefe, que é delegado de polícia. Ao “não fazer a menor questão de esconder” e tratar naturalmente de assuntos como, por exemplo, sua participação em projetos envolvendo a diversidade sexual, diz ter conquistado o respeito que desde muito tempo almeja e exige. Ressalto, no entanto, que outro fator – presente durante grande parte da entrevista – colabora para que Gabriel consiga transitar mais facilmente em ambientes potencialmente discriminatórios: a preservação da masculinidade. Logo à frente, uma ênfase maior será dada a esse aspecto.

Contudo, assim como Filipe, Gabriel já se viu frente a situações em que foi pego de surpresa, e falar de si como uma forma de se “auto-afirmar”, sem permitir que fosse “desmoralizado” por constrangimentos inesperados, também se mostrou uma estratégia eficaz, como por exemplo durante um processo discriminatório que sofreu em um bar:

“[...] Eu tava ficando com um cara e a gente tava se beijando [...] E o garçom veio, e em nome do gerente pediu para que a gente parasse de se beijar [...] Eu falei: ‘Olha só, o senhor vai me desculpar, mas eu não tô vendo qualquer motivo pro senhor vir aqui falar isso comigo [...] Eu estou apenas beijando ele. Beijando. Eu não estou fazendo sexo. Eu não tô chupando o pau dele. Tô fazendo isso? E ele: ‘Não senhor’. ‘Então, por que que o gerente tá pedindo pra parar? Por que os outros estão se incomodando?’ [...] Aí ele falou: ‘Ah, mas é porque tem criança aqui.’ Eu falei: ‘Eu tô vendo que tem crianças, inclusive eu acho que é uma excelente oportunidade delas verem que a diversidade sexual existe [...] O senhor fala pro seu gerente que eu vou continuar aqui, da mesma maneira como eu tô agora [...] Se fosse um homem e uma mulher, o senhor teria vindo falar isso?’ E ele: ‘Não, né?...’ ‘Obrigado.’”

Para João, que também insistiu na questão do “respeito”, o ambiente de trabalho parece ser um lugar onde é possível falar abertamente sobre sua homossexualidade, mas não necessariamente de modo espontâneo. Como para outros informantes, o contexto é muitas vezes o fator determinante na maneira de contar e na escolha do interlocutor.

Referindo-se tanto ao tempo em que estava na faculdade quanto aos dias atuais, ele disse:

“[...] O papo é sempre recorrente: ‘Ah, tem uma menina a fim de você’ [...], e eu tenho que corresponder às meninas dando em cima de mim. E chega um momento em que eles tão vendo que eu não tô correspondendo a nenhuma delas. Então em alguns casos eu falo: ‘Ó, deixa eu te falar uma coisa, eu sou gay’. Em outros casos, eles vão percebendo, é o ‘amiguinho’ que tá sempre comigo... entendeu?”

Indaguei a ele se alguma vez já tinha decidido falar sobre o assunto em tom “confessional”, isto é, sem que tivesse que fazer seu *coming out* para explicar o desinteresse pelas mulheres ou por ter sido perguntado. João respondeu afirmativamente, dizendo já ter se aberto para duas pessoas do trabalho com quem tinha maior intimidade:

“[...] São duas relações de confiança, de carinho que eu tenho por eles, que eu vejo assim: ‘Por que não ser verdadeiro com eles?’ E posso falar assim: ‘Olha, não vou poder trabalhar hoje porque Maurício tá doente, então vou ficar com ele’. Sabe, não ter que [...] mentir [...]”

Não é difícil, portanto, perceber a pertinência do conceito “confiança” quando João o associa a determinadas pessoas. Ao não ter mais que mentir para os colegas de trabalho em quem escolheu confiar, uma nova relação de solidariedade é estabelecida – o que acredito ser válido em muitos dos outros casos aqui analisados.³⁷

No que diz respeito aos amigos fora do ambiente de trabalho, João disse só conseguir se relacionar com outros homossexuais ou mulheres. Por não se identificar em termos de interesses comuns com os homens heterossexuais, aos poucos qualquer tipo de contato que não fosse estritamente profissional foi se perdendo. Em compensação, afirmou ter muitas amigas mulheres, algumas das quais conheceu justamente através de homens heterossexuais com quem veio a cortar laços. Um dos casos foi ilustrado através de uma situação constrangedora pela qual passou, em que utilizou o termo “nossa amizade” para designar a relação que tinha com um casal e foi logo censurado pelo marido em questão:

³⁷ Nesse sentido, me utilizo de algumas idéias do trabalho de Rezende (2002), que pesquisou relações de amizade no Rio de Janeiro e em Londres. Segundo a autora, no contexto de seu estudo, “[...] a noção de confiança enquanto sentimento de segurança ou crença no comportamento do outro é essencial para a articulação entre experiência subjetiva e organização social e política [...] A confiança torna-se fundamental para a vida em sociedade porque estabelece cooperação em situações de incerteza – por exemplo, na interação de duas pessoas, onde nunca há certeza quanto à reação do outro [...]” (p. 28).

“[...] Ele falou: ‘Não sou seu amigo, você é amigo da minha mulher’. Eu falei: ‘Ok, desculpa’. E seguimos. Então [...] ficou muito claro pra mim [...] que eu sou amigo da mulher dele [...] Eu não ligo pra ele, eu ligo pra ela. E aí eu converso com ela, eu chamo ela pra sair, [...] eu chamo ela pra fazer ‘n’ coisas, mas não ele [...] Então assim, homem heterossexual tá difícil. É difícil, é difícil [...]”

Talvez seja cedo para deprender grandes conclusões com base no estudo de campo exposto até aqui. Não obstante, destaco alguns pontos que me parecem relevantes.

Acredito, por exemplo, que a história de Bruno, assim como a de Rafael, diga algo sobre o peso da religião – e mais especificamente dos cultos protestantes – no processo de reconhecimento e aceitação da própria homossexualidade, bem como na aceitação por parte da família. Em sua pesquisa envolvendo discursos sobre a “cura” de homossexuais em perspectivas pastorais evangélicas, Natividade (2006) afirma que, apesar das recentes transformações no panorama religioso do Brasil em relação a temáticas ligadas à sexualidade, questões como aborto e homossexualidade ainda estão permeadas por um forte teor de conservadorismo. Nesse contexto, práticas homossexuais seriam fortemente condenadas e passíveis de transformação, conforme observa o autor:

[...] As acusações morais subjacentes ao discurso sobre a cura revelam um pânico moral insuflado pelo cultivo de uma imagem negativa. Homossexuais são vistos como “promíscuos”, “pedófilos” e sujeitos que “espalham doenças”, portanto indivíduos perigosos à coletividade [...] A noção de cura e o ideal de *restauração sexual* buscam construir um sujeito reflexivo e implantar uma ética sexual. O impulso homossexual pode emergir sob a forma de tentações e provações, mas é preciso uma verdadeira *guerra espiritual* pelo controle e posse de si. O ideal da transformação do sujeito em um templo do Espírito Santo busca reforçar essa dimensão ética. Afinal, um templo é sagrado e deve ser resguardado. (pp. 127-128)

Um dos achados mais interessantes da pesquisa realizada pelo CLAM na Parada do Orgulho GLBT de São Paulo no ano de 2005 parece refletir tais premissas ao constatar o elevado percentual de freqüentadores que disseram não ter religião, bem como o relativamente baixo número de cristãos:

Em marcado contraste com os dados do Censo 2000, segundo os quais apenas 7,4% dos brasileiro(a)s não freqüentam nenhum tipo de culto religioso, destacamos o significativo número do(a)s que, em nossa amostra, declaram não ter qualquer religião (40,8%). Note-se também que, ao comparar a religião em que o(a) respondente foi criado(a) com aquela que freqüenta atualmente, o número de católicos e evangélicos cai drasticamente, enquanto o número de adeptos de cultos afro-brasileiros e do espiritismo kardecista cresce. Muito provavelmente, a condenação moral à homossexualidade, que caracteriza as religiões cristãs de um modo geral, tem peso importante para essas trajetórias contrastantes. Não por acaso, verificamos que 22,7% de todo(a)s entrevistado(a)s declaram já ter sido vítima de marginalização ou exclusão em ambiente religioso. (p. 24)

Outra constatação diz respeito ao fato de que tanto a família quanto os círculos de amizade e o ambiente profissional parecem constituir nichos onde assumir a homossexualidade é possível e, em alguns casos, até mesmo desejável, com diferentes objetivos: tirar o “peso” da mentira, se afirmar como alguém digno de respeito ou conquistar uma maior proximidade afetiva das pessoas ao redor, mesmo que o risco da rejeição se faça presente. Em relação a este ponto, vale ressaltar que, diferente de outros grupos sociais estigmatizados, como negros e judeus, os homossexuais não possuem, de modo geral, apoio familiar para lidar com o preconceito. Faz-se necessário, portanto, que descubram por conta própria modelos que os ajudem a encontrar uma posição de relativo conforto (Nunan, 2003). Acredito, porém, que estes modelos não são estáticos ou pré-definidos e podem, inclusive, dar suporte para que o indivíduo permaneça “escondido”. Enquanto uma pessoa pode passar a freqüentar reuniões de alguma organização ou mesmo filiar-se a ela a fim de obter amparo para enfrentar a discriminação – como no caso de Filipe – outra pode construir toda uma rede de sociabilidade “clandestina”, na qual tem amigos, sai à noite para determinados lugares, conhece parceiros sexuais e ainda assim mantém sua homossexualidade como um aspecto completamente desconhecido das outras redes de que faz parte. Ou então limita esse conhecimento a apenas uma dessas redes, como familiares ou amigos mais íntimos. No trabalho de Guimarães (2004), que na década de 1970 estudou uma rede de homossexuais no Rio de Janeiro, encontramos vários relatos que parecem indicar para esta última possibilidade. Para grande parte de seus entrevistados, a busca por uma rede de amizades que contenha pessoas com vivências semelhantes se mostra fundamental – tanto no sentido de reorientar a sexualidade estigmatizada para um padrão de normalidade dentro daquele meio, como também no sentido de proporcionar uma maior oferta de parceiros sexuais confiáveis. É interessante notar, por exemplo, a importância dada por muitos dos entrevistados à mudança para o Rio de Janeiro – cidade maior do que a de origem e que, ao menos na visão deles, oferece um anonimato relativo, ou seja, a possibilidade de “desempenhar papéis diferentes em meios sociais distintos e, até certo ponto, relativamente exclusivos” (Guimarães, 2004, p. 63). Baseando-se na sociologia de Robert Park, que em 1916 já dizia que a cidade fazia coexistir “um mosaico de pequenos mundos sociais (Park apud Eribon, 2008, p. 41), Eribon (2008) aponta numa direção semelhante ao afirmar que

[...] esse encaixamento de mundos sociais oferece aos indivíduos a possibilidade de pertencer a vários universos ao mesmo tempo e de ter por conseguinte várias identidades sociais, com frequência, nitidamente separadas umas das outras: profissional, étnica ou religiosa, sexual... Por conseguinte, **um homossexual pode participar do “mundo gay” sem perder seu lugar no mundo heterossexual** (grifo meu): ele terá então, duas (ou várias) identidades: uma, ligada à sua inserção profissional (ou sua origem étnica) e outra, ligada ao tempo de lazer; uma identidade para o dia e outra para a noite e os fins de semana [...] (p. 41).

Por outro lado, creio ser possível afirmar que o “dizer” em determinadas situações de maior exposição pública exerce um papel de contraposição à “identidade deteriorada” (Goffman, 1988), deslocando o sujeito de um papel submisso a uma posição em que se torna “senhor de si”, ainda que seja justamente neste momento que a fragilidade de sua condição marginalizada se faça mais evidente. No capítulo seguinte, veremos como estratégias de negociação, manipulação e cálculo de riscos podem agir de modo a preservar esse sujeito e permitir uma melhor integração de sua homossexualidade em determinados espaços.

Capítulo III – Armários e armadilhas

1. Negociando limites

Ao analisarmos dados estatísticos como os obtidos nas pesquisas do CLAM, vemos que poucos homens homossexuais dizem permanecer “totalmente dentro” do armário³⁸. Mas o que seria estar “totalmente fora” dele? Como Hegna (2007) aponta, a narrativa do *coming out* vem desempenhando um papel significativo na historiografia de gays e lésbicas. Entre as décadas de 1970 e 1980, ela era descrita como uma “experiência de renascimento”, na qual as idéias de “crise”, “segredos juvenis” e “guinada” se faziam presentes (Plummer apud Hegna, 2007)³⁹. Num primeiro momento, falar de si foi uma estratégia adotada e amplamente incentivada pelo movimento homossexual surgido nos Estados Unidos logo após os conflitos de Stonewall. Ao “sair do armário e ir para as ruas” – grito de guerra do então incipiente liberacionismo gay – esperava-se que um grau de visibilidade nunca visto antes surgisse e, com ele, a possibilidade de conquistar novos direitos (Seidman et al., 1999). Dessa forma, a importância política do “dizer” era clara.

Num segundo momento, quando a crescente epidemia de AIDS começou a ser divulgada pela mídia, o movimento homossexual, que nessa época já estava muito mais estruturado, se viu frente a uma situação inusitada. Como os primeiros casos da doença foram registrados entre homens homossexuais, estes acabaram se tornando verdadeiros “bodes expiatórios”, e a estigmatização, bem como o preconceito sexual, que pareciam mostrar os primeiros sinais de enfraquecimento voltaram a ser reforçados. AIDS e homossexualidade masculina tornaram-se, portanto, sinônimos (Terto Jr., 2002). Não por acaso, as primeiras reações da comunidade gay a essa associação perversa foi de rejeição (Bastos, 2002). “Sair do armário” agora implicava não só a possibilidade de rejeição por conta da orientação sexual, mas também a suspeita de ser portador de um

³⁸ Em São Paulo, onde a categoria “homem homossexual” aparece destacada, somente 1,3% afirmou nunca ter se assumido. Nas pesquisas realizadas no Rio de Janeiro e em Recife, não temos acesso à porcentagem relativa a essa sexualidade agregada, mas ao se levar em conta todos os entrevistados não-heterossexuais (homens e mulheres homo ou bissexuais e trans), os números são de 3,5% e 3,9%, respectivamente (contra 2,2% em São Paulo). Vale ressaltar, entretanto, as limitações desses dados, pois é de se supor que o público que frequenta esses eventos já se encontra “assumido” de algum modo.

³⁹ É interessante notar, entretanto, que a idéia de “coming out” só veio a adquirir o sentido contemporâneo após a Segunda Guerra Mundial. Antes descolada da idéia de “armário”, referia-se à iniciação no mundo gay, ou seja, àqueles que debutavam como personagens da sociedade homossexual, em efervescência nas décadas de 1920 e 1930 em cidades americanas como Nova York, Chicago, New Orleans e Baltimore (Chauncey, 1998).

vírus fatal e transmissível por vias ainda não totalmente esclarecidas. Para quem optava por continuar “escondido”, a manutenção do “segredo” era frágil, como bem observa Eribon (2008):

[...] A Aids, com frequência, significou o *coming out* forçado daqueles que até aqui tinham preferido calar a homossexualidade, recebendo, como consequência, a hostilidade dos vizinhos, dos colegas, da família. Para muitas das pessoas atingidas, não era apenas a soropositividade ou a Aids que eram difíceis de “dizer”, mas também, é claro, a homossexualidade, embora a vergonha de ser homossexual fosse reforçada pela vergonha de ser doente e doente de uma doença que reforçava a vergonha de ser homossexual. (p. 58)

Contudo, se a vinculação entre a doença e práticas homoeróticas era forte, a disseminação do vírus HIV trouxe à tona o lugar dos homossexuais na sociedade, criando uma reintegração identitária na medida em que a AIDS foi sendo mais amplamente estudada e movimentos homossexuais, muitas vezes respaldados por ONGs, passaram a cobrar atitudes do Estado para que a doença fosse desmistificada e políticas públicas que visassem à sua prevenção e combate fossem implantadas (Pollak, 1990). Como aponta Bastos (2002), “[...] à medida que a epidemia ia devastando e se acumulavam as provas clínicas de sua etiologia viral e dos seus modos de transmissão, a denegação deu lugar ao reconhecimento da necessidade de passar à acção.” (p. 49). Sendo assim, a “relação custo-benefício” entre falar de si ou se manter no silêncio tomou outra dimensão: “assumir-se” se tornou para muitos uma estratégia política de combate a uma doença muito grave.

Não obstante tais considerações, acredito que o problema de “estar dentro” ou “estar fora” do “armário” tenha permanecido fundamentalmente o mesmo. Embora o contexto social do Ocidente tenha sofrido grandes transformações desde Stonewall, calcular riscos, sofrer rechaços e optar por revelar ou esconder a homossexualidade ainda são preocupações muito presentes. Voltando à questão que deu início a esta seção, arrisco dizer que o manejo do conhecimento acerca de uma sexualidade “desviante” condiciona, de maneira permanente, a vida daqueles que a possuem. Concordo, portanto, com o pensamento de Sedgwick (2007), quando afirma que:

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas [...] Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição [...] O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a

característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (p. 22)

Outro aspecto não menos importante desse manejo é o *covering*, que Yoshino (2006), fortemente embasado em Goffman, explora em seu livro⁴⁰. Para ele, o *covering* revela a opressão sofrida por uma minoria face ao *mainstream* (isto é, a “corrente dominante” que mantém os valores hegemônicos de determinado grupo social), na medida em que torna quase obrigatório um comportamento de assimilação, como, por exemplo, a impossibilidade de manifestar afeto em determinados contextos, no caso dos homossexuais⁴¹. Mesmo que a pessoa se encontre numa situação em que aqueles ao seu redor saibam dela, algum tipo de dissimulação pode ser necessário ou desejável. Ainda de acordo com este autor, na geração atual, a discriminação é dirigida predominantemente àqueles que não conseguem assimilar-se a esse *mainstream*, de modo que “os de fora estão incluídos, mas somente se nos comportarmos como os de dentro – isto é, somente se praticarmos o *covering*.”⁴² (p. 22, tradução minha). Em outras palavras, o indivíduo não se esconde, mas também não se distingue. Vejamos, por exemplo, o que diz Rodrigo acerca das dificuldades enfrentadas por ele e seu namorado no âmbito de uma família que se distingue pela “aceitação” de sua homossexualidade:

“[...] Eu acho que é muito roubada da gente, essa coisa da intimidade [...] Minha irmã tá lá em casa, o namorado dela chega. Cara, ela abre a porta e dá um beijo na boca dele. Eu tô lá, aí o Augusto chega. Eu não dou um beijo na boca dele. Hoje eu já dou um abraço, um beijo no rosto e tal, mas [...] essas pequenas coisas são roubadas da gente.”

⁴⁰ Na versão em português de *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, o *covering* é chamado de “acobertamento”. De acordo com Goffman (1988), ele se caracteriza por uma estratégia que tem por objetivo “[...] reduzir a tensão, ou seja, tornar mais fácil para si mesmo e para os outros uma redução dissimulada ao estigma, e manter um envolvimento espontâneo no conteúdo público da interação.” (p. 113).

⁴¹ Ao mesmo tempo em que reconhece determinadas especificidades nas estratégias de manipulação adotadas pelos homossexuais, o autor acredita que a idéia de *mainstream* deve ser relativizada. De acordo com ele, se estivermos fazendo referência a alguma identidade em particular, “[...] a palavra “*mainstream*” faz sentido, como na afirmação de que heterossexuais são mais *mainstream* do que gays. Usada de maneira genérica, entretanto, a palavra perde seu significado. Como os seres humanos adotam muitas identidades, o *mainstream* é uma coalizão mutável, e nenhum de nós está inteiramente dentro dele. Como os teóricos *queer* já reconheceram, não é normal ser completamente normal. Todos nós lutamos pela auto-expressão; todos temos *selves* acobertados.” (p. 25, tradução minha). Texto original: “[...] the word “*mainstream*” makes sense, as in the statement that straights are more *mainstream* than gays. Used generically, however, the word lacks meaning. Because human beings hold many identities, the *mainstream* is a shifting coalition, and none of us is entirely within it. As *queer* theorists have recognized, it is not normal to be completely normal. All of us struggle for self-expression; we all have covered selves.”

⁴² “*Outsiders are included, but only if we behave like insiders – that is, only if we cover*”.

Uma experiência com raízes comuns é relatada por Rafael. A irmã, que se casou “como toda mãe quer que case” – virgem, nova e com um homem economicamente estável – veio a se separar em virtude de uma traição, o que causou grande comoção na família. Algum tempo depois, Rafael teve uma briga com seu companheiro e os dois também se separaram por um curto período. Ao tentar compartilhar o sofrimento com a mãe, se viu ainda mais decepcionado com a sugestão de que talvez pudesse aproveitar a oportunidade para voltar a se relacionar com mulheres:

“[...] Fui contar pra ela, e ela falou assim: ‘Ai, que bom, você vai arranjar uma namorada agora?’ [...] Eu achei um absurdo o que ela falou, e também qual a diferença que existe entre eu e minha irmã, sabe?”

Embora nesse caso o que se percebe seja uma tentativa de não-dissimulação, e não o contrário, creio que as situações possam ser comparadas em razão do ponto-chave que ilustram: a negociação. Ainda que tenha ficado indignado com as palavras da mãe, Rafael fala de um movimento no sentido de “vencer o preconceito” familiar de forma gradativa:

“Apesar de tudo, eu acho que todo mundo hoje vive mais o que quer [...] Tem as crises e tal, o preconceito ainda, mas eu acho que a gente tá vencendo [...]”

Para Rodrigo, a experiência de negociação na família também parece estar ligada a um processo gradativo, construído mutuamente. É interessante notar a importância que os termos “limite” e “barreira” assumem em seu discurso:

“[...] A gente negocia, continua negociando esses limites [...] Tem muito a ver comigo, [...] de querer fazer aos poucos mesmo, ir conquistando as coisas com eles, assim, sem invadir o espaço deles, a casa deles, e tal [...] Eu sei que tem questões ali, né, que tem dificuldades, que eles tão tentando [...] Eu espero chegar um dia em que eu vou abrir a porta e vou dar um beijo nele. Eu acredito que a gente vai conseguir. Porque também tem essa coisa [...] de não querer criar um constrangimento, de não querer criar um clima, de querer que seja uma coisa gradual [...] O beijo é meu limite no momento, vencer a barreira do beijo. Tipo o beijo da novela das oito que nunca sai, sabe?”⁴³

Voltando a Rafael, novamente o discurso da “melhora gradativa” aparece, mas desta vez, como um processo mais subjetivo do que externo:

⁴³ Algumas novelas recentes dão excepcional exemplo do processo do *covering*. Homens homossexuais, geralmente jovens, bonitos e elegantes, assumem sua homossexualidade sem entretanto incorporar performances ou assumir atitudes que possam causar “embaraços” ou “constrangimentos”. Desse modo, qualquer contato amoroso, como beijos, são “censurados”.

“[...] Eu tinha uma relutância ainda de assumir isso, sabe? A gente andava junto, todo mundo já sabia; ele [o companheiro] até brigou comigo, [...] porque eu falei assim: ‘Esse aqui é o Thiago, a gente mora junto com o Diogo. Mas assim, o Diogo era um cara que dividia o apartamento com a gente, mas [...] não tinha nada a ver com aquele contexto [...] Eu tinha esse medo, assim, que as pessoas associassem a gente, no começo. E aí eu apresentava o Thiago: ‘Esse aqui é o Thiago, a gente mora junto com o Diogo’, mas o Diogo tava no Rio de Janeiro, vivendo a vida dele, não tinha nada a ver com o contexto dos meus amigos. Só que eu apresentava pra ver se dava uma disfarçada, não sei, que não ficasse tão óbvio. Depois eu acho que eu fui melhorando.”

Falando sobre sua própria experiência, Yoshino (2006) conta ter passado por um processo constituído por três fases até chegar ao que ele chama por “identidade gay”. Na primeira, a descoberta do desejo por outros homens fez com que quisesse ser heterossexual. Na segunda, já aceitava sua homossexualidade, mas a escondia dos outros. Finalmente, na terceira, já se considerava “assumido”, embora utilizasse estratégias para não “dar na vista”⁴⁴, como controlar suas manifestações de afeto ou não escrever acerca de tópicos relacionados à homossexualidade. Foi assim que se deu conta das “barganhas” que fazia o tempo todo a fim de manter um nível de “respeitabilidade” que permitisse seu trânsito social. Com relação a este ponto, o autor faz de sua observação uma autocrítica, aproximando-se muito da idéia de um “armário eterno”, proposta por Sedgwick (2007) e previamente exposta:

Mesmo estando tão fora do armário, eu ainda fazia barganhas. Escondido, eu micro-manjava minha identidade gay, pensando sobre quem sabia e quem não sabia. Quando saí do armário, fiquei exultante por não ter mais que pensar acerca da minha orientação. Essa comemoração se provou prematura. **Era impossível sair do armário e estar tudo acabado, pois cada nova pessoa erguia um novo armário ao meu redor** (grifo meu). Mais sutilmente, até mesmo indivíduos que sabiam que eu era gay impunham uma nova lista de demandas para que eu me conformasse à heterossexualidade.⁴⁵ (pp. 16-17, tradução minha)

Nesse sentido, acredito que o *covering* pode ser considerado uma forma sutil de permanecer no “armário”. Ainda que o *passing* – estratégia igualmente trabalhada por Goffman (1988) e freqüentemente adotada quando é preciso controlar a informação relativa à “identidade verdadeira”, seja ela referente à orientação sexual ou de qualquer outra natureza – continue a se fazer presente em determinadas circunstâncias, a

⁴⁴ “Flaunt” no original.

⁴⁵ “For even that far out of the closet, I was still making bargains. While closeted, I micromanaged my gay identity, thinking about who knew and who did not, who should know and who should not. When I came out, I exulted that I could stop thinking about my orientation. That celebration proved premature. It was impossible to come out and be done with it, as each new person erected a new closet around me. More subtly, even individuals who knew I was gay imposed a fresh set of demands for straight conformity.”

necessidade de engendrar o que Sedgwick (2007) chama de “segredo aberto” está sempre à espreita, esperando a primeira oportunidade para se manifestar de maneira mais clara.

Vemos assim que mesmo para pessoas cujo nível de exposição é ou já foi bem mais alto, como Paulo, Filipe ou Gabriel, determinadas situações acabam por erguer “barreiras” semelhantes às relatadas por Rodrigo, principalmente quando envolvem uma terceira pessoa. Filipe, por exemplo, teve bastante cuidado ao apresentar o namorado à sua mãe:

“Ela sabe que eu tenho namorado, já conheceu ele até, já levei ele lá. Óbvio que eu não cheguei assim: ‘Mãe, esse é meu namorado’, que ela não vai saber lidar bem com isso e vai ter outro baque [...]”

Gabriel, apesar de falar sem muitos pudores sobre seus relacionamentos amorosos com os pais e os irmãos, parece reiterar a tática de introduzir gradualmente certos comportamentos que poderiam “assustar” quem ainda não está completamente familiarizado:

“[...] Tudo que é novo, é natural que assuste, é natural que dê confusão, e eu vim a entender isso. Então procuro fazer devagar. Porque eu quero as coisas bem [...]”

Amigos mais “chamativos” – ou seja, que manifestem abertamente performances de gênero mais femininas – também podem fazer com que certos medos surjam inesperadamente, como relata Paulo:

“[...] Uma vez tava eu e um colega meu indo pra boate, e ele [...] bem pintosa mesmo, aquela coisa mulher, a mais pintosa do mundo [...] Aí eu tô vendo três mulheres vindo na nossa direção. Quando chegou perto, era minha irmã e minhas duas sobrinhas; eu falei: ‘Ai, meu Deus’. Deu vontade de fazer um buraco e entrar no chão [...] Depois que eu vi, nossa, que burrice, que bobagem que eu ia estar fazendo, né? [...] Participo de Parada, de ONG [...] Aí [...] no gesto mais simples eu cumprimentei, eu falei, apresentei: ‘Esse aqui é Fulano, essa aqui é minha irmã, minha sobrinhas’, coisa e tal, dei beijinho no rosto [...] Demos as costas, fomos embora [...]”

Em casos mais extremos, a possibilidade de diálogo ou de uma “saída alternativa” (como Paulo fez ao decidir cumprimentar a irmã e as sobrinhas, apresentando naturalmente o amigo “pintosa”) fica bastante limitada. Durante parte da entrevista, Bruno me contou a respeito da tentativa frustrada de incorporar o namorado como membro da família quando foram morar juntos. Ao mesmo tempo em que diz ter orgulho de si próprio por ter “batido de frente” para conquistar seu espaço, –

questionando, como fez Rafael, a diferença de tratamento entre seu companheiro e a mulher do irmão – um “silêncio” em relação ao lugar que ocupavam como casal cerceou qualquer possibilidade de um contato mais íntimo:

“[...] Quase não se falavam. Dificilmente meu namorado ia lá⁴⁶ [...] Minha mãe sempre passando a mão por cima, né, tentava não enxergar esse lado da gente, homossexual, e via como um amigo [...] Mantinham distância em relação a ele, sem nenhuma afinidade, sem nenhum relacionamento, sem nenhuma conversa, não tinha papo, não tinha diálogo nenhum.”

Como em outros casos, a possibilidade de demonstrar afeto entre os parentes mais próximos, como a mãe e o irmão, encontrava-se totalmente interdita. Quando perguntei se havia alguma reserva de sua parte em relação a beijar ou abraçar o namorado na frente da família, Bruno foi enfático:

“[...] Não ficava nem perto! Não ficava nem perto. Não posso ficar nem perto [...] Nunca aceitaram, nunca, nunca, nunca! É um amigo, é um hóspede que tá aí, é um encosto que tá aí [...]”

Por outro lado, ter um relacionamento estável ou apresentar-se como casal pode transformar positivamente a percepção que os outros têm acerca da homossexualidade masculina, historicamente associada a um comportamento hedonista, promíscuo e irresponsável (Eribon, 2008; Green, 2000). Embora meu objetivo não seja trabalhar questões relativas à conjugalidade ou às práticas sexuais dos entrevistados, destaco uma fala de Rodrigo, que parece ilustrar o argumento:

“[...] Essa coisa do casal [...] dá uma limpada na homossexualidade, né? [...] É como se desse uma limpada na história, sabe? [...] Eu sentia uma euforia em torno da gente, que eu falava: ‘Gente, mas essas pessoas não conhecem a gente, que euforia toda é essa, [...] por que que eles fazem essa festa toda quando a gente tá aqui? [...] Eu achava que tinha um exagero, uma euforia em torno da gente que não tinha porquê. Eu acho relativamente fácil ser casal.’”

Tendo explorado os “pactos” que muitas vezes se fazem necessários a fim de otimizar a manutenção das relações mais próximas, desloco-me agora a um outro tipo de mapeamento, mais diretamente associado ao trânsito no espaço público, embora determinados aspectos da esfera privada não deixem de ter seu lugar na análise que será empreendida a seguir.

⁴⁶ Bruno se refere à casa ao lado, onde a família residia.

2. “Mapas de segurança” e percepções de risco

Ao se partir para um plano mais geral, percebe-se que as manifestações de afeto em público são uma das questões mais emblemáticas daquilo que Pollak chama de “gestão de uma identidade indizível” (1990, p. 27). Ainda que alguns dos meus informantes tenham demonstrado pouca preocupação em se conter frente à possibilidade de comentários preconceituosos ou discriminatórios, o medo da violência física aparece em diversos momentos.

De acordo com Seidman et al. (1999), é impossível escapar de sentimentos ambivalentes em relação à homossexualidade numa sociedade que faz da heterossexualidade a norma. No entanto, à medida que a homossexualidade vai se tornando mais visível na sociedade enquanto uma variação legítima da sexualidade humana, haveria uma maior facilidade para o que os autores chamam de “normalização” e “rotinização” de uma identidade homossexual; isto é, uma maior aceitação subjetiva e integração social da mesma, ainda que incompleta. Dessa forma, acredito ser possível afirmar que o risco de discriminação estaria intimamente ligado com os mecanismos de auto-regulação adotados por esses indivíduos. Ressalto, porém, que não se trata de uma relação de causa e efeito: o argumento é que uma menor marginalização da homossexualidade poderia, em alguns casos, proporcionar uma maior integração desta característica à esfera pública, tornando o “armário” uma preocupação menor e fazendo, assim, com que algumas pessoas sintam-se mais seguras – o que por si só talvez não possa reduzir o risco de discriminação, mas modificar positivamente a percepção desse risco.

Apesar disso, creio ser tarefa um tanto problemática falar disso de forma especulativa e generalizante. Certamente, haverá outros fatores importantes para a construção de um sentimento de segurança subjetiva ou, ao contrário, da permanência de medos e barreiras que limitem as possibilidades de circulação ou estabeleçam fronteiras bem demarcadas no espaço de trânsito social de um determinado indivíduo. Tornar-se visível ou esconder-se, ao menos no campo da sexualidade, é algo que não depende exclusivamente de um maior ou menor nível de “auto-aceitação”, mas de uma série de atributos identitários que podem ir além da orientação sexual (Weeks, 1987).

Em uma pesquisa realizada na Austrália durante a década de 1990 com um grupo de mulheres lésbicas, Mason (2002) explorou experiências e percepções de hostilidade verbal, violência física e sexual, relacionadas, de alguma forma, à orientação

sexual das participantes. Embora o contexto de seu estudo não me permita fazer grandes extrapolações, creio que alguns pontos discutidos pela autora sejam pertinentes à análise que tento realizar a partir do meu campo.

Apoiando-se na discussão foucaultiana sobre o panoptismo⁴⁷, Mason (2002) destaca a interpretação que vê nele um modelo extremamente interessante para pensar a interação entre corporalidade, visibilidade e regulação, uma vez que a sociedade contemporânea seria uma sociedade de vigilância, onde a internalização dos processos de individualização e normalização levariam o sujeito a forjar sua própria subjetividade e comportamento. O relato de suas entrevistadas aparece, assim, como uma forma de acesso a uma realidade construída através do discurso, isto é, uma comunicação verbal de determinadas formas de violação, dor, insulto ou injúria.

Mason aponta para a necessidade de posicionar a violência relacionada à homofobia dentro de um discurso sobre visibilidade sexual. Sua proposta se baseia em duas questões principais: a percepção subjetiva do risco e a negociação que daí advém, de modo a construir “mapas de segurança” que possibilitem o trânsito pelos diversos espaços da esfera social. Desse modo, estratégias de negociação seriam fundamentais, já que, diferentemente da maior parte das manifestações de heterossexualidade, a homossexualidade permanece estigmatizada e a decisão por “assumir-se” ou “esconder-se” envolveria uma cuidadosa avaliação dos riscos e benefícios. Se por um lado, o *coming out* pode revelar “quem somos”, por outro pode trazer uma série de pressupostos acerca de “quem não somos”, ou seja, daquilo que nos é interdito. Além disso, ela vê no “armário” um lugar contraditório e instável, pois estar fora ou dentro dele seria sempre contexto-dependente – no que vai muito claramente ao encontro do pensamento de Sedgwick (2007).

Nesse sentido, a noção de “mapas de segurança” aparece como norteadora do problema. Mason os define como “uma matriz de atributos e relações em constante mutação, personalizada, ainda que compartilhada, que os indivíduos empregam a fim de circular no espaço público e privado”⁴⁸ (p. 84, tradução minha). Ao construir esses

⁴⁷ O Panóptico é um modelo arquitetônico ideal de prisão formulado por Jeremy Bentham no final do século XVIII, constituído por uma torre central ao redor da qual haveria um anel, dividido em celas individuais com uma abertura para o interior e outra para o exterior. Dessa forma, a luz as atravessaria por completo, proporcionando um eficaz sistema de vigilância (Mason, 2002). Nas palavras de Foucault, “o dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente [...] A plena luz e olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. **A visibilidade é uma armadilha.**” (grifo meu). (2005b, p. 166)

⁴⁸ “[...] an ever-changing, personalised, yet shared, matrix of attributes and relations that individuals employ to make their way in public and private space.”

“mapas”, o conhecimento acerca das variáveis que poderiam tornar alguém mais ou menos vulnerável aos perigos potenciais da violência assume um lugar crucial. Fatores como hora do dia ou expressão de afeto em lugares públicos seriam fundamentais na negociação do risco, conforme corroboram várias de suas entrevistadas.

No discurso dos meus informantes, tais “mapas” se fazem presentes de diferentes maneiras. Uma delas, como já exposto, diz respeito ao medo da violência física, uma ameaça nada infundada se levarmos em conta os dados coletados desde os anos 80 pelo Grupo Gay da Bahia⁴⁹ e sistematizados por Mott (2000), ou mesmo os que aparecem nas pesquisas do CLAM⁵⁰.

Não obstante nunca ter sido vítima desse tipo de violência e afirmar ter poucas restrições quanto a beijar ou abraçar o companheiro na maior parte dos ambientes pelos quais transita, Thiago, por exemplo, revelou evitar alguns lugares por “saber das coisas que acontecem”, como os recorrentes ataques de *pitboys* em Ipanema (mais especificamente na Farme de Amoedo, rua muito freqüentada por gays e lésbicas):

[...] Nunca se sabe o que vai ter na esquina, apesar de eu nunca ter visto absolutamente nada. Mas eu tomo essa precaução por conta de tudo o que gente ouve falar, o que a gente lê...”

Para Rodrigo, que já teve a cabeça atingida por uma latinha ao beijar o namorado durante o Cordão da Bola Preta, um dos blocos de Carnaval mais tradicionais da cidade, temores semelhantes também fazem com que certos “mapas de segurança” sejam traçados por ele a fim de evitar agressões:

[...] É aquela coisa, tem ambientes e ambientes. Numa micareta⁵¹ não vou fazer isso né? Porque eu não sou maluco [...] Eu gosto da minha vida, quero ficar vivo, eu não gosto de brigar, não sei brigar, como é que vai ser? [...]

Outros entrevistados retomaram a idéia de “movimento gradual” – estratégia adotada muitas vezes no âmbito familiar – para explicar como têm conseguido se

⁴⁹ Mais informações sobre o grupo e suas ações no sentido de denunciar a violência homofóbica no Brasil podem ser encontradas em www.ggb.org.br.

⁵⁰ Na Parada do Orgulho GLBT do Rio de Janeiro de 2004, 18,7 % dos respondentes disseram ter sofrido agressões físicas em virtude de sua orientação sexual. A porcentagem sobe para 22,5% entre os homens homossexuais. Em São Paulo, os números são parecidos: 18,6% e 19,9%, respectivamente (dados de 2005). Em Recife, a incidência é ainda mais elevada: 20,8% e 24,2% (dados de 2006).

⁵¹ Espécie de “carnaval fora de época”, a micareta tem se tornado muito popular entre jovens da classe média urbana do Brasil.

manter distantes da violência física. Quando perguntei a Filipe qual seria a melhor maneira de se preservar, ele disse:

“Se armando de muito diálogo, é a minha opinião. E acho que indo devagar. Não é chegar no meio de *skinheads* e beijar seu namorado e dizer: ‘Olha, nós somos gays, estamos aqui para conversar com você’, sabe? Não é assim também, a gente tem que ter consciência de que [...] ninguém é tão forte [...] Acho que é ir caminhando aos poucos, né?”

Como é possível perceber, o limiar de tolerância do outro também é levado em conta ao se fazer uso de determinados mecanismos para minimizar o risco de agressões, de maneira que as noções de “constrangimento”, “provocação” e “confusão” se destacam em algumas falas:

“[...] Tem algumas coisas que eu não faço, até pra não criar constrangimento; por exemplo, dar um beijo na rua, eu não me sinto à vontade. Porque às vezes quando eu tô fazendo, [...] eu acho que eu já vou começar a provocar, então eu não provoco pra não ter que brigar [...] Porque uma coisa que pra você é natural, pode ter um teor de provocação pra outra pessoa, pode atrair violência [...], coisas que até eu acho que não têm nada demais, mas que eu prefiro tentar não chocar, assim, na rua...” (Rafael)

“[...] Eu por exemplo nunca andei de braços dados com o meu namorado, nunca beijei ele na boca na frente de todo mundo, como qualquer casal heterossexual faz [...] E na verdade não é medo de apanhar, na verdade eu acho que é medo da confusão [...] O gay não pode ter uma vida como a do heterossexual, em todos os sentidos: andar de mão dada, [...] publicizar questões de carinho [...]” (João)

Vemos, portanto, que os “mapas de segurança” têm por objetivo reduzir ao máximo a possibilidade de vitimização pela violência homofóbica, mas da mesma forma que a negociação de limites nos espaços mais restritos ao âmbito privado, funcionam também como uma ferramenta de demarcação de fronteiras. No próximo item, a questão será trabalhada a partir de uma perspectiva de visibilidade ainda mais patente.

3. “Mapas corporais”: gênero, raça e a apresentação de si

De acordo com Mauss (1974), “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem [...], o primeiro e mais natural objeto técnico [...]” (p. 217), de modo que aprender a utilizá-lo da maneira mais eficaz é um fato presente em todas as sociedades conhecidas. No que concerne ao espectro deste trabalho, acredito ser possível apreender a tese do autor com o objetivo de explorar outro modo pelo qual o nível de risco é calculado: a apresentação de si, moldada pela aparência, controle de

gestos e um maior ou menor grau de “afetação” ou “masculinidade”, além da questão racial que, como será mais bem explicado logo à frente, pode interagir com as variáveis anteriores. Segundo Mason (2002), tal estratégia poderia ser classificada como “mapas corporais”. Da mesma forma que os “mapas de segurança”, os “mapas corporais” estariam diretamente ligados à percepção subjetiva da violência em potencial, fazendo com que os que se acreditam ameaçados por ela se preocupem muito mais com a maneira pela qual sua apresentação corporal pode ser interpretada por aqueles que os rodeiam. Se por um lado existe a possibilidade de passar despercebido, por outro, não há como saber *se nem quando* se está sendo observado, tornando o controle em relação à própria imagem uma necessidade constante aqui. Mais uma vez, o modelo do panoptismo se mostra apropriado. De acordo com Foucault (2005b), a principal finalidade do Panóptico seria

[...] induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder [...] Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo [...] O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser-visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto. (pp. 166-167)

Dessa forma, prezar por uma apresentação de si em conformidade com as convenções de gênero masculinas teria como função resgatar uma “normalidade aparente”⁵² previamente transgredida pelo simples fato de ser homossexual. Conforme observado anteriormente, para alguns dos informantes aqui apresentados, a preocupação com a aparência é evidente – não só pelo temor da violência física, mas também pela preservação de uma imagem social “respeitável”, ou seja, distante dos estereótipos que freqüentemente associam homossexualidade masculina à afeminação. Além de ter tirado o brinco, não pintar mais o cabelo e procurar se vestir “o mais social possível”, Bruno disse ter “pavor” de ser visto como uma “bichinha qualquer”, esforçando-se para parecer “o mais másculo possível”:

[...] Se eu sou careta, se eu sou chato, [...] o problema é meu. É a maneira que eu me acho melhor de estar na sociedade [...] Eu faço academia, eu malho, eu faço natação, eu gosto do meu corpo de homem, entendeu? [...] Eu sou um homem que gosta de outro homem [...] Se eu pudesse ser o [...] máximo parecido com homem másculo possível, eu quero ser [...]

⁵² Segundo a perspectiva do interacionismo simbólico de Becker (1977), este seria um típico exemplo de um “comportamento de conformidade” ou “desvio obediente”, que “obedece à regra e que os outros percebem como obedecendo à regra” (p. 68).

Por outro lado, Bruno admitiu haver uma dissociação entre seu comportamento “diante da sociedade” e aquele adotado em ambientes mais intimistas ou permissivos como boates gays, onde é possível “dar pinta, rebolar e dançar” sem que juízos de valor denegridores sejam uma preocupação⁵³. Paulo, no entanto, criticou esse modo de agir, pois para ele, “ser gay é ser livre”, e se existe alguma vantagem em gostar de pessoas do mesmo sexo, é justamente o fato de poder desfrutar de determinadas liberdades pouco vivenciadas pelos heterossexuais:

“[...] Tem muita *barbie*⁵⁴ aí que se prende: ‘Ah não, você tem que ter um padrão’. Eu falo: ‘Porra, você já é gay, bicha!’. Então você pode dar pinta, você pode escutar a música que você quiser. Você já vai ser discriminado mesmo, então foda-se, entendeu? [...] Tem gays que são assim, né? Que palhaçada, fazendo linha... eu nunca fiz linha, porra nenhuma, esse negócio de caretice; ‘Ah não, você tem que ser macho’. Não, eu acho que você tem que ser você.”

João, por sua vez, também condenou o que considera uma “imposição da sociedade” destacando a maior vulnerabilidade que homossexuais “afeminados” teriam face à violência por estarem transgredindo as normas masculinas. Não obstante, afirmou não se tratar do seu caso. Da mesma forma que Bruno, a prática de esportes parece funcionar como um fator atenuante⁵⁵.

Para Gabriel, preservar a masculinidade parece ter sido fundamental em várias esferas de sua vida. Na relação com o pai, por exemplo, provar que não tinha vontade de se vestir de mulher e que continuava a gostar de futebol foi determinante para uma reação mais favorável:

⁵³ No prefácio de seu livro, Eribon (2008) faz uma colocação bastante pertinente em relação a esse aspecto. De acordo com ele, “[...] os gays [...] sabem jogar com o que Erving Goffman chamou ‘a apresentação de si’. Em condições sociais diferentes, eles apresentam imagens diferentes de si mesmos. Isso é verdade para todas as pessoas, é claro. Não se é a mesma pessoa quando se está no escritório do patrão ou à mesa com amigos. **Mas isso é particularmente procedente em relação aos homossexuais [...]. As vidas homossexuais costumam ser vidas dissociadas que produzem personalidades elas mesmas dissociadas** (grifo meu).” (p. 14) Um pouco mais à frente, o mesmo autor afirma que “[...] os homossexuais costumam ser levados a desenvolver repertórios de comportamentos [...] em função dos diferentes públicos diante dos quais se encontram, passando de um tipo de gestualidade ou de atitude a outro, conforme as exigências da situação: por exemplo, os mesmo que ‘soltarão a franga’ diante de um grupinho de outros gays confinarão o vocabulário, as expressões e as entonações à mais estrita normalidade no meio profissional.” (p. 66).

⁵⁴ As *barbies* são homossexuais que despendem muitas horas em academias de ginástica a fim de modelar um corpo de aparência musculosa e viril, em consonância com os ideais de masculinidade vigentes (Nunan, 2003).

⁵⁵ Em seu estudo sobre os significados da masculinidade, Oliveira (2004) traça uma conexão entre a prática de esportes com os valores masculinos. Embora a prática esportiva possa ser encarada dentro de uma perspectiva mais ampla, na qual estão em jogo outras metas, como o bem-estar e a saúde, não podemos menosprezar que a valorização do esporte contém uma série de atributos simbólicos associados à masculinidade, como força, vigor, disposição e, em última instância, poder.

“[...] Quando eu falei pra ele que eu era gay, que eu gostava de homem, mas que não tinha a menor vontade de me vestir como mulher, [...] ele questionou: ‘Não’? Eu falei: ‘Não, eu tô dizendo que eu sinto atração por homens, física e afetiva, eu gosto de homem’, nunca tive vontade de me vestir de mulher, nem de brincadeira, em festa; não me sinto bem [...] Meu pai achava que por eu ser gay, eu tava perdendo toda a minha condição de masculinidade. E eu falei pra ele que eu continuava gostando de futebol, que eu ia no Maracanã com ele. Foi quando, engraçado, o meu pai começou a [...] realmente lidar melhor comigo, como filho, que ele via que o filho dele continuava sendo homem. Apesar de ser gay, ele era homem. Sempre deixou claro: ‘Nunca vou aceitar, mas o fato de você ser homem, você me faz um favor. As pessoas não vão ver muita coisa, não vou ter vergonha’ [...]”

É interessante constatar como público e privado se entrecruzam na fala do pai. Ao perceber que o filho não havia “perdido” a masculinidade, parece haver um alívio em relação ao julgamento dos “outros”, que não iriam “ver muita coisa” – discurso que se aproxima de outros relatos, como os de Bruno e Filipe, cujos parentes mostraram-se extremamente preocupados com a possibilidade de “envergonhar” a família diante da vizinhança.

Logo adiante, Gabriel adentrou mais propriamente no problema do gênero, complementando a fala anterior:

“[...] Ver que o Gabriel não ia ser uma bicha... eu realmente acho que seria muito complicado, porque [...] a coisa do gênero, se o homossexual de repente pode virar um transgênero, ou um travesti... eu não sei como é que teria sido [...] Então, isso ajuda. Eu acho que se o gênero tivesse entrado muito nisso, [...] meus pais realmente não teriam aceito. A segurança pros meus pais, principalmente pro meu pai, foi ver que o Gabriel continuava sendo homenzinho”.

Quando perguntei a ele se “manter um certo nível de masculinidade” seria vantajoso não só para a construção de uma boa relação com o pai, mas também em outros ambientes, Gabriel disse “que ajuda”. Mesmo questionando a necessidade de preservar uma “imagem profissional”, como muitos tentam fazer, não deixou de reconhecer a importância que uma aparência masculina exerce no seu trato com o chefe, bem como entre outros círculos majoritariamente heterossexuais.

“Eu acho que mesmo se eu fosse um travesti, eu exigiria respeito. Porque, sim, a gente fala, se fala muito de imagem profissional [...] Isso é uma coisa que hoje me irrita muito. Isso é homofóbico, enclausura [...] Mas sim, não tenho como deixar de dizer que não ajuda; acho que o fato de eu preservar a minha masculinidade, eu vejo, principalmente com os homens heterossexuais, eu ganho, eu me relaciono bem com eles, por causa disso [...] [Meu chefe] se sente seguro comigo, não se sente ameaçado. O homem hetero tem essa coisa, de se sentir muito ameaçado, não pode ter um amigo gay que parece que vai virar gay⁵⁶ [...] [Mas] eu sempre conversava, engraçado, eu via

⁵⁶ O perigo da “contaminação” foi um dos pilares fundantes da construção da idéia de homofobia em seus primórdios (Weinberg apud Herek, 2004) e remete à oposição que Douglas (1976) faz entre “higiene” e “sujeira”, apontando a primeira como uma tentativa de reorganização. De acordo com a autora, “[...] a sujeira é, essencialmente, desordem.

que essas informações que eu dava modificava a percepção deles, eles se sentiam seguros: ‘Gabriel não é uma ameaça’”.

De acordo com Kimmel (2001), o esforço para manter uma aparência masculina se faz presente em todas as atividades de um homem, como a maneira de falar, comer e andar, de modo que uma linguagem codificada de gênero estaria inscrita em todo maneirismo ou movimento. A possibilidade de ser “desmascarado”, portanto, estaria em todos os lugares. Ao tratar da juventude, período em que os homens estariam mais preocupados em exercer mecanismos de auto-controle a fim de assegurarem-se de sua própria masculinidade, o autor propõe:

Como homens jovens, estamos constantemente passeando por essas fronteiras de gênero, verificando as cercas que construímos no perímetro, certificando-nos de que nada remotamente feminino possa aparecer [...] Até mesmo a coisa mais aparentemente insignificante pode ameaçar ou ativar esse terror assombroso [...] ⁵⁷ (p. 105, tradução minha)

Apresentando uma perspectiva semelhante e nitidamente apoiado em Bourdieu, Welzer-Lang (2001) acredita que as relações entre homens seriam estruturadas a partir de uma imagem hierarquizada das relações entre homens e mulheres. Dessa forma, qualquer demonstração de fraqueza ou impotência por parte dos primeiros implicaria na ameaça de serem subjugados, visto que as relações sociais de sexo ocorrem de modo transversal ao conjunto da sociedade. Para o autor, é nessa transversalidade que estaria a principal raiz da homofobia, encarada por ele como “[...] a discriminação contra pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao do outro gênero” (p. 465), pois

[...] para ser homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal. (idem).

Pollak (1987), por sua vez, apresenta uma hipótese aplicável especificamente ao meio homossexual. Para este autor, uma representação que estivesse o mais distante possível do feminino teria tido sua origem dentro da própria militância. Ao tentar

Não há sujeira absoluta; ela existe aos olhos de quem a vê. Se evitamos a sujeira não é por covardia, medo, nem receio ou terror divino. Tampouco nossas idéias sobre doença explicam a gama de nosso comportamento no limpar ou evitar a sujeira. **A sujeira ofende a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço para organizar o ambiente.**” (grifo meu) (p. 12)

⁵⁷ “As young men we are constantly riding those gender boundaries, checking the fences we have constructed on the perimeter, making sure that nothing even remotely feminine might show through [...] Even the most seemingly insignificant thing can pose a threat or activate that haunting terror [...]”

redefinir a identidade homossexual, seus membros teriam se esforçado no sentido de descolá-la “[...] da imagem que faz do homossexual, na melhor das hipóteses, um homem efeminado, e, na pior, uma mulher que não deu certo.” (p. 68). Ainda de acordo com ele,

[...] Enquanto o tema da emancipação dos heterossexuais está quase sempre ligado à indiferenciação dos papéis masculinos e femininos, a emancipação homossexual atravessa atualmente uma fase de definição muito estrita de identidade sexual [...] Esta evolução do meio homossexual na direção de um estilo que acentua a virilidade é muitas vezes acusada de ser sexista e leva a marginalizar aqueles homossexuais que não se submetem a essa definição da identidade homossexual. Mesmo reconhecendo esses fenômenos de exclusão, é preciso ressaltar que a busca de uma tal identidade muito rígida surge num momento em que, pela primeira vez, se oferece a oportunidade aos homossexuais de construir sua própria imagem social, e de ressaltarem sua masculinidade, mais do que suas características femininas. Caso em um futuro próximo a sociedade se tornasse mais tolerante para com a homossexualidade, poderíamos esperar um abrandamento dessa necessidade de construir uma imagem “machista”. (pp. 68-69)

É importante ressaltar, entretanto, que muitas vezes a preferência por adotar um comportamento mais “conformado” não ocorre de forma consciente, ou pelo menos, não completamente. Assim como incorporamos em nossas vidas diversas convenções sociais que permitem uma melhor interação com o mundo, por que não incluir a “assimilação da masculinidade” em seu rol? Acrescido a isso – e talvez um aspecto ainda mais importante no que concerne à discussão empreendida aqui – o controle sobre o próprio corpo poderia funcionar como uma estratégia de recusa à vulnerabilidade, o que nos permite questionar a lógica de que adotar uma aparência mais “masculinizada” seja simplesmente uma forma de “assimilação”. Como Mason (2002) aponta, ao mapear constantemente seus corpos, gays e lésbicas também estariam exercendo uma forma de controle, administrando sua própria visibilidade de modo a assumir o controle de situações em que sentimentos hostis podem aparecer. Além disso, ainda que o discurso da violência possa tornar o homossexual visível a partir de um certo espectro – ou de acordo com determinados estereótipos – a visibilidade estaria restrita pela inabilidade da “luz de fundo” do Panóptico em nos revelar a homossexualidade enquanto uma característica permeada por diferentes qualidades e configurações, ou seja, em toda a sua amplitude.

Butler (2003), por sua vez, fala de uma crise normativa relacionada a uma instabilidade das normas de gênero. Para a autora, é igualmente importante que acreditemos na possibilidade de utilizar o mesmo mecanismo que nos naturaliza e aprisiona como seres “generificados” para desconstruir e desnaturalizar as noções de

masculinidade e feminilidade (Butler, 2004). Sairíamos então da *repetição* para a *resistência* e abriríamos um leque de subjetividades alternativas. Caminhando na mesma direção, Louro (2004) defende que:

A concepção binária do sexo, tomado como um “dado” que independe da cultura, impõe [...] limites à concepção de gênero e torna a heterossexualidade o destino inexorável, a forma compulsória de sexualidade. As descontinuidades, as transgressões e as subversões que essas três categorias (sexo-gênero-sexualidade) podem experimentar são empurradas para o terreno do incompreensível ou do patológico [...] As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos [...] Apesar de todo esse investimento, **os corpos se alteram continuamente. Não somente sua aparência, seus sinais ou seu funcionamento se modificam ao longo do tempo; eles podem, ainda, ser negados ou reafirmados, manipulados, alterados, transformados ou subvertidos [...]** Não há nenhum núcleo efetivo e confiável com base no qual a “norma”, ou seja, a consagrada seqüência sexo-gênero-sexualidade possa fluir ou emanar com segurança [...]. (grifo meu) (pp. 81-83)

Outro aspecto referente à “apresentação de si” que não pode ser deixado de lado é a questão da raça. Muito embora a maioria dos meus informantes tenha se declarado não-negra⁵⁸ e a cor auto-atribuída não tenha aparecido como um problema, em alguns casos essa variável se mostrou de extrema importância, principalmente quando conjugada com a situação financeira.

Para Carlos, Paulo e João, que se disseram “negros”, parece existir uma relação mutuamente potencializadora entre cor, homossexualidade e uma maior perpetração de atos discriminatórios e/ou violentos⁵⁹. Além de Rodrigo, somente Carlos e Paulo afirmaram ter sofrido pelo menos um episódio de violência física plenamente consumada, mas tanto estes dois últimos quanto João foram os que mais relataram situações de discriminação fora de casa, o que parece estar em consonância com os dados obtidos nas pesquisas do CLAM⁶⁰. Carlos, por exemplo, disse já ter sido vítima

⁵⁸ Enquanto Rafael, Thiago e Gabriel se disseram “brancos”, Filipe disse se considerar “pele-vermelha”, e Bruno, “pardo”. Os que se disseram negros não utilizaram termos “eufemísticos” para se definirem, o que é frequentemente observado no contexto de pesquisas envolvendo raça no Brasil, como aponta, por exemplo, a pesquisa etnográfica de Sheriff (2001).

⁵⁹ Na pesquisa de Aguião (2007), há relatos muito interessantes que apontam para esta conjugação, como o caso de uma travesti que afirma estar mais suscetível à violência por ser negra. Como os perpetradores, em tese, não poderiam atacá-la em virtude de sua cor (dado que no Brasil o racismo é crime), a travestilidade é utilizada como “justificativa” para a agressão.

⁶⁰ Ainda que os percentuais tenham sofrido variações dependendo da modalidade de discriminação, algumas constatações são interessantes. No Rio de Janeiro, 36,5% de pretos e pardos disseram ter sofrido algum tipo de discriminação entre amigos e vizinhos, contra 31,5% dos brancos (dados de 2004). Agressões físicas, porém, foram mais relatadas por brancos e pardos (17,9% e 20,6% respectivamente) do que por pretos (13,5%). Em São Paulo, os números são substancialmente maiores entre os pretos: enquanto 26,3% deles declararam ter sido vítimas de violência física, somente 17,5% dos brancos e 17,2% dos pardos disseram o mesmo. Em relação à discriminação perpetrada por amigos e vizinhos, os dados são similares aos do Rio: 43,9% entre pretos, 38,1% entre pardos e 30% entre brancos.

de “milhões de coisas”, destacando uma situação em que levou pedradas de desconhecidos na rua. Paulo, por sua vez, contou sobre um episódio em que apanhou de um homossexual por tê-lo paquerado, mas também mencionou duas situações em que só conseguiu escapar por ter corrido. Em ambas, desconhecia os agressores, embora na primeira acredite que talvez os agressores pudessem conhecê-lo:

“[...] Uma vez eu tava passando [...] num lugar que é meio ermo, né? Uma e pouco da manhã, parou um carro assim e passou, daqui a pouco ele vindo de ré, ‘Vamos pegar, vamos pegar’; acho que já me conheciam, porque eu passava sempre sozinho [por ali]. Aí tive que subir o morro, assim, correndo, porque cismaram com a minha cara [...] Graças a Deus, não chegaram a me pegar; nesse negócio de sebo nas canelas, de correr, eu sou bom, podia até ser velocista. E outra vez também, [...] tinha acabado de vir de uma festa de abertura de uma Parada Gay, foi tipo ano passado [...] Tinham várias pessoas, tinham umas travestis que foram também, [...] aí nisso parou um carro, pegou umas pedras, e eu tava observando... aí viu, achou que todo mundo fosse viado ali, aí começou a correr atrás; a gente teve que correr mesmo, pra não sofrer violência, de sangrar mesmo, entendeu? [...] Porque discriminação você até releva, mas violência você tem que correr ou tentar se defender [...]”

Em relação a esse ponto, recorro, mais uma vez, ao trabalho de Mason (2002). Dando continuidade à sua análise crítica, a autora retoma a discussão acerca da violência ao problematizar o conceito de interseccionalidade, questionando até que ponto ele seria capaz de trabalhar efetivamente a interação entre regimes de diferença na exteriorização e experiência dessa mesma violência. Para tal, a autora se utiliza de alguns relatos obtidos em seu campo, que refletiriam uma possível correlação entre gênero, raça e sexualidade na constituição de atos violentos.

De acordo com Mason, a adoção da interseccionalidade no pensamento feminista teria emergido como uma forma de compreender a relação entre violência e diferença a partir de uma perspectiva “anti-essencialista”, na medida em que reconheceria a diferença como uma soma de várias características (por exemplo, gênero e raça). No entanto, a autora acredita que a idéia de interseccionalidade não seria capaz de conceitualizar *a maneira pela qual* as identidades funcionam em conjunto, isto é, no lugar de se pensar em uma interseção, Mason propõe uma via alternativa: a *constituição mútua*. Dessa forma, distancia-se de uma vertente que supõe um corpo “natural” e pré-existente, sobre o qual diferentes qualidades iriam se agregando, e desenvolve um pensamento em que marcadores de diferença assumem um lugar instituinte, a partir do qual identidades se constituem de acordo com a marcação do território que, por sua vez, corporifica e reifica o poder. Em síntese, Mason adota um “modelo cultural de corpo”: gênero, raça e/ou sexualidade não estariam apenas em interseção uns com os outros, mas funcionariam como “veículos de articulação” entre si.

A autora exemplifica sua linha de raciocínio através de dois episódios envolvendo mulheres de origem asiática. No primeiro deles, uma violência física é efetivada a partir da constatação de que a vítima possuía traços orientais e estaria “invadindo o espaço” que não lhe pertencia. O ataque torna-se sexualizado quando os perpetradores constatarem que se tratava de uma mulher com características masculinas. No segundo, apesar da violência ter se restringido a ataques verbais (ainda que uma ameaça de violência física tenha sido insinuada), a acusação é similar, mas a partir de uma lógica oposta: a primeira constatação é que se trata de uma lésbica e, logo após, de uma lésbica *asiática*.

A partir destes exemplos, sugere a existência de um processo em que a violência se constrói através de uma estrutura de *sobreposição*. No primeiro caso, o incidente parece começar como um ataque racista, mas assim que a vítima é identificada como mulher, o contato físico torna-se sexualizado. A violência de gênero ocorre, assim, *através* de uma violência racista. No segundo caso, o território idealizado de feminilidade é que dá margem a uma violência racista. Em ambas as situações, porém, percebe-se que um determinado tipo de discriminação ou preconceito permite a articulação de outro – conclusão que não seria possível se cada categoria identitária fosse pensada isoladamente. Apesar disso, Mason assinala que o processo de constituição mútua não é de todo desprovido de problemas, pois raça, gênero e outras variáveis não só se articulam entre si, mas também “colidem” umas com as outras, em uma série de contradições e incomensurabilidades próprias a cada contexto.

Conforme apontado em alguns trechos deste trabalho, é certo que muito vem mudando no panorama da visibilidade homossexual. Além de conquistas em termos de leis, projetos de lei e jurisprudências, vivemos atualmente um período em que a exposição da sexualidade como um todo é muito maior. Embora ainda existam divergências, grupos de defesa dos direitos LGBT se organizaram por todo o país, e a articulação entre a esfera municipal, estadual, federal e internacional é uma realidade cada vez mais nítida (Vianna & Lacerda, 2004). Somado a isso, a ampla divulgação midiática de eventos organizados por esses grupos, bem como um número significativo de figuras conhecidas que já assumiram publicamente sua homossexualidade⁶¹ parecem

⁶¹ Embora no Brasil ainda existam poucas personalidades assumidamente homossexuais, um número crescente de atores, músicos e políticos vêm integrando esse rol, bem como personagens de televisão, tanto da rede aberta quanto da fechada. Sobre este último aspecto, Herman (2005) acredita que o debate envolvendo o impacto político de tais personagens torna-se cada vez mais importante, na medida em que a frequência de representações de gays e lésbicas na cultura popular aumenta.

estar contribuindo para que transformações positivas ocorram tanto no plano político quanto em um âmbito mais privado. Todavia, considero indispensável que estejamos alertas para não adotarmos uma postura demasiadamente “progressivista” no que tange a esses avanços, pois correríamos o risco de deixar de lado o mote central do que foi reivindicado neste capítulo: o viés estruturante que uma orientação homossexual ainda pode conferir ao trânsito do sujeito na medida em que põe em xeque valores e crenças extremamente arraigados na sociedade, tornando-o mais propenso a sofrer agressões físicas ou verbais, entre outras perdas sociais significativas. Como Giddens (1993) observa,

[...] O declínio da perversão pode ser compreendido como uma batalha parcialmente bem-sucedida sobre os direitos da auto-expressão no contexto do Estado democrático liberal. Ocorreram vitórias, mas as confrontações continuam e as liberdades alcançadas ainda poderiam ser plausivelmente coibidas por um movimento reacionário. Os homossexuais ainda enfrentam um preconceito profundamente enraizado e, muito comumente, uma violência aberta. Suas lutas emancipatórias encontram resistências talvez tão profundas quanto aquelas que continuam a obstruir o acesso das mulheres à igualdade social e econômica. (p. 44).

Considerações finais

Transpor para o papel idéias que chegam à mente muitas vezes de maneira repentina e pouco organizada não é tarefa fácil. Conjuguar essas idéias com uma abordagem teórica e informações provenientes de um trabalho empírico talvez seja ainda mais desafiador. No entanto, foi este o esforço que precisei empreender para que conseguisse conduzir a discussão até aqui.

Como Altman (1981) assinala, toda pesquisa que envolve o estudo do comportamento humano (e, arriscaria dizer, *qualquer* pesquisa) é afetada pelo viés do observador. Não à toa, o autor afirma ter se utilizado de componentes autobiográficos em muitos de seus escritos, e é enfático ao dizer que o verdadeiro papel de um cientista social é saber articular teoria e experiência de modo a compreender e transformar a sociedade em que vive. Aquele que escolhe se ocupar do humano deveria, portanto, preocupar-se mais em assumir o papel de um artista do que propriamente o de um cientista.

Guardadas as devidas proporções, acredito ter seguido por esse caminho durante a maior parte do tempo, especialmente em uma pesquisa como esta, que tem por base entrevistas com questões muito abertas e que vem desde o início tentando compreender as sutilezas de cada fala, sem dúvida alguma atravessadas pela interação entre pesquisador e “pesquisado”. Ainda que tenha tomado determinados cuidados metodológicos a fim de minimizar interferências que pudessem desviar-me daquilo que havia me proposto investigar, nem sempre consegui “controlar” o rumo que as conversas tomavam. Considero, entretanto, que eventuais “sinuosidades” mais ajudaram do que atrapalharam, pois no decorrer do meu campo, pude ir percebendo algo que já me havia sido dito (e que exponho com outras palavras na introdução) quando decidi trabalhar com entrevistas: no lugar de uma mera “coleta de dados” ou de um “aglomerado de informações”, é preciso tratá-las muito mais como uma troca ou, dito de outra forma, como uma construção baseada em uma ação de reciprocidade. Além disso, não há, conforme aponta Peirano (1995), maneira ideal de realizar um trabalho de campo. O “fazer antropológico” se constitui, antes de tudo, através de uma vinculação reflexiva entre teoria e pesquisa, mediando discursos e visões – e não através de paradigmas pré-estabelecidos.

Dado o exposto, decidi explorar nas entrevistas não só as experiências individuais dos informantes, mas também uma questão de caráter mais coletivo e de

grande valor no que concerne a indagações com as quais me vejo constantemente confrontado: suas percepções acerca dos dias atuais e as perspectivas que têm para o futuro em termos de direitos e conquistas políticas.

Para Rodrigo, que começou a perceber o que ele chama de “transformações sociais mais amplas” desde o início de suas práticas homoafetivas, hoje em dia há um “acolhimento” muito maior do que, por exemplo, dez anos atrás. Apesar de reconhecer que ainda existem “milhões de problemas” como a violência, sua visão é de um modo geral otimista:

“Isso é tematizado [...] Só de ser tematizado, eu acho que isso já é educativo, [...] só de as pessoas falarem sobre isso e viverem, conviverem, acho que isso já é ótimo. [É] um ambiente bem mais acolhedor, bem menos hostil do que era [...]”

Thiago, que conviveu de perto com a epidemia de AIDS em seu auge, atribui a ela um papel fundamental para que os homossexuais viessem a conquistar maior visibilidade, principalmente em virtude das campanhas promovidas pelo governo e do engajamento desse grupo nas mesmas, indo ao encontro de premissas teóricas previamente expostas:

“[...] Ser gay no início dos anos 80 implicava na questão da AIDS [...] Pra sociedade, se você era gay, você já era soropositivo [...] Foi nesse movimento que os gays começaram a aparecer, a discutir e querer transformar isso, a ter mais visibilidade [...] Não sei se existe alguma literatura, mas foi o que eu senti. Foi o que eu percebi, porque foi quando começaram inclusive políticas públicas de conscientização, do uso da camisinha, de comportamento, quando começaram a perceber que isso era uma questão de saúde pública. E esse movimento [...] teve seu impacto positivo. Tenho certeza disso [...]”

Quase todos afirmaram acreditar em uma melhora progressiva. Como se percebe nas falas de Rodrigo e Thiago, nos dias atuais já é possível verificar os efeitos das lutas que tiveram início décadas atrás. Bruno, por exemplo, diz:

“[...] Quanta gente tá lutando por isso, né? [...] Eu acho [...] que muitos homossexuais hoje andam de cabeça erguida porque a gente sabe dos nossos direitos [...]”

Carlos e Gabriel também demonstraram uma perspectiva positiva. Enquanto o primeiro deu destaque à maior “sensibilização” da questão no plano discursivo mais geral, para o segundo, as conquistas sociais aparecem muito ligadas às realizações pessoais:

“[...] Não sei se a gente tá engatinhando ou se a gente tá começando a andar, [...] mas a minha impressão, a minha convivência em relação a isso, com meus amigos, nesse meu universo, é que eu acho que assim, a gente já tá atingindo bastante coisa, sensibilizando... eu acho que as coisas estão sendo discutidas, mais faladas [...] Em que momento a gente poderia ver isso tão na mídia, tão exposto? [...] Acho que as coisas tão mudando. De um bom tempo pra cá, vêm mudando bastante [...] Nós vamos alcançar coisas bastante positivas, sim [...] Acho que a gente vai chegar ao menos numa coisa um pouquinho melhor.” (Carlos)

“[...] No Brasil, temos ganhos, mas ainda temos muito o que avançar [...] É engraçado, as pessoas discriminam muito os travestis, [...] mas são eles que tão lá na Alvorada, no Planalto Central, junto ao Presidente Lula, debatendo, falando de direitos [...] Eu admiro muito eles. Ainda tem sim, preconceitos. Infelizmente. [...] Mas vai mudar. É inegável a mudança [...] Algumas coisas me deixam pra baixo, mas [...] eu ganhei o respeito de todo mundo. É por isso que eu não quero abrir mão daquilo que eu conquistei.” (Gabriel)

Para Filipe, embora a visibilidade crescente possa estar gerando uma maior vulnerabilidade dos homossexuais face à violência, ele diz acreditar que tal fato seja apenas algo temporário, produto justamente de um menor medo de esconder a diferença:

“Eu acho que tá melhorando bastante [...] Mesmo com a questão da violência que a gente escuta, eu acho que isso é um sinal de que a gente tá melhorando, até [...] Se a gente ficasse escondido dentro de casa, ninguém ia lá dar uma porrada na gente, então se tão dando uma porrada na gente cada vez mais, é porque cada vez mais a gente tá saindo [...] Eu não acho que o Brasil vai ser uma Holanda da vida, tudo muito liberado, mas acho que as coisas vão melhorar muito. É aquele negócio: o gay saiu na rua e levou uma porrada, o outro saiu na rua, levou uma porrada, o outro já não levou; a porrada vai parar [...] Eu acho que é uma fase, acho que a questão da violência vai diminuir [...]”

Em vista dos aspectos abordados, acredito ter sido capaz de levantar problemas relevantes a uma compreensão (ou, pelo menos, uma tentativa de compreensão) das idiossincrasias e descontinuidades de uma questão tão corriqueira quanto complexa. Mais uma vez, creio ser preciso retomar a dicotomia exaustivamente trabalhada nesta dissertação: se por um lado é possível inferir que o “armário”, de fato, tem se feito presente como “a estrutura definidora da opressão gay no século XX” (Sedgwick, 2007, p. 26), por outro, são inegáveis as transformações a que temos assistido em termos de conquistas e visibilidade da população LGBT no cenário sócio-político brasileiro e internacional. Procurei, assim, agir com cautela no que concerne às experiências trabalhadas nesta curta etnografia, num esforço de contemplar o que Geertz (1978) chamou certa vez de “descrição densa”. Espero, portanto, ter contribuído para um maior aprofundamento da discussão contemporânea relativa ao *coming out*. É possível que algum dia este tema perca a importância que tem hoje, mas enquanto isto não ocorrer,

faz-se mister que continue a suscitar questionamentos, fomentando um debate crítico e respeitoso.

Referências

AGUIÃO, Sílvia. *Aqui nem todo mundo é igual: cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro*. 2007. Dissertação (mestrado)-Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ALTMAN, Dennis. *Coming out in the seventies*. Boston: Alyson, 1981.

BASTOS, Cristiana. A política da produção do conhecimento: o activismo de SIDA como novo movimento social. In: _____. *Ciência, poder, acção: as respostas à Sida*. Lisboa: ICS, 2002. p. 39-73.

BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1977.

BOURDIEU, Pierre. Algumas questões sobre o movimento gay e lésbico. In: _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 143-149.

_____. A ilusão biográfica. In: PEREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 183-191.

BULLOUGH, Vern. *Science in the bedroom: a history of sex research*. New York: Basic Books, 1995.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, n. 21, p. 219-260, 2003.

_____. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.

CARRARA, Sérgio et al. *Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa 9a. Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

_____. *Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa 9a. Parada do Orgulho GLBT – Pernambuco 2006*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007.

CARRARA, Sérgio; Ramos, Sílvia. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis -Revista de Saúde Coletiva*, v. 16, n. 2, p. 185-205, 2006.

_____. *Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa 9a. Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 65-99, 2007.

CHAUNCEY, George. Gay New York. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 125, p. 9-14, 1998.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EPSTEIN, Steven. Gay politics, ethnic identity: the limits of social constructionism. In: STEIN, Edward (Org.). *Forms of desire: sexual orientation and the social constructionism controversy*. New York: Routledge, 1992. p.239-293.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005a.

_____. O panoptismo. In: _____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2005b. p. 162-187.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982. p. 87-115.

GAGNON, John H. Reconsiderações: os relatórios Kinsey. In: _____. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 151-160.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978. p. 13-41.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONTIJO, Fabiano. Quem são os ‘simpatizantes’?: culturas identitárias homossexuais no Brasil urbano. *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, ano XI, n. 21, p. 1-6, 2004.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2006.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEGNA, Kristinn. Coming out, coming into what?: identification and risks in the ‘coming out’ story of a Norwegian late adolescent gay man. *Sexualities*, v. 10, n. 5, p. 582-602, 2007.

HEREK, Gregory M. Beyond ‘homophobia’: thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research & Social Policy*, v. 1, n. 2, p. 6-24, 2004.

- HERMAN, Didi. 'I'm gay': declarations, desire, and coming out on prime-time television". *Sexualities*, v. 8, n. 1, p. 7-29, 2005.
- KIMMEL, Michael S. Masculinity as homophobia: fear, shame and silence in the construction of gender identity. In: WHITEHEAD, Stephen; BARRETT, Frank (Org.). *The masculinities reader*. Cambridge: Polity Press, 2001. p. 266-287.
- LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. *Rev. Saúde Pública*, v. 18, n. 5, p. 344-347, 1984.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas: Unicamp, 1990.
- MASON, Gail. *The spectacle of violence: homophobia, gender and knowledge*. London: Routledge, 2002.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974. p. 209-234.
- MAY, Tim. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MCINTOSH, Mary. The homosexual role. *Social Problems*, n. 16, p. 182-192, 1968.
- MINAYO, Maria Cecília. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, n. 10, supl. 1, p. 7-18, 1994.
- MISKOLCI, Richard. Ameaças do presente. *Cadernos Pagu*, n. 21, p. 327-333, 2003.
- MOTT, Luiz. *Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2000.
- NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 16, p. 115-132, jun. 2006.
- NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. p. 7-21.

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Corpos, prazeres e paixões*. São Paulo: Best Seller, 1991. p. 205-242.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 54-76.

_____. *Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

REZENDE, Claudia Barcellos. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

REYNOLDS, Robert. Postmodernizing the closet. *Sexualities*, v. 2, n. 3, p. 346-349, 1999.

RUBIN, Gayle. Studying sexual subcultures: excavating the ethnography of gay communities in Urban North America. In: LEWIN, Ellen; LEAP, William (Org.). *Out in theory: the emergence of lesbian and gay anthropology*. Chicago: University of Illinois Press, 2002. p. 17-68.

_____. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle A.; HALPERIN, David M. (Org.). *The lesbian and gay studies reader*. London: Routledge, 1993. p. 3-44.

SEARS, James T. (Org.). *Gay, lesbian and transgender issues in education: programs, policies and practice*. New York: Hawort, 2005.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 19-54, 2007.

SEIDMAN, Steven; MEEKS, Chet; TRASCHEN, Francie. Beyond the closet?: the changing social meaning of homosexuality in the United States. *Sexualities*, v. 2, n. 1, p. 9-34, 1999.

SHERIFF, Robin E. Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca. In: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Claudia Barcellos (Org.). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 213-237.

TERTO JUNIOR, Veriano. Homossexualidade e saúde: desafios para terceira década de epidemia de HIV/AIDS. *Horizontes Antropológicos*, ano 8, n. 17, p. 147-158, jun. 2002.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 11-19.

VIANNA, Adriana; LACERDA, Paula. *Direitos e políticas sexuais no Brasil: o panorama atual*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.

WEEKS, Jeffrey. Questions of identity. In: CAPLAN, Pat (Org.). *The cultural construction of sexuality*. London: Routledge, 1987. p. 32-51.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, jul./dez. 2001.

YOSHINO, Kenji. *Covering: the hidden assault on our civil rights*. New York: Random House, 2006.

APÊNDICE A – Perfil dos informantes

| Nome | Idade | Profissão | Escolaridade | Situação de Relacionamento | Religião atual | Cor / Raça auto-atribuída | Militante? |
|----------------|-------|---------------------------------|-----------------|----------------------------|----------------|---------------------------|------------|
| Rodrigo | 27 | Psicólogo / Pesquisador | Sup. completo | Namorando | Não possui | Mestiço | Não |
| Thiago | 42 | Enfermeiro | Sup. completo | Morando junto | Candomblecista | Branco | Não |
| Rafael | 27 | Papiloscopista | Sup. completo | Morando junto | Não possui | Branco | Não |
| Filipe | 26 | Analista financeiro | Sup. incompleto | Morando junto | Não possui | Pele-vermelha | Não (Ex) |
| Bruno | 32 | Veterinário / Pesquisador | Sup. completo | Namorando | Protestante | Pardo | Não |
| Paulo | 30 | Pesquisador | 2º grau técnico | Solteiro | Não possui | Negro | Sim |
| Carlos | 36 | Pesquisador / Produtor cultural | Sup. completo | Morando junto | Messiânico | Negro | Sim |
| Gabriel | 29 | Psicólogo | Sup. completo | Solteiro | Espírita | Branco | Não |
| João | 35 | Cientista Político | Sup. completo | Morando junto | Não possui | Negro | Não |

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

1. Dados pessoais

- Breve história (idade, profissão etc.)
- Relação com a família
- Relação com os amigos
- Ambiente de trabalho/estudo

2. Orientação sexual e sexualidade

- Breve história
- Auto-definição (gay, homossexual, entendido etc.)
- Vida afetivo-sexual

3. Sociabilidade, preconceito e estratégias de ocultamento/visibilidade

- O processo de “saída do armário”
- Comportamento em espaços públicos (manifestações de afeto, cuidados etc.)
- Relação com o “circuito gay” (bares, boates etc.)
- Já foi vítima de discriminação/preconceito/violência? De que tipo(s)?

4. Dados adicionais

- Cor/Raça
- Religião

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)